



PROFHISTÓRIA

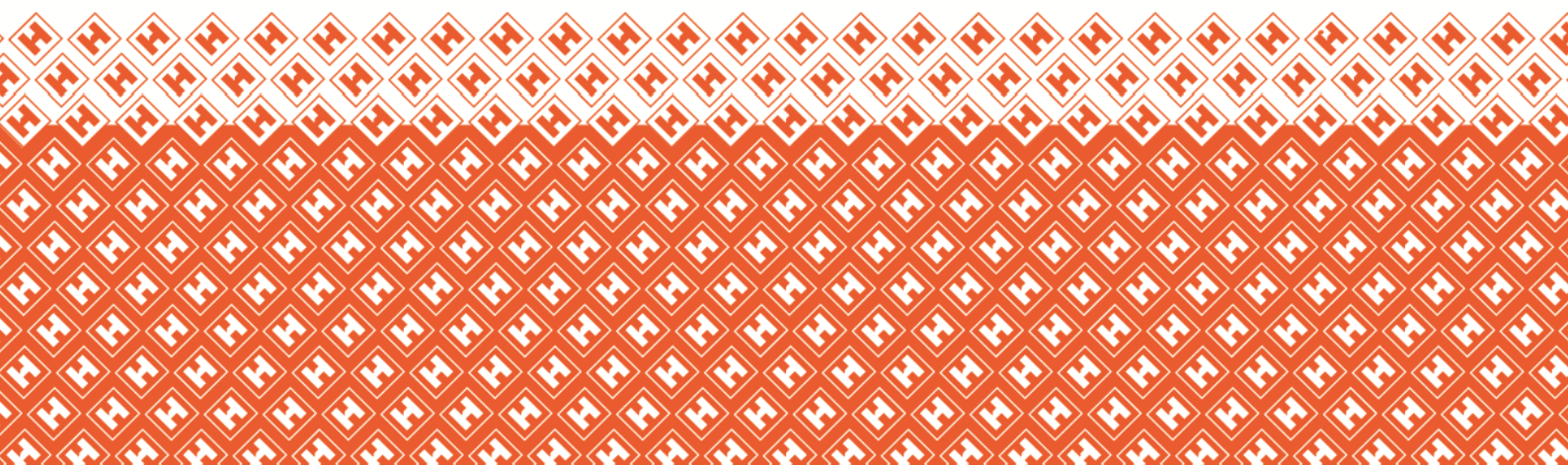
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

EDILSON DE OLIVEIRA RANGEL

João Cândido e Almirante Negro: disputas
de memória e sensibilização para o local

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
(UNIRIO)

Outubro/2020



**JOÃO CÂNDIDO E ALMIRANTE NEGRO: DISPUTAS DE MEMÓRIA E
SENSIBILIZAÇÃO PARA O LOCAL**

EDILSON DE OLIVEIRA RANGEL

**Dissertação submetida à banca examinadora
como parte dos requisitos para a obtenção do
título de Mestre em Ensino de História pelo
Mestrado Profissional em Ensino de História –
ProfHistória.**

Orientador: Prof. Dr. Marcelo de Souza Magalhães

RIO DE JANEIRO

2020

**JOÃO CÂNDIDO E ALMIRANTE NEGRO: DISPUTAS DE MEMÓRIA E
SENSIBILIZAÇÃO PARA O LOCAL**

Edilson de Oliveira Rangel

**Dissertação submetida à banca examinadora
como parte dos requisitos para a obtenção do
título de Mestre em Ensino de História pelo
Mestrado Profissional em Ensino de História –
ProfHistória.**

Prof. Dr. Marcelo de Souza Magalhães (Orientador)

Profa. Dra. Marcia de Almeida Gonçalves - UERJ (Titular)

Profa. Dra. Anita Correia de Lima Almeida - UNIRIO (Titular)

Prof. Dr. Luís Reznik - UERJ (Suplente)

RIO DE JANEIRO

2020

Dedico esta pesquisa a todos que acreditam na educação como um importante instrumento de transformação social, pessoal e coletiva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que sempre se faz presente em todos os momentos da minha vida, me confortando nos momentos difíceis e me protegendo por todos os caminhos que preciso trilhar.

Aos meus pais que me educaram com a genialidade dos simples e com tanto amor que ainda posso sentir a presença afetuosa deles mesmo não estando mais fisicamente comigo.

A minha esposa e companheira Nádia pelo incentivo, apoio e orientações. Meu caminho teria sido muito mais árduo se você não estivesse ao meu lado. Sabemos quantos ensinamentos e sacrifícios foram necessários ao longo dessa jornada. Obrigado. Essa conquista é nossa. Amo você.

Aos meus filhos que foram e, sempre serão, minha maior fonte de inspiração. Obrigado por entenderem a necessidade de minhas ausências, mas garanto que só estava longe fisicamente.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES pela bolsa de estudos sem a qual seria muito difícil conciliar as pesquisas do mestrado com o trabalho de sala de aula. Torço para que mais professores tenham acesso a esse importante financiamento.

À professora Vera Borges que me indicou os primeiros passos no caminho que agora se encerra. Ao professor Marcelo Magalhães, meu orientador, que com extrema competência criou as condições necessárias para apresentarmos esse trabalho. Agradeço as orientações ao longo do percurso e desejo sucesso em sua caminhada.

Aos professores e alunos que participaram do projeto minha eterna gratidão e carinho.

À coordenação do ProfHistória Unirio, aos professores e colegas de classe que me ajudaram na caminhada.

O conhecimento a que ela (história escolar) visa tem relação com o objetivo de fundo de toda historiografia: suprir a carência de orientação no mundo. Para tanto é preciso construir leituras sobre o mundo e sobre si capazes de favorecer o sentimento de identidade (por conseguinte, de pertencimento) e, ao mesmo tempo, a capacidade crítica para reconhecer e lidar com as diferenças e situá-las no tempo (ou seja, situá-las historicamente). Nesse sentido, pode-se dizer que o objetivo da história escolar é ensinar/aprender a pensar historicamente, rompendo com as naturalizações e abrindo o horizonte de expectativas.

ROCHA, MAGALHÃES, GONTIJO. A aula como texto: historiografia e ensino de história (2019, p. 16).

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar as possibilidades de elaborarmos aulas de história mais significativas a partir da construção de uma identidade com o local por meio do uso de personagens que possibilitem formas de identificação com os discentes. A partir do processo de disputa de memórias em relação ao personagem João Cândido Felisberto, o “Almirante Negro”, líder da Revolta da Chibata e seu processo de heroificação realizado no município de São João de Meriti, local onde o mesmo viveu por mais de 30 anos e amparados na Lei n. 10.639/03, alterada pela Lei n. 11.645/08, que torna obrigatório nas escolas públicas e particulares do Brasil a discussão sobre as questões raciais, buscamos apresentar projetos relacionados ao tema para alunos do ensino fundamental, ensino médio e, em especial, na educação de jovens e adultos, discentes das mais diversas faixas etárias e condições sociais. Acreditamos que a pesquisa apresenta novas possibilidades para trabalharmos conteúdos escolares de história que podem ser realizados de forma colaborativa por praticamente todas as disciplinas escolares, tornando as aulas mais significativas, interativas e participativas, sem abrir mão dos conteúdos previstos.

Palavras-chave: Ensino de História – Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Aprendizagem histórica – Saberes e práticas no espaço escolar – Cidadania e identidade social.

ABSTRACT

The present dissertation aims to analyze the possibilities of elaborating history classes more significant from the construction of an identity with the place with the use of characters that enable forms of identification with the students. From the process of dispute of memories in relation to the character João Cândido Felisberto, the "Black Admiral", leader of the revolt of the lash and his process of heroification carried out in the municipality of São João de Meriti, where he lived for over 30 years and supported by Law n. 10,639/03, as amended by Law n. 11,645/08 which makes it compulsory in public schools and particular Brazil the discussion on racial issues we seek to present projects related to the theme for elementary school, high school and, in particular, youth and adult education, students of the more diverse age groups and social conditions. We believe that the research presents new possibilities to work on school history content that can be collaboratively carried out by practically all school subjects making the classes more meaningful, interactive and participative without to give up the foreseen contents.

Key- words: Teaching History – Education of teenagers and adults (EJA) – Historical Learning – Knowledge and practices in the school space – Citizenship and social identity

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: João Cândido é escoltado até a Ilha das Cobras para ser preso. Foto do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro	54
IMAGEM 2: Charge de A Careta em novembro de 1910.	56
IMAGEM 3: Visita a estátua de Tiradentes em frente à Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro no centro da cidade.....	63
IMAGEM 4: Apresentação da turma 302 da encenação sobre João Cândido na semana da Consciência Negra.	86
IMAGEM 5: Reunião de planejamento dos alunos	93
IMAGEM 6: Crachá elaborado pelos alunos para os integrantes da peça	95
IMAGEM 7: Apresentação da peça no palco pelos alunos	96
IMAGEM 8: Encenação da peça no auditório da escola	97

LISTA DE MAPAS

- MAPA 1:** Mapa Colaborativo com marcação de pontos – casa e escola – Fonte: própria. 68
- MAPA 2:** Mapa Colaborativo com ficha dos pontos cadastrados. – Fonte: própria. 68

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Ficha de entrevista	76
TABELA 2: Ficha de entrevista	87

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Percentual: Moradia	78
GRÁFICO 2: Percentual: Formação	79
GRÁFICO 3: Percentual: Idade	79
GRÁFICO 4: Percentual: Você acredita que algumas pessoas podem ser consideradas heróis?	80
GRÁFICO 5: Percentual: Você acredita que possam existir heróis que fizeram parte da nossa História?	80
GRÁFICO 6: Percentual: Qual ou quais personagens abaixo você poderia considerar um Herói?	81
GRÁFICO 7: Percentual: Qual ou quais dos eventos históricos abaixo ocorridos no Brasil você conhece?	81
GRÁFICO 8: Percentual: Qual ou quais dos eventos históricos abaixo ocorreu no Rio de Janeiro?	82
GRÁFICO 9: Percentual: Você sabia que um dos heróis nacionais citados anteriormente foi morador do Município de São João de Meriti?	82
GRÁFICO 10: Percentual: Moradia	88
GRÁFICO 11: Percentual: Formação	88
GRÁFICO 12: Percentual: Idade	89
GRÁFICO 13: Percentual: Você acredita que algumas pessoas podem ser consideradas heróis?	89
GRÁFICO 14: Percentual: Você acredita que possam existir heróis que fizeram parte da nossa História?	89
GRÁFICO 15: Percentual: Qual ou quais personagens abaixo você poderia considerar um Herói?	90
GRÁFICO 16: Percentual: Qual ou quais dos eventos históricos abaixo ocorridos no Brasil você conhece?	91
GRÁFICO 17: Percentual: Qual ou quais dos eventos históricos abaixo ocorreu no Rio de Janeiro?	91
GRÁFICO 18: Percentual: Você sabia que um dos heróis nacionais citados anteriormente foi morador do Município de São João de Meriti?	92

SUMÁRIO

Introdução	15
Capítulo 1 - João Cândido e a Revolta da Chibata: o herói e o vilão	20
1.1 A Revolta da Chibata e seus desdobramentos	21
1.2 O mito João Cândido: construção e desconstrução	34
1.3 A apropriação da figura de João Cândido pelos grupos organizados do município de São João de Meriti	40
Capítulo 2 – Representações e práticas representativas	44
2.1 História e constituição de heróis: processo de heroificação	46
2.2 Memória e identidade: João Cândido e o Almirante Negro	52
Capítulo 3 – O processo de ensino e aprendizagem a partir de experiências educativas	59
3.1 A educação como instrumento de transformação social: experiências docentes no município de São João de Meriti	62
3.2 O não conhecer a si mesmo: uma discussão sobre a carência de estudos sobre a história local	70
3.3 Ações positivas: João Cândido e os alunos da Baixada Fluminense: a possibilidade de ressignificar a identidade com o local a partir da História de seu ilustre morador	73
3.3.1 . Ações positivas: descobrindo e redescobrimo João Cândido no projeto desenvolvido em uma escola pública da rede estadual de ensino em São João de Meriti	75
3.3.2. Ações positivas: descobrindo e redescobrimo João Cândido no projeto desenvolvido em uma escola particular de ensino em São João de Meriti	87
Conclusão	99
Referências	101
Apêndice	105

INTRODUÇÃO

A atividade docente exige dos profissionais que atuam nessa área qualidades que estão além dos conteúdos a serem ministrados. Não é incomum ouvirmos de colegas suas frustrações após terem elaborado planos de aula a partir de longas pesquisas e com o uso dos mais diversos materiais didáticos que não conseguiram despertar nos alunos o mínimo interesse sobre determinado tema. Sabemos que no processo de ensino-aprendizagem, entre o que se planeja ensinar e o que é a aula de fato para os alunos, existe uma série de fatores que o condicionam, como o tamanho das turmas, as condições materiais das mesmas, a faixa etária do público alvo, as condições sociais onde a escola e o corpo discente estão inseridos, o tempo de duração das aulas e como as mesmas foram distribuídas. Além disso, as condições oferecidas aos professores, como salários, benefícios e motivações também interferem nesse processo.

Entretanto, a experiência docente nos mostra que mesmo possuindo a maioria das condições citadas não é possível garantir a qualidade do ensino e que os objetivos propostos serão alcançados. Acreditamos que no processo de ensino-aprendizagem é fundamental que os discentes se apropriem, criem formas de identificação com os conteúdos para que passem a ter sentido e, tendo sentido, possibilitem dar significado as suas próprias historicidades, no sentido de se perceberem como partícipes do processo histórico e não apenas como espectadores de fenômenos cuja as causas e consequências estão distantes de suas realidades.

Em 2007, após aprovação em concurso público para a rede estadual de educação, assumi a regência de turmas dos anos finais do ensino fundamental em uma escola do município de São de Meriti. Na atividade docente percebi que as questões relacionadas a necessidade dos alunos de se apropriarem dos conteúdos eram ainda mais latentes. Além disso, havia um sentimento de recusa e desprezo por toda e qualquer forma de identidade pessoal e local. A história era vista por eles apenas como uma matéria cujo objetivo era narrar fatos passados que pouca ou nenhuma relação tinham com suas vidas. O município um lugar desprezível que nada tinha a oferecer além de paisagens deploráveis, violência, exclusão, preconceito e discriminação. Um discurso frequentemente utilizado no senso comum de que a Baixada Fluminense era um lugar perigoso em que imperam a violência e a ausência do Estado parece ter sido apropriado por boa parte dos alunos e seus responsáveis.

A partir dessas questões norteadoras busquei desenvolver mecanismos que possibilitassem melhores formas de apreensão dos conteúdos e, ao mesmo tempo, apresentar aos alunos novas formas de enxergar a matéria de História e o local onde vivem, permitindo novas ressignificações e formas de encarar suas próprias identidades.

Não sendo morador do município foi necessário conhecer a realidade vivenciada pelos profissionais que atuam na educação e pelos moradores em geral. Utilizamos projetos como principal canal diagnóstico do que se buscava entender. Os projetos possibilitaram uma maior participação dos alunos, além de permitirem as mais diversas formas de apresentação dos conteúdos, tornando-os mais atrativos e interessantes.

Ancorados na Lei n. 10.639/03, alterada pela Lei n. 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio, realizamos uma série de atividades que tinham como eixo principal a possibilidade de ressignificação com o local, ou seja, com a identidade construída pelos alunos em relação ao local em que vivem.

A partir de 2011 passei a fazer parte da equipe que atuava na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e pouco tempo depois passei a lecionar na rede particular de ensino do município. Apesar das novas realidades as mesmas questões permaneciam. Entre os adultos, além das questões anteriormente abordadas, percebia-se um interesse maior na diplomação do que na apreensão dos conteúdos. Entre os mais jovens da rede particular percebemos uma verdadeira repulsa ao município e um interesse histórico apenas relacionado ao que poderia ser objeto de avaliação em concursos como o ENEM. As experiências adquiridas com os projetos, o trabalho desenvolvido na sala de aula ao longo dos últimos anos e os debates realizados, principalmente, no primeiro ano do mestrado profissional serviram de base para a dissertação. Acreditamos na possibilidade de uma ressignificação do estudo da História pelos alunos a partir do uso da história local ou de personagens que permitam formas de identificação com os mesmos ou, de forma mais abrangente, personagens que possam fazer parte do processo de identidade com o local.

A partir dessas questões propomos como o objeto de estudo a análise das possibilidades de construirmos pontes entre os discentes e os conteúdos a serem ensinados em História a partir de projetos que visam a identificação com o local, por meio da utilização de um personagem que se encontra inserido em um processo de heroificação, trata-se de João Cândido Felisberto. Nos últimos anos busca-se dar cada vez mais notoriedade a esse personagem no município de São João de Meriti. Negro, pobre,

morador do bairro de Vila Rosali por mais de 30 anos foi declarado, entre uma série de outras medidas, herói municipal pelo Decreto n. 6406, de 4 de setembro de 2020.

Líder da Revolta da Chibata, movimento vitorioso realizado por praças da marinha que, entre outras medidas, lutavam pelo fim dos castigos físicos humilhantes como a chibata em um Brasil cuja escravidão havia sido abolida a mais de 20 anos, João Cândido encontra-se em meio a uma disputa de memórias em relação a sua figura. O processo de construção e desconstrução de sua imagem como herói local e nacional também será objeto de análise dessa dissertação. Junto a isso, analisaremos outros processos de heroificação que nos permitirá uma melhor compreensão do movimento pelo qual o personagem Almirante Negro passa no município. Por fim, refletiremos sobre os resultados de um trabalho de intervenção pedagógica cujo objetivo era analisar as possibilidades de apropriação histórica dos alunos a partir desse personagem.

No capítulo 1, *João Cândido e a Revolta da Chibata: o herói e o vilão*, será apresentado o movimento a partir de duas perspectivas. A primeira que defendia a legitimidade do mesmo e enaltece o comando de João Cândido. A segunda consiste em uma crítica contundente a revolta e as ações do governo durante e após o movimento. Visões preconceituosas também estarão presentes ao longo do capítulo. Destacaremos o papel do jornalista Edmar Morel, que, em sua importante pesquisa, trouxe de volta ao palco de discussões, as vésperas do golpe civil-militar de 1964, o movimento e João Cândido. A ele devemos a mudança do nome do movimento de revolta dos marinheiros para revolta da chibata. A possibilidade de enxergarmos o personagem como herói, desenvolvida por Morel, nos leva a necessidade de uma reflexão sobre alguns processos de heroificação ao longo de nossa história. Disputas por um lugar no Panteão dos heróis brasileiros, como as travadas por defensores de Tiradentes, Frei Caneca, Osório Duque Estrada e Caxias também estarão presentes no capítulo.

O capítulo 2, *Representação e práticas representativas*, inicia com uma discussão sobre as questões relacionadas ao mito da cordialidade e sua falta de legitimidade ao verificarmos a formação histórica do Brasil e as características da sociedade. Conheceremos João Mulungu, o “Zumbi sergipano”, que, após ter sido declarado herói municipal e estadual, sofreu um forte ataque pela academia que não aprovou sua indicação para o Panteão local. Apesar disso, ele permaneceu sendo cultuado, pelo fato de ter “caído no gosto popular”. Essa tentativa de construção e desconstrução da memória do personagem João Mulungu nos permitirá analisar a relação entre os limites do que se

pretende com os processos de heroificação e como os processos de identificação podem ser construídos a partir de questões que estão além da vontade de determinados grupos.

No processo de heroificação do personagem principal dessa dissertação foi possível perceber entre os trabalhos pesquisados duas figuras que em alguns momentos diferenciavam-se de forma significativa: o Almirante Negro e João Cândido. Durante sua longa vida (ele morre aos 89 anos) João Cândido defende ideias e faz escolhas que surpreendem aqueles que o enxergam como um herói da esquerda ou das comunidades negras, como ao defender o golpe civil-militar de 1964 em uma de suas últimas entrevistas ou ao se filiar ao movimento integralista. Compreender as dificuldades em enxergar João Cândido como um homem comum do seu tempo poderá lançar luz sobre a escolha e o papel dos heróis na sociedade.

Finalmente, no capítulo 3, *O processo de ensino e aprendizagem a partir de experiências educativas*, veremos o caminho pelo qual percorri até chegar ao objeto dessa dissertação. Vamos buscar entender quem são nossos alunos, os desafios que precisam enfrentar na busca de uma educação que possa fazer sentido em suas vidas, suas principais motivações. Apresentaremos projetos como as visitas guiadas ao centro da cidade do Rio de Janeiro que para muitos alunos, que passavam diariamente pela região para ir e voltar do trabalho, permitiram a construção de um novo olhar sobre a cidade. Apresentaremos também projetos desenvolvidos em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), como o Museu da Pessoa e os Mapas colaborativos. Projetos que abriram possibilidades para criarmos aulas mais interativas e atraentes e para conhecermos melhor a realidade social na qual os alunos estão inseridos.

Diante das dificuldades enfrentadas para encontrarmos documentação relativa à história do município, buscamos levantar material mínimo com o qual fosse possível discutir a construção do olhar negativo em relação a Baixada Fluminense e, em especial, ao município de São João de Meriti.

Na última parte do capítulo vamos apresentar o projeto descobrindo e redescobrimo João Cândido em uma escola pública e particular do município de São João de Meriti. Sob a minha supervisão foi desenvolvido pelos próprios alunos com a orientação de professores de diversas áreas, buscamos perceber as possibilidades abertas para criarmos uma educação inclusiva e construirmos formas de sensibilização para o local. Reuniões organizadas pelos discentes, entrevistas, planejamento e elaboração das apresentações e depoimentos dos mesmos servirão de base para a análise das

possibilidades que esses projetos podem oferecer aos professores de diversas áreas de ensino.

I

João Cândido e a Revolta da Chibata: o herói e o vilão

O trabalho do professor de História no ambiente escolar, além dos desafios comuns a profissão docente discutidos pela literatura, mas que ainda não apresentou respostas definitivas, também enfrenta o desafio de dar sentido ao que se ensina. É preciso demonstrar que a partir da análise e discussão dos fatos ocorridos no passado podemos compreender melhor nosso presente. Com esse princípio, a partir da vida e obra de um importante personagem de nossa história, na dissertação, analisaremos a possibilidade de construir uma identidade com o local buscando criar uma ponte entre a história e os discentes do município de São João de Meriti.

Consideramos a vida de João Cândido, com destaque para a sua participação na Revolta da Chibata e seus principais desdobramentos, como uma forma possível para colaborar no processo de identidade dos alunos e com o município onde residem. Morador de São João de Meriti por mais de 30 anos, reconhecido como herói¹ pelo poder público, ele ainda é pouco conhecido pelos estudantes locais. As disputas de memória em relação a sua história e seu papel na Revolta da Chibata permiti-nos pensar os processos de construção dos heróis em nossa história. O que é necessário para que determinado personagem histórico seja considerado um herói? Quais as características (qualificações) para ser reconhecido como tal? Em que medida figuras como Tiradentes e Caxias, heróis consagrados da história nacional, se diferenciam de João Cândido nas questões relacionadas à construção dos mitos?

Nos dias atuais, em que determinados grupos no poder buscam impor suas ideias sobre outros e que, a partir de um discurso dito ideológico, procuram criar suas próprias “verdades”, limitando o debate, que é um dos pilares da democracia, faz-se necessário que o professor de história e o historiador levem os alunos a uma reflexão mais ampla e construtiva, que possibilite a formação de cidadãos cientes de sua importância, apesar da aparente fraqueza perante esses grupos.

¹ Diversas ações citadas anteriormente comprovam essa visão. Destaque para a Lei 11.756 de 23 de julho de 2008 na qual o presidente Luiz Inácio Lula da Silva concedeu anistia post mortem a João Cândido reconhecendo como um ato heroico a luta pelo fim de castigos físicos humilhantes e diretamente relacionados ao período da escravidão. O conceito histórico de herói e/ou mito será discutido ao longo da dissertação.

1.1 A Revolta da Chibata e seus desdobramentos

Sobre o levante da marinhagem, felizmente acabado, parece que o melhor é nada mais dizer. O país só tem a lucrar com o silêncio geral sobre esse fato. Na vida dos povos, como na dos indivíduos, há lembranças que se deseja apagar de todo, pela tristeza, pelo vexame, pela aflição que despertam. Para o Brasil a revolta dos marujos é uma delas. Não vale a pena analisar a solução que se lhe deu, as circunstâncias materiais e psicológicas que a determinaram. Foi um pesadelo que nos estonteou, que nos oprimiu, que nos pôs em alucinada agitação.²

A anistia, reconhecemos, foi uma capitulação dos poderes públicos, e como toda capitulação, deplorável. Melhor teria sido que ela nunca viesse a figurar em nossa história. Mas, incontestavelmente, foi remédio extremo para extremo mal. A resistência, com os elementos nulos de que dispunha o governo, seria o sacrifício inútil de vidas, acompanhado de enormes prejuízos para a fortuna pública e particular. Seria, enfim, um atentado, uma loucura, que deixaria muito mal os que a resolvessem perante a nação no presente e na posteridade, no futuro. Não se arrependam os que concorreram para a anistia; e, voltada a calma e a razão aos que se sentem magoados por ela nos seus próprios brios e os brios da nação, o que lhes cumpre e a todos é trabalhar para que, de futuro, ... não realizem tristíssimos vaticínios, que anda por aí, quanto aos efeitos funestos da medida salvadora, única que a situação permitiu tomar. GIL VIDAL.³

Esses dois trechos, publicados na primeira página de *O Paiz e Correio da Manhã* do dia 28 de novembro, permitem perceber as disputas de memória em relação ao significado do movimento. No primeiro texto, não há o que se aprender tanto em relação aos mecanismos utilizados pelos marinheiros na luta por mudanças consideradas justas, apoiadas no início por uma boa parcela da opinião pública, quanto em relação a anistia votada a toque de caixa e aprovada pelo governo - “há lembranças que se deseja apagar de todo”. O texto publicado em *O Paiz* retira do levante e de seus desdobramentos a capacidade de, pelo menos, deixar algum ensinamento para as gerações futuras. Futuro, inclusive, é o termo repetidamente utilizado por Gil Vidal nas suas impressões sobre como se deveria enxergar o fim da revolta após assinada a anistia. Essa valorização da importância das lições que poderiam ser aprendidas com o levante da marujada torna-se

² *O Paiz*, 28/11/1910.

³ *Correio da Manhã*, 28/11/1910.

ainda mais significativa nas palavras de um homem que usava a sua coluna para criticar sistematicamente a candidatura e o governo de Hermes da Fonseca.⁴

Essas são as disputas que o capítulo pretende apresentar e compreender. A Revolta da Chibata têm sido, há mais de cem anos, um espaço pleno para a compressão das lutas internas da sociedade brasileira. Poder, legitimidade, direito, deveres, valores, submissão, moral e limites são termos que têm seus sentidos alterados ao longo do tempo e dos interesses dos diversos grupos que lutam pela manutenção do *status quo* e por aqueles que buscam mudanças em uma sociedade marcada pela desigualdade histórica que de forma permanente e insistente se reinventa.

Ao trabalhar com o material sobre a Revolta da Chibata, ocorrida em 1910, encontramos grande número de artigos, livros e vídeos, muitos foram produzidos no calor dos acontecimentos. Jornais da época discutiam as causas do movimento e seus principais desdobramentos. A eles devemos a quantidade significativa de fontes que permitem uma análise não só do levante dos marinheiros de 1910, como das características da sociedade brasileira, em especial da carioca, no início do século XX.

(...) já centenária, a imprensa da cidade vai contribuir de maneira significativa na divulgação, análise e denúncias, com fotos, caricaturas e artigos de opinião sobre os acontecimentos mais variados e surpreendentes que se produziam. A Revolta da Chibata terá uma das mais significativas participações da imprensa que a tornarão visível aos olhos de todo o Brasil e fonte documental importante para os historiadores. (FERREIRA, 2010, p.14)

Dessa forma, compreender as características dos periódicos da época pode lançar luz no processo de construção e desconstrução da Revolta da Chibata e da importância, ou não, de João Cândido no movimento. Segundo Vera Borges, os principais jornais das primeiras décadas da República foram o *Jornal do Brasil*, o *Correio da Manhã*, a *Gazeta de Notícias*, o *Paiz*, o *Jornal do Comércio*, o satírico *O Malho*, o jornal humorístico *Careta* e o tradicional jornal *A Imprensa*⁵. Deve-se ressaltar que a autora busca compor em sua pesquisa os elementos necessários para compreender a importância do papel

⁴ BORGES, Vera Lúcia. *A batalha eleitoral de 1910: imprensa e cultura política na Primeira República*. Capítulo 1.4 A grande imprensa periódica carioca. Pg 98. Rio de Janeiro: Apicuri/FAPERJ, 2011.

⁵ BORGES, Vera Lúcia. *A batalha eleitoral de 1910: imprensa e cultura política na Primeira República*. Rio de Janeiro: Apicuri/FAPERJ, 2011, p. 92-107.

desses periódicos durante o processo eleitoral de 1909-1910, que contou com grande participação popular e culminou com a vitória de Hermes da Fonseca. Ainda assim, é possível, a partir desse estudo, compreendermos a visão desses jornais em relação ao levante e como isso refletiu na opinião pública em geral e no trabalho dos historiadores em particular.

O uso político desses jornais fica claro pela participação direta de colaboradores como Gil Vidal, que concomitantemente ao trabalho jornalístico manteve uma ativa vida política.

Gil Vidal, cujo nome verdadeiro era Pedro Leão Vellozo Filho, nasceu em 1856, na Bahia, e formou-se em direito na faculdade do Recife. A princípio foi fazendeiro em São Paulo e, depois, exerceu a profissão de advogado, professor de direito, juiz, e promotor público. Além disso, foi presidente da província de Alagoas de julho a agosto de 1888, chefe de polícia do Paraná em 1884 e de São Paulo. (BORGES, 2011, p. 97)

Outro bom exemplo é Rui Barbosa, político extremamente influente que teve participação direta nos desdobramentos da Revolta da Chibata. O *Jornal do Brasil*, fundado na cidade do Rio de Janeiro em 1891, foi comprado por ele no ano seguinte, 1892. Foi ainda redator-chefe do jornal *O Paiz*. O uso dos periódicos como campo para as disputas políticas influenciou diretamente as publicações das matérias relacionadas ao levante iniciado em 22 de novembro.

Estudando a revolta sob o olhar da imprensa, observa-se que redatores, fotógrafos e caricaturistas acabaram exprimindo suas impressões pessoais sobre ela nos jornais, buscando exercer influência perante a opinião pública e, em regra, revelando concordância com a linha de pensamento e os parâmetros das organizações em que atuavam. (SOUSA, 2012, p.35)

O papel fundamental da imprensa em relação ao material sobre a Revolta da Chibata leva a busca de uma maior compreensão dessa imprensa e seus possíveis interesses em relação ao movimento. Sousa afirma:

Lima Barreto tem como tema uma visão crítica acerca da imprensa brasileira, dos jornalistas em particular, e seus traços marcantes: hipocrisia, corrupção, moralismo e desonestidade. No enredo desse livro autobiográfico, Lima Barreto apresenta,

literariamente, aspectos da realidade social e do que se passava no jornalismo da época segundo sua ótica. (SOUSA, 2012, p.33)

A imprensa brasileira, no final do século XIX e início do XX, passou por um amplo processo de modernização que permitiu a chamada grande imprensa alcançar um público cada vez maior. O caráter capitalista dos periódicos, com o aumento das publicações de compra e venda, levou a necessidade de se criar jornais mais atrativos e, dentro desse processo, cada vez mais influentes. O desafio de fazer chegar a uma grande parcela de analfabetos as informações dos jornais era resolvido, até certo ponto, com a leitura em praça pública. À elite letrada cabia aos periódicos mais que transmitir informações, eram passadas opiniões e tendências muitas vezes contra ou a favor do governo. É importante destacar que a imprensa da época, cada vez mais comercial, ainda contava com a colaboração de intelectuais do porte de Olavo Bilac, Rui Barbosa, Gil Vidal, João do Rio, entre outros.

Na passagem do século XIX para o XX, a imprensa exercia influência na vida intelectual brasileira. Para Flora Sussekind, muitos poetas, como Emílio Meneses e B. Lopes, pareciam ter seus trabalhos moldados pelo jornal ao produzirem uma espécie de forma literária “de passagem” bem ao ritmo da imprensa diária que acaba por trabalhar com a visão de cada dia como condensação privilegiada da história. (BORGES, 2011, p.87)

O poder econômico era um dos fatores de pressão nas publicações e opiniões dos jornais. Segundo Borges, os intelectuais que aceitaram a mudança de perfil dos jornais se sentiam como talentos desperdiçados. Outro aspecto importante era o uso de ataques pessoais no campo político. “Não se trata de condenar a orientação, ou a decisão, ou os princípios – a política, em suma, – desta ou daquela personalidade; trata-se de destruir a pessoa, o indivíduo.”⁶

O movimento dos marinheiros será personificado pela imprensa a partir da construção de um alvo principal, João Cândido. Os ataques presentes nos jornais estavam repletos de visões preconceituosas relacionadas a cor de sua pele, origem social e nível intelectual. Mas também existem elogios ao longo desse processo.

⁶ BORGES, Vera Lúcia. A Batalha Eleitoral de 1910: imprensa e cultura política na Primeira República. 1ª edição Rio de Janeiro: Apicuri/FAPERJ, 2011. SODRÉ, Nelson Werneck. Op.cit.,p.277. A citação demonstra que não se combatia a ideia, mas sim a pessoa.

O grande número de levantes ocorridos nos primeiros anos republicanos - como a Revolta de Canudos, o Contestado, a Revolta da Armada e a Revolta da Vacina - são indicativos da insatisfação demonstrada por diversos grupos da sociedade brasileira. Apesar da relevância desses movimentos, é necessário reconhecer o significado histórico da chamada Revolta dos Marinheiros, nome dado pela imprensa da época, ou Revolta da Chibata, assim denominada após a publicação do livro, de mesmo título, escrito pelo jornalista Edmar Morel.

A Primeira República (1889-1930) foi um período extremamente conturbado ao longo de toda a sua vigência. Apesar disso, os livros didáticos apresentam apenas os primeiros anos e alguns momentos específicos⁷ como períodos de instabilidade da primeira fase republicana que muitas vezes aparece apenas como uma alternância de poder entre os estados de São Paulo e Minas Gerais, os grandes produtores de café do Brasil. Na verdade, o que a historiografia mostra é a disputa por poder e direitos realizada pelos mais diversos grupos sociais. Dentre eles destacamos o movimento dos marinheiros, que em sua configuração possuiu elementos que foram muito além do fim dos castigos físicos e de luta por melhores soldos.

Trata-se de um “acontecimento” no sentido histórico do termo, capaz de marcar o tempo entre o antes e o depois, revelar mecanismos sociais aparentemente pouco visíveis e tornar-se lembrado e “celebrado” posteriormente de diferentes maneiras. Sua construção como objeto histórico – bem como a recuperação de João Cândido pela memória nacional – revela a existência de várias camadas memoriais e de formas de apropriação de um acontecimento. Tanto os silêncios quanto a necessidade de falar são dimensões presentes na violência dos acontecimentos. (ALMEIDA, 2011, p.63)

Na noite de 22 de novembro de 1910, praças tomaram a força os navios mais modernos e poderosos da marinha brasileira. Conforme previamente combinado, o levante iniciou-se no navio Minas Gerais, quando o comandante Batista das Neves retornava de um jantar no cruzador francês Duguay Trouin. Aos gritos de “viva a liberdade” e “abaixo a chibata” começou uma luta sangrenta entre oficiais e praças.

⁷ O livro didático apresenta os dois movimentos tenentistas como precursores do movimento ocorrido em 1930 que culminou com o início da chamada Era Vargas. Entretanto é importante destacar que no mesmo as revoltas da Primeira República fazem parte de outro capítulo. BOULOS JUNIOR, Alfredo. 360° história sociedade & cidadania : volume único, partes 1,2 e 3: pg 718 e 719. 2ª edição Rio de Janeiro: FTD, 2015

Durante a peleja o comandante Batista das Neves foi morto. Após a tomada do Minas Gerais, sobrou um saldo de cinco oficiais e um número impreciso de praças mortos. No mesmo momento, os cruzadores São Paulo e Bahia foram tomados pelos praças. O último a ser dominado pelos revoltosos foi o Deodoro.

Às dez para as onze da noite, quando cessa a luta no convés, João Cândido, líder absoluto da revolta, manda disparar um tiro de canhão, sinal combinado para dar o alerta aos outros navios envolvidos. Quem primeiro responde é o São Paulo, seguido do Bahia. O Deodoro, a princípio, fica mudo. O líder ordena ainda que todos os holofotes iluminem o Arsenal de Marinha, as praias e as fortalezas. Expede também um rádio para o Catete, informando que a Esquadra está levantada para acabar com os castigos corporais. (GRANATO, 2000, p.45)

Os amotinados estavam dispostos a tudo para que suas exigências fossem atendidas e para mostrar determinação dispararam tiros de aviso sobre a cidade. O *Correio da Manhã*, de 24 de novembro, publicou em sua edição extra que um dos tiros atingiu uma casa provocando a morte de duas crianças. Anos depois, João Cândido, em depoimento, afirmou que foi um acidente lamentável o que ocorrera. Durante a madrugada informações desencontradas chegavam a todo o momento. Os navios realizavam uma série de manobras na Baía de Guanabara, com o intuito de evitar um possível contra-ataque dos navios que não aderiram ao movimento ou dos canhões do Exército.

O aviso do início da revolta, acompanhado de tiros de canhão, surpreendeu o governo que acreditava poder contar com um período de estabilidade política após a disputada eleição iniciada em 1909. Sendo assim, o governo buscou identificar os responsáveis na oposição e entre os militares que foram contrários a eleição de Hermes da Fonseca. De início, avaliava-se que os marinheiros eram incapazes de se organizarem de forma tão eficiente. No entanto, a conspiração viria colocar de joelhos o governo recém empossado. Após comprovar que o levante havia sido organizado pela marujada, sem que fosse possível constatar a participação de outros grupos políticos, o senador Pinheiro Machado, homem forte do governo e principal articulador para a vitória de Hermes da Fonseca, convidou o deputado federal José Carlos de Carvalho, respeitado pelos marinheiros por defender na Câmara dos Deputados melhores condições de trabalho e soldo, para negociar com os revoltosos.

O depoimento do parlamentar estremeceu a nação. A Câmara Federal, num silêncio sepulcral, ouviu o relatório do Embaixador da Paz, uma página que encheu de orgulho a marujada rebelde. O senhor José Carlos de Carvalho, que foi a bordo das belonaves, com o seu uniforme de gala, chapéu armado, sobrecasaca, tendo sido recebido com as honras de estilo, assim começou. (MOREL, 2016, p.93)

O deputado comunica que ao chegar no navio São Paulo foi recebido com honras militares, o mesmo ocorrendo no Minas Gerais, para onde foi levado por ordem do comandante geral da revolta João Cândido. Os navios estavam em perfeito estado, prontos para o combate. Em seu depoimento deixou claro quais eram as reivindicações: o fim dos castigos físicos, melhores condições de trabalho e soldo. Afirmavam que a situação se tornou insustentável com a aquisição da nova frota agora sob o controle deles. José Carlos de Carvalho foi apresentado a Marcelino Rodrigues Menezes, considerado como o estopim para o início do movimento. O relato do que viu estremeceu a Câmara, “Sr. Presidente, as costas desse marinheiro assemelhavam-se a uma tainha lanhada para ser salgada” (MOREL, 2016, p. 96).

A Assembleia Constituinte que elaborou a primeira constituição republicana havia determinado o fim dos castigos físicos na Marinha. Entretanto, por pressão do oficialato, que alegava ser impossível manter a disciplina sem os castigos, houve a manutenção dos mesmos, apesar da adoção de novas regras. O número máximo de chibatadas era de vinte e cinco. Na prática, esse número costumava ser muito maior. O objetivo era punir de forma exemplar e humilhante qualquer praça que descumprisse as regras e, principalmente, desrespeitasse um oficial superior. Sendo assim, fazia parte daquele cortejo fúnebre as demonstrações de dor e desespero por parte do condenado. Sabedores desse fato, a marujada buscava não demonstrar dor diante do suplício público, mostrando força e mantendo o respeito perante seus pares. Assim, após as chibatadas previstas na ordem do dia, era comum que mais fossem aplicadas até que o marujo demonstrasse algum tipo de fraqueza. Em relação a Marcelino nem as 250 chibatadas foram suficientes para que implorasse perdão. Por fim, o deputado enviado pelo governo fez um alerta preocupante sobre a disposição dos marujos em lutar até a morte se suas reivindicações não fossem atendidas.

A gente que está a bordo é capaz de tudo, quando os chefes e marinheiros são indivíduos alucinados pela desgraça em que caíram. Acredito que o governo vai agir como lhe impõe o dever,

a dignidade e o respeito que todos nós devemos a República, ainda que tenhamos de lamentar perdas enormes e registrar sacrifícios sem conta.

Não sei o que aquela gente vai fazer, mas, pelo que pude depreender da exaltação dos ânimos e planos dos chefes, a situação é gravíssima. (MOREL, 2016, p.96)

O deputado José Carlos de Carvalho, quando navegava em direção ao navio São Paulo, cruzou com uma lancha que levava uma carta endereçada ao presidente da República. O deputado, após a sua visita, encaminhou a carta ao governo para depois ser lida em plenário. Seu conteúdo demonstrava que o movimento não era um golpe de Estado como muitos do governo supunham. O que estava redigido era um apelo as demandas especificamente relacionadas as rotinas de trabalho da Marinha de Guerra. De forma objetiva, a carta exigia mudanças prometidas anteriormente pelo governo republicano e o afastamento dos oficiais denominados por eles como incompetentes. Por fim, uma ameaça direta ao governo caso suas reivindicações fossem ignoradas.

Ilmo. e Exmo. Sr. presidente da República Brasileira, Cumpre-nos, comunicar a V.Excia. como Chefe da Nação Brasileira:

Nós, marinheiros, cidadãos brasileiros e republicanos, não podendo mais suportar a escravidão na Marinha Brasileira, a falta de proteção que a Pátria nos dá; e até então não nos chegou; rompemos o negro véu, que nos cobria aos olhos do patriótico e enganado povo. Achando-se todos os navios em nosso poder, tendo a seu bordo prisioneiros todos os Oficiais, os quais, tem sido os causadores da Marinha Brasileira não ser grandiosa, porque durante vinte anos de República ainda não foi bastante para tratar-nos como cidadãos fardados em defesa da Pátria, mandamos esta honrada mensagem para que V. Excia. faça os Marinheiros Brasileiros possuímos os direitos sagrados que as leis da República nos facilita, acabando com a desordem e nos dando outros gozos que venham engrandecer a Marinha Brasileira; bem assim como: retirar os oficiais incompetentes e indignos de servir a Nação Brasileira. Reformar o Código Imoral e Vergonhoso que nos rege, a fim de que desapareça a chibata, o bolo, e outros castigos semelhantes; aumentar o soldo pelos últimos planos do ilustre Senador José Carlos de Carvalho, educar os marinheiros que não tem competência para vestir a orgulhosa farda, mandar por em vigor a tabela de serviço diário, que a acompanha. Tem V. Excia. o prazo de 12 horas, para mandar-nos a resposta satisfatória, sob pena de ver a Pátria aniquilada.
Bordo do Encouraçado São Paulo, em 22 de novembro de 1910.

Nota: Não poderá ser interrompida a ida e volta do mensageiro.
Marinheiros. Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1910.

As visitas aos encouraçados São Paulo e Minas Gerais realizadas pelo deputado demonstraram a grande capacidade de organização dos amotinados. Os marujos permaneciam em posição de combate todo o tempo. A bebida alcóolica foi lançada ao mar e o alojamento dos oficiais trancado. Além disso, o cofre era guarnecido vinte e quatro horas por dois soldados. O estado de conservação dos navios permite afirmar que o movimento havia sido organizado há muito tempo.

A vida dos praças⁸ na Marinha de Guerra era, há décadas, extremamente difícil nos mais diversos aspectos. As péssimas condições de trabalho, aliada aos baixos soldos, afastavam até mesmo os mais pobres da instituição. Como solução, a Marinha utilizou a convocação e posterior serviço obrigatório por até 15 anos. Mesmo assim, a demanda por praças ainda era grande. Para cobrir a carência de seus quadros, a Marinha chegou a comutar penas por crimes em serviço militar. Além disso, criou a Escola de aprendizes de marinheiros que alistava homens a partir dos 11 anos de idade.

Os castigos físicos colocavam ainda mais fogo nesse caldeirão efervescente. O uso das palmatórias e chibatadas era defendido pelos oficiais, que afirmavam ser essa a única forma de manter a disciplina entre homens que só entendiam e respeitavam a base de pancadas. Havia nessa visão uma clara reprodução do trabalho escravocrata que perdurou no Brasil por mais de 300 anos. O fim da escravidão (1888) não eliminou o preconceito entre brancos para com negros e mestiços e nem de ricos em relação aos pobres. A República proclamada um ano após o fim da escravidão ainda tentou, sem sucesso, acabar com os castigos físicos na Constituição de 1891, mas foi obrigada a voltar atrás devido as pressões dos oficiais. As chibatadas previstas no regulamento militar seguiam um roteiro no qual a humilhação era um dos principais objetivos.

Semelhante ao suplício, o castigo da chibata na Marinha do Brasil era um método de tortura litúrgico, teatralizado, ritualizado, público e recorrente, que acontecia nos conveses dos navios. Tambores rufavam enquanto os marinheiros subalternos e oficiais impecavelmente vestidos, com luvas e espadas embainhadas, tinham que olhar a cena dantesca de carrasco e vítima, amarrada

⁸ Nas forças armadas os militares são divididos em 2 grupos: os oficiais que chegam as patentes mais altas e os praças formados pelos soldados, cabos e sargentos. Em relação a revolta da Chibata não houve a participação de nenhum oficial. Até mesmo oficiais simpáticos ao movimento foram impedidos de participar.

pelos pés e mãos e, normalmente, despida da cintura para cima. Após o toque de silêncio, era lida uma proclamação relativa ao “crime” e ao motivo da punição. O castigo começava com a contagem pelo capitão do número de chibatadas e seu encerramento ficava, praticamente, na dependência do livre arbítrio do oficial. Isso tudo suscitou discussões e controvérsias. (SOUSA, 2012, p.37)

O que não estava claro no regulamento eram os motivos apresentados para que um marinheiro fosse condenado aos açoites. Por décadas um número incalculável de praças recebeu tal punição devido aos mais diferentes motivos. Em relação ao marinheiro Marcelino Rodrigues Meneses a chibata foi determinada por que tentou agredir um cabo que o havia denunciado por entrar no navio carregando duas garrafas de cachaça escondidas. O ambiente de revolta no qual a marujada se encontrava viu na punição imposta e em todo o ritual bárbaro a coragem para lutar por direitos tantos anos negados.

Não foi tarefa difícil iniciar o movimento. Desde a viagem à Inglaterra vários grupos se reuniam para discutir formas de acabar com a chibata e melhorar suas condições de trabalho. É possível afirmar que o convívio com a marinha inglesa teve uma forte influência sobre a marujada. A marinha mais poderosa do mundo tratava seus praças de forma respeitosa. Eles eram ouvidos e os castigos físicos tinham sido abolidos há décadas. De volta ao Brasil, as reuniões continuaram e havia uma questão a mais de insatisfação: a modernização da Marinha de Guerra e seus altos custos só reverteram em mais trabalho, sendo que seu pessoal era cada vez mais reduzido. Por essa razão, é natural estar no conjunto das exigências apresentadas a entrada em vigor da tabela de serviço diário. Elaborada pelo senador José Carlos de Carvalho, a tabela organizava os horários e as rotinas de trabalho, incluindo folgas e limitando o número de atividades.

A riqueza dos navios contrastava com a pobreza na qual viviam os marinheiros. O plano de carreira oferecido pela instituição permitia no máximo chegar ao posto de 1º sargento, com uma pequena diferença salarial entre eles.⁹ Outra característica era o predomínio de negros e mestiços. Já no oficialato prevalecia brancos.

Assim, havia duas carreiras distintas e antagônicas: a dos oficiais da Armada – de guarda-marinha a almirante – e a dos subalternos – de grumete ou soldado a primeiro sargento. O antagonismo

⁹ A Marinha divide seus quadros em 2 grupos: os oficiais que vão de Guarda-marinha até Almirante; e os praças que podem chegar no máximo a 1º sargento. Os dois grupos são regidos por regulamentos diferentes e, no período no qual a pesquisa se desenvolve, os castigos físicos estavam previstos apenas para os praças.

também era constituído pelo modo de incorporação e pela origem social dos alistados nesses dois campos do serviço militar naval. Se, de um lado, os futuros oficiais tinham de disputar uma vaga na Escola Naval através de ligações familiares e de nobreza, de outro, os futuros marinheiros eram, sobretudo, alistados à força ou, quando menores, por desejo de seus pais, tutores e policiais. (NASCIMENTO, 2008, p.112)

Segundo Nascimento, o corpo de praças da marinha era composto majoritariamente por analfabetos. Isso fazia com que, independente do tempo de serviço, só ser possível chegar ao posto de cabo, pois para ser sargento era obrigatório saber ler e escrever minimamente. Além disso, era comum aos comandantes dar preferência aos marinheiros brancos e se negarem a promover negros.

O dia 22 de novembro não estava nos planos iniciais dos organizadores do levante. Desde a volta da Inglaterra ocorria uma série de reuniões que discutiam as estratégias que seriam adotadas durante a revolta. Segundo João Cândido, tudo era feito “nas barbas da polícia”. A data inicial seria o dia da posse do presidente Hermes da Fonseca, mas acabou sendo adiada. O que se pode perceber é a existência de grau alto de organização, devido ao longo período de preparação para o levante. O castigo imposto ao marinheiro Marcelino e, possivelmente, a sua reação serviram de estímulo para o início de uma das maiores e mais importantes revoltas populares de nossa história. Nas palavras de João Cândido,

Pensamos no dia 15 de novembro. Acontece que caiu forte temporal sobre a parada militar e o desfile naval. A marujada ficou cansada muitos rapazes tiveram permissão para ir à terra. Ficou combinado, então, que a revolta seria entre 24 e 25. Mas o castigo de 250 chibatadas no Marcelino Rodrigues precipitou tudo. O Comitê Geral resolveu, por unanimidade, deflagrar o movimento dia 22. (MOREL, 2016, p.86)

Se 22 foi um dia de grandes surpresas, o dia 23 foi de espanto e temor. A imprensa publicava informações desencontradas, mas era possível perceber um tom alarmante em todos os periódicos da capital. Os tiros efetuados pelos navios e as manobras realizadas na Baía de Guanabara levaram a população a fugir do Centro da cidade. Os que podiam iam para as cidades serranas, como Petrópolis e os mais pobres para os subúrbios. Entre as autoridades prevalecia um misto de revolta e temor. Na prática, o que vimos foi a volta das disputas entre os civilistas de Rui Barbosa e os militaristas de Hermes da Fonseca.

Em comum, apenas a impossibilidade de se tentar tomar a força os navios amotinados. A todo momento chegavam corpos de oficiais e marinheiros mortos durante a tomada dos navios. Chegavam também as exigências da marujada e a disposição de ir as últimas consequências para alcançar seus objetivos. Nas palavras do chefe de Polícia Belisário Távora,

O governo não tenciona absolutamente iniciar bombardeio contra os navios revoltados e, pois, não autoriza a afirmação feita em boletins distribuídos esta manhã e pela qual estaria disposto a fazê-lo e bem assim aconselharia aos habitantes desta cidade a retirada imediata. Esse seu modo de ver tanto mais justifica quanto é certo que aguarda a solução que ao caso procura dar o Congresso Nacional. Não existe, portanto, razão para o desusado pânico que se estabeleceu no seio da população, alarmada pela injustificada iminência de acontecimentos graves. Tudo faz crer que será evitado o bombardeio da cidade e se normalize dentro de curto prazo a situação criada pelas guarnições navais revoltadas. (GRANATO, 2000, p.59)

No dia 25 de novembro, o senador Rui Barbosa apresentou o projeto de anistia ao Senado Federal. Após um discurso aclamado, misto de crítica ao governo e elogio a causa, fez uso de um conjunto de argumentos contundentes que permitiu a aprovação do projeto. No dia seguinte, os navios foram preparados, sob a liderança de João Cândido, para serem devolvidos as autoridades competentes. O capitão-de-mar-e-guerra João Pereira Leite foi recebido a bordo do Minas Gerais com honras militares. Após a passagem de comando e a inspeção dos navios, chegou ao fim a Revolta da Chibata.

O fim da rebelião trouxe alívio a população, satisfação e realização a marujada envolvida e revolta aos oficiais. O clima a bordo não poderia ser pior. As guarnições dos navios, inicialmente, permaneceram as mesmas. Os oficiais que reassumiram o comando das embarcações foram os mesmos que se renderam ou fugiram para salvar a própria vida. Havia um clima de vingança no ar que marujos experientes, mas confiantes demais nas promessas do governo, não perceberam. A vingança não tardou. A decretação do estado de sítio já estava sendo preparada aguardando apenas uma oportunidade.

A oportunidade surgiu quando os praças do batalhão de fuzileiros navais da Ilha das Cobras realizaram uma tentativa de tomada do quartel. Realizado sem grandes planejamentos e, é possível pensar, estimulado por alguns oficiais que viam em uma nova tentativa de revolta a oportunidade de vingança e o argumento necessário para a

decretação do estado de sítio, o movimento foi facilmente controlado pelo governo. O que ocorreu depois foi um conjunto de medidas cruéis e covardes autorizadas pelo Estado.

Vários dos marujos envolvidos na Revolta da Chibata, entre eles João Cândido, mesmo tendo se negado a participar da tentativa de golpe, acabaram presos. O governo aproveitou a oportunidade para fazer uma “faxina”, prendendo operários de esquerda, militares opositores e até mesmo prostitutas. Um grupo foi colocado preso nas masmorras da Ilha das Cobras. A cela onde ficaram João Cândido e mais 17 marujos foi reaberta dois dias depois, deixando a vista uma imagem assustadora: dos 18 apenas dois continuavam vivos e repetindo palavras sem sentido. A prisão havia ocorrido no dia 24 de dezembro, véspera de Natal. A chave foi entregue ao comandante que comemorava a data com a família no Clube Naval, alguns quilômetros de distância. Dessa forma, mesmo tendo ouvido os gritos pedindo desesperadamente ajuda, o oficial de dia nada pôde fazer. As investigações concluíram que a causa de tamanha mortandade estava relacionada ao uso de cal para a “limpeza” da sala. Com o aumento da temperatura a cal evaporou e levou os prisioneiros a morrerem por asfixia.

A maior parte dos presos foi levada no navio Satélite, o navio-fantasma, para realizar trabalhos forçados no Acre. Muitos não chegaram aquele Estado, foram fuzilados durante a viagem.

1.2 O mito João Cândido: construção e desconstrução

Alguma coisa estava fora da ordem universal quando um reles marujo, como o líder da revolta João Cândido, pretendia assumir a condição de oficial... Essa era a crítica formulada por meio dos traços de uma charge de J. Carlos que figurou, em dezembro, na capa da revista *Careta*. ... O desenho mostrava João Cândido como oficial, com característicos galões nas mangas, mas com clara aparência simiesca (como se fora bem próximo, fisicamente, de um gorila amestrado), recebendo continência de marinheiros subalternos. Seus traços físicos nada tinham de “fino”: orelhas de abano, queixo avantajado e pernas arqueadas. Estiliza-se, nessa caricatura, uma espécie de “tipo-ideal” lombrosiano de criminoso. (SOUSA, 2012, p.55)

O marinheiro que, durante os primeiros dias da revolta, havia sido elogiado por sua capacidade de navegação, que entregara os navios ao governo em perfeito estado de conservação e que controlou o ímpeto vingativo da marujada é representado agora como um personagem que tomara para si o poder de um almirante - poder esse reconhecido por seus pares - sem ter as mínimas condições. Baseado nas teorias evolucionistas¹⁰ da época, o periódico afirma a incapacidade de um homem como ele assumir tal papel.

Em 1959, foi publicado o livro que viria a resgatar a imagem heroica de João Cândido. Como vimos, a primeira disputa de memória em relação a figura do Almirante Negro tem início nos jornais que cobriram o levante. A partir do final da década de 1950, novamente existiu disputa de memória em torno de João Cândido, momento em que se tentou resgatar positivamente a sua imagem. Sendo assim, não é de se estranhar o fato de que tenha sido escrito por um jornalista de ofício o livro considerado como um dos mais importantes sobre o tema e que deixou como um de seus legados a alteração da denominação do evento. Conhecido até então por Revolta dos Marinheiros, Morel denominou o evento de Revolta da Chibata. A nova denominação amplia a perspectiva do movimento, retirando-o do âmbito apenas militar e inserindo-o em uma questão social mais ampla. Militante de causas sociais e que sempre fez uso de sua carreira e de sua habilidade com a caneta para discutir os problemas sociais presentes na sociedade

¹⁰ DOMINGUES, Heloisa M. Bertol, Magali R. Sá, and Thomas Glick. A recepção do darwinismo no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

varguista e pós-varguista, Morel enfrentou também a repressão da ditadura militar de 1964, tendo seus direitos políticos cassados e perdeu seu emprego. cearense de família humilde, ele veio para o Rio de Janeiro para iniciar uma carreira de sucesso como jornalista.¹¹ Militante de esquerda, marxista que nunca se considerou comunista, encontrou no movimento dos marinheiros de 1910 mais que uma história que legitimava sua luta, encontrou aquele que seria seu amigo durante longa data: João Cândido Felisberto.

Edmar Morel narra ainda que, com o trabalho quase terminado, foi visitar João Cândido em sua casa em São João de Meriti, na Baixada Fluminense, levando consigo vários objetos “desencadeadores de memória”. A participação de João Cândido no trabalho é maior que a de um simples personagem. Ele torna-se também um tipo de ator de sua escrita, chamando o livro de “minha história”. O antigo marinheiro torna-se amigo do jornalista, os dois são vistos juntos em diversos lugares do Rio e fotografados lado a lado por várias vezes. No lançamento da primeira edição de *A Revolta da Chibata*, os dois homens assinavam juntos autógrafos na oficina da gráfica, ao lado dos operários que participaram da produção do volume. (CAPANEMA, 2011, p.69)

A admiração transformada em amizade permiti-nos entender melhor quem foi o marinheiro de profissão e almirante por necessidade e aclamação. Referência para o estudo do levante dos marinheiros de 1910, o livro de Edmar Morel não esconde os objetivos do autor com o trabalho: apresentar o movimento como o resultado da luta contra as desigualdades sociais presentes na sociedade à época e também presente nas décadas de 1950 e 1960, período da publicação de sua primeira edição. Além disso, fica claro o destaque da proeminência, competência e capacidade de liderança de João Cândido durante os dias 22 e 26 de novembro de 1910.

Já na primeira edição, *A Revolta da Chibata* centrou fortemente sua narrativa em João Cândido, o marujo de Rio Pardo, descendente de trabalhadores escravizados. Ao narrar sua ação decisiva durante a revolta e a terrível saga daquele Prometeu negro, castigado incessantemente por sua ofensa aos falsos deuses do Olimpo nacional, Edmar Morel esculpiu em granito indestrutível a atuação do marujo como principal dirigente da

¹¹ Edmar Morel teve um filho, jornalista, e diversos netos, entre eles o historiador Marco Morel que participou da celebração na UERJ, em 2010, dos 100 anos da revolta que deu origem ao artigo *A Revolta da Chibata faz cem anos. Antíteses*, v. 3, n. esp., p. 24-38, dez. 2010.

rebelião, posição que foi ungido livre e democraticamente pela maruja rebelada¹². (MAESTRI, 2010, p.29)

O Brasil possui seus heróis consagrados como Caxias, Osório e em especial Tiradentes. Em relação ao último é grande o material historiográfico que discute seu papel na Inconfidência Mineira e sua importância no processo de construção da identidade em um país onde a República foi proclamada pelas elites com apoio do Exército, mantendo-se o povo a margem dos acontecimentos. Todos enfrentaram suas disputas de memórias e, em comum, a necessidade de responder uma determinada questão social. Em relação ao Duque de Caxias havia a possibilidade de se enxergar dois heróis: o militar estrategista e o político pacifista. Souza afirma que desde a década de 1870 buscava-se a criação de uma identidade nacional que pudesse unificar um país que estava próximo ao fim da escravidão.

Aos republicanos não bastava substituir o governo, era preciso redesenhar a nação. Isso significa criar entre os brasileiros um espírito de iniciativa, uma consciência coletiva que tornasse menos dependentes do Estado. (SOUZA, 2009, p. 148)

Caxias não enfrenta grandes obstáculos em seu processo de heroificação. A partir da década de 1920, ele irá tomar o lugar de outro militar: Osório Duque Estrada. Osório, chamado de “soldado cidadão”, apresentava-se como uma influência perigosa em um Exército que enfrentava a rebeldia de jovens militares durante o movimento tenentista da década de 1920. Caxias, por sua vez, era visto como um general disciplinado, afastado das questões políticas e pronto a se sacrificar pela pátria, requisitos fundamentais para aqueles que são colocados no Panteão dos grandes heróis brasileiros. Além disso, Caxias não questionou o poder. Pelo contrário, era o defensor da manutenção de nosso território, participando da luta contra os movimentos separatistas ocorridos durante e após a Regência.

A disputa de memórias entre Caxias e Osório ocorre apenas no campo de sua representatividade, pois as suas biografias estão alinhadas ao que os grupos no poder consideram heróis dignos de aceitação: são brancos, pertencem as elites e defendem os interesses dos grupos de poder do Estado. João Cândido não se encaixa nesse perfil. Dessa

¹² Podemos afirmar que Mário Maestri segue a mesma linha de Marcos Morel em seu trabalho. Há um claro objetivo de heroificação de João Cândido e sua participação no levante.

forma, é possível pensar que seu reconhecimento entre todos os grupos de poder envolvidos direta ou indiretamente com a Revolta da Chibata pudesse representar um avanço da cultura democrática em nosso país. No momento em que reconhecemos como herói um homem negro e pobre, militar de baixa patente que conseguiu que o Estado se curvasse as suas exigências, transformando-o em um exemplo pedagógico para a nossa nação, é provável que estaremos vivendo em um país com menos desigualdades sociais e mais acessível aos direitos fundamentais garantidos em nossa Constituição.

No trabalho de José Murilo de Carvalho (1998) sobre João Cândido é possível observar um processo de desconstrução, tanto em relação a visão daqueles que buscavam destacar suas qualidades militares quanto daqueles que desejavam desqualificá-las. O texto inicia com uma narrativa dos fatos. Destaca o poder de fogo dos navios, em especial do Minas Gerais, e do pânico que se instaurou na cidade do Rio de Janeiro após os disparos realizados pelo navio comandado por João Cândido, que, de acordo com o jornal *Correio da Manhã*, em sua edição de 24 de novembro, despedaçou duas crianças, mostradas na capa do jornal. O autor não menciona a conhecida entrevista dada pelo próprio Almirante Negro na qual afirma ter sido um grande erro o que ocorreu e que os marinheiros juntaram os poucos recursos que tinham e doaram para que a família pudesse realizar um funeral digno.(MOREL,2016, p.106) Mesmo quando Carvalho apresenta algum aspecto positivo em relação a marujada, sempre vem acompanhado de algum tipo de crítica, como o elogio feito pela forma “elegante” como os navios comandados pelos rebeldes destoavam da imagem dos marinheiros declarada pelos oficiais: “a ralé, a escória da sociedade, eram facínoras que só com a chibata podiam manter sob controle”(CARVALHO,1998,p.17).

Ao longo do texto observa-se a tentativa de desconstrução da imagem de João Cândido, principalmente a imagem proposta por Morel. A descrição física dada por Carvalho confirma essa percepção: “Não fugia ao figurino. Um crioulo alto e forte e feio. Boca enorme, maçãs salientes. Trinta anos em 1910.”(CARVALHO,1998,p.17) A pesquisa se desenvolve como uma reflexão sobre a possível personalidade de João Cândido após o autor ter encontrado bordados feitos por ele que estavam expostos em um museu na cidade mineira de São João Del Rei. Bordados doados por Antônio Guerra, que foi praça do 51º Batalhão de Caçadores de São João Del Rei e conheceu João Cândido no período em que se encontrava preso na Ilha das Cobras. O militar, durante o tempo que tirava serviço guarnecendo a prisão, teve oportunidade de se aproximar do líder da Revolta da Chibata. Segundo Carvalho, Guerra fica surpreso com o que vê:

O que mais chamou a atenção do jovem sargento interiorano, no entanto, foi o fato de o *TEMIDO* (*grifo meu*) João Cândido, que com seus marujos assustara a cidade e forçara o governo a buscar ajuda de tropas mineiras, passar o tempo todo bordando. (CARVALHO, 1998, P.19)

Os bordados são feitos durante um dos períodos mais difíceis da vida do marinheiro. A imagem continua a ser desconstruída ao longo do texto, no qual Cândido aparece como um misto de limitado e valentão. Apesar, segundo Carvalho, de ter comandado com maestria os navios durante a revolta, sua carreira pode ser considerada um tanto quanto medíocre. Promovido a cabo depois de muito tempo, foi rebaixado quase em seguida. Além disso, era semianalfabeto, pois sabia ler, mas era incapaz de escrever. Sua liderança não tinha origem na sua inteligência e capacidade de comandar homens.

Em 1910, João Cândido era o que na marinha se chamava de um conegaço, um gorgota, vale dizer, um marinheiro experiente que se impunha aos mais novos e subalternos, sobretudo aos grumetes, pela autoridade da experiência e pela força dos músculos. (CARVALHO, 1998, P.18)

Essa visão diferencia sobejamente da visão apresentada pelo capitão Luís Alves de Oliveira Bello,¹³ que o identifica como covarde e que muitas das suas atitudes durante a revolta só foram tomadas devido as ameaças dos colegas. Existem também outros personagens que podem lançar luz sobre esse processo de construção e desconstrução. Veremos mais um exemplo.

A construção do herói Tiradentes também colabora para compreendermos a disputa de memórias em relação a João Cândido. Por questões óbvias, Joaquim José da Silva Xavier não foi reconhecido como herói nas primeiras décadas após a Inconfidência Mineira de 1789. Na verdade, era visto como um traidor pelo governo imperial. Apesar disso, no Segundo Reinado, havia movimentos em torno de sua heroificação.

Já em 1866, quando presidente da província de Minas Gerais, Saldanha Marinho, futuro chefe do Partido Republicano no Rio, mandou erguer-lhe um monumento em Ouro Preto. Em 1881, houve no Rio de Janeiro a primeira celebração do 21 de abril. Até

¹³ BELLO, Luís Alves de Oliveira. [s.l.]: [s.d.]. Seiscentos elementos. A revolta na esquadra brasileira em novembro e dezembro de 1910. CUNHA, Heitor Xavier Pereira da. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1953.

mesmo em província distante como o Rio Grande do Sul, com tantos candidatos próprios a heróis republicanos, foi apresentada em 1881 proposta de monumento, feita por jornal de Pelotas. (CARVALHO, 2004, p. 57)

O advento da Primeira República encontrará em Tiradentes o herói ideal na tentativa de tornar legítima a república recém-criada por meio de um golpe militar apoiado por parte de uma elite civil. Seus concorrentes a um lugar no Panteão de heróis da República não eram páreos as suas qualificações de herói cívico e religioso. Deodoro e sua fidelidade ao imperador dificultava sua identificação com o novo regime. Benjamin Constant, militar positivista, somente era verdadeiramente reconhecido entre os oficiais jovens e subalternos. Floriano assustava a sociedade com suas ações de pacificação recheadas de atos violentos. Para Carvalho, somente Frei Caneca seria um competidor a altura. Mas o religioso não consegue superar outra característica fundamental dos heróis e que também possuía Tiradentes: o fato de ter sido martirizado e a vida entregue por uma causa maior. A morte é um elemento crucial na criação de um mito. As penas severas impostas pela monarquia tornam ainda mais heroicos seus atos.

Objeto da violência institucionalizada, ele se tornou a representação máxima da opressão metropolitana, consubstanciada nas ideias do sacrifício e do martírio cívico e cristão, complementando convincentemente as analogias com a paixão de Cristo. (FONSECA, 2009, p. 111)

Em João Cândido a morte heroica é um tipo de associação improvável de ser feita, apesar da tentativa de silenciá-lo¹⁴. Por outro lado, o martírio o acompanhou ao longo de toda uma vida: a prisão, a internação em um manicômio, o desligamento da Marinha, as diversas oportunidades perdidas devido as perseguições sofridas por oficiais da Marinha não encontraram no Almirante Negro reações agressivas. Adjetivos como desafiador, quase arrogante, rebelde, acusador e agressivo foram dados a Frei Caneca e não a João Cândido. Essa altivez demonstrada ao longo de sua vida mostra que ele tem um espírito heroico, “esse espírito de abnegação se aliado a punições severas, torna-se um forte componente na conformação do herói cívico, cujo desprendimento está invariavelmente relacionado a uma causa pelo bem da coletividade.” (FONSECA, 2009, p 117).

¹⁴ João Cândido foi colocado junto com mais 17 marinheiros em uma cela solitária a pão e água. Dois dias depois, dos 18 apenas 2 sobreviveram. Um deles foi João Cândido. MOREL, Edmar. *A revolta da chibata*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016, p. 197-201

Os processos de heroificação e a construção dos mitos na historiografia podem responder a essa pergunta. Entretanto, não podemos deixar de considerar a possibilidade de que João Cândido é muito mais representativo quando não é reconhecido como um herói pela Marinha ou por grupos de direita. Para as comunidades negras, a esquerda e os praças da Marinha, João Cândido representa um herói que luta contra um sistema repressor e desumano que, a partir do olhar sobre a Revolta da Chibata e suas consequências, demonstra o quanto as estruturas de poder no Brasil são desiguais, preconceituosas e racistas.

1.3 A apropriação da figura de João Cândido pelos grupos organizados do município de São João de Meriti

A pesquisa visa, por meio de questões relacionadas à construção da memória e da história local, criar uma ponte entre o trabalho desenvolvido na sala de aula e problemas que atingem o cotidiano dos alunos. Ao lecionar História em escolas da rede particular e pública do município de São João de Meriti para alunos das mais diversas idades e realidades sociais¹⁵ notei algo em comum: os alunos, na quase totalidade, desprezam o município e o local onde residem. Desde o uso pejorativo do termo baixada¹⁶, passando pelo desejo de deixar o quanto antes a região, ficou claro a necessidade de se enfrentar na sala de aula questões relacionadas à identidade local e as memórias construídas, por ou para esses alunos, sobre o município de São João de Meriti.

Considerando importante a buscar elementos que possam levar os alunos a uma reflexão mais profunda sobre as questões relacionadas à memória e à identidade local, propomos analisar as disputas de memória em torno da figura de João Cândido, personagem central da Revolta da Chibata, ocorrida em 1910 na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal. Denominado “Almirante Negro”, João Cândido foi homenageado por meio de canções, peças de teatro e, até mesmo, enredo de escola de samba.

¹⁵ Na rede estadual de educação trabalho com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Ensino Médio regular. Na rede particular trabalho com turmas de 7º, 8º e 9º anos. As idades variam de 12 a 50 anos e o corpo discente é composto por alunos da classe média, média alta e baixa.

¹⁶ Baixada Fluminense é o nome que se dá à região ao redor do município do Rio de Janeiro, englobando os municípios de Duque de Caxias, Nova Iguaçu, São João de Meriti, Nilópolis, Belford Roxo, Queimados e Mesquita. Corresponde aproximadamente à planície que fica entre o litoral e as serras do Mar e da Mantiqueira. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Baixada-Fluminense/483095..> Acesso em: 22 mai 2019.

Em São João de Meriti, município do estado do Rio de Janeiro, onde João Cândido viveu por 39 anos, desenvolvem-se uma série de atividades que visam o reconhecimento da importância desse personagem em relação a história local. O Almirante Negro foi homenageado das mais diversas formas desde busto a nome de ruas e escolas. Apesar da profusão de homenagens no âmbito municipal e estadual, poucos alunos de São João de Meriti conhecem a história desse personagem, visto, por certos grupos sociais, como um verdadeiro representante das lutas por igualdade, dignidade e respeito. Cidadão honorário do município desde 1991, percebe-se que João Cândido ainda busca seu lugar na história do Brasil e na memória de boa parcela da população meritiense.

Diante dessa luta de memórias, nos últimos anos, não faltaram esforços para dar maior visibilidade a João Cândido no município de São João de Meriti. Em 2001, foi anunciada a criação de um museu em sua homenagem. O projeto desenvolvido pela prefeitura, com o apoio da Fundação Cultural Palmares e do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), aguarda verba para a construção do prédio. O projeto, que pretende colocar o Almirante Negro no hall dos heróis – local e nacional –, encontra a resistência do deputado federal Eduardo Bolsonaro. Além do museu, livros paradidáticos retratam, em uma linguagem para jovens, o papel e a importância desse personagem na história nacional e local.¹⁷

Em julho de 2019, a prefeitura de São João de Meriti, junto com lideranças dos movimentos negro e social da Baixada, como a ComCausa,¹⁸ realizou o encontro “A importância do herói negro da Baixada: João Cândido”, com o objetivo de debater, no cinquentenário de sua morte, a necessidade de se recuperar e reafirmar a relevância histórica do Almirante Negro.

A recuperação da figura histórica de João Cândido tem muita importância na atualidade, tanto para os movimentos sociais quanto para os movimentos negros, assim como a criação de marcos de memória. O “Almirante Negro” João Cândido continua sendo a figura mais lembrada da Revolta da Chibata, ao passo que sua história de vida também revela diferentes combates. Em 2019, lembramo-nos dos 50 anos de sua morte, mas temos a obrigação de manter viva a memória de sua vida e luta. (COMCAUSA, 2019, p.1)

¹⁷ Destaco os trabalhos de Elisabete Nascimento: *Diário de Bordo do Almirante Negro* (2011) e Stela Guedes Caputo: *Os meninos João Cândido* (2017).

¹⁸ A **ComCausa** é um movimento da sociedade civil da Baixada Fluminense que atua na promoção e defesa dos direitos humanos - econômicos, culturais, ambientais e sociais -, na valorização da vida e prevenção a qualquer tipo de violência. www.comcausa.net

O centro de formação artística e cultural da Baixada Fluminense, chamado de Casa da Cultura, afirma que a Revolta da Chibata foi um grito negro pela liberdade. Para eles, trata-se de uma das maiores lutas contra o racismo institucional que inspirou vários combates ao racismo e por reafirmação dos direitos humanos. Junto com movimentos negros e de direitos humanos, os membros da Casa da Cultura reivindicam que o nome do Almirante Negro seja inscrito no Livro de Heróis e Heroínas da Pátria, no Panteão da Pátria e da Liberdade. Com esse objetivo tramitam no Congresso Nacional dois projetos de lei: um no Senado, do ex-senador Lindbergh Farias, o PL 340/2018 e outro na Câmara dos Deputados, do deputado federal Chico D'Ângelo, o PL 1744/2019. No município de São João de Meriti, organizações como a Casa da Cultura, Pastoral Afro, Pastoral de Combate ao Racismo da Igreja Metodista, a OAB seção São João de Meriti e Mulheres Yepondá propuseram ao Legislativo e ao Executivo municipal um projeto de lei para transformar João Cândido em herói municipal.

Vários projetos que visam destacar a imagem de João Cândido junto ao município já se materializaram. Na Praça da Bandeira foi colocado o Busto Trevo memorial João Cândido “Viva a Liberdade”. No bairro do Grande Rio, o Centro Integrado de Educação Pública (CIEP), escola da rede estadual, tem o seu nome. A Igreja Católica criou o Centro de Formação Marinheiro João Cândido em sua homenagem. Existe a Biblioteca Zeelândia Cândido em Jardim Meriti. O Museu João Cândido, um dos projetos mais importante no que tange ao investimento memorial, aguarda verba para sua construção no bairro de Vila Rosali. Por fim, em 2010, o Almirante Negro foi homenageado no carnaval pelo GRES Independente de São João de Meriti, com o enredo “Da chibata à gravata, São João de Meriti canta à africanidade”.

Apesar desses esforços, poucos alunos conhecem a história da Revolta da Chibata e a participação determinante de João Cândido para que os marinheiros pudessem ter suas exigências atendidas. Além disso, muitos desconhecem o fato de João Cândido ter sido morador do município. Falecido em 1969, pôde compartilhar suas experiências em sua casa em São João de Meriti ainda em vida. Diante desse quadro, ao analisarmos as disputas de memória sobre a figura de João Cândido e como a historiografia brasileira enxerga o papel desse personagem acreditamos poder estar colaborando para construir com os alunos das escolas do município um processo de sensibilização para o local que venha permitir novos olhares. Assim, possibilitar espaços para que os alunos possam desenvolver formas de identidade sobre o local e sobre João Cândido colaborando para

que percebam que fazem parte da História e que também possam compreender que são detentores de sua própria história.

II

Representações e práticas representativas

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) destacam a importância da democratização do ensino para auxiliar na construção da cidadania. Um dos principais papéis da história na atualidade é colaborar na construção de um outro tipo de cidadania. Isso, por exemplo, passa pelo desenvolvimento de pessoas capazes de entender seu tempo a partir do conhecimento das experiências de outros tempos. Dessa forma, ocorre um deslocamento com relação ao ensino de história que passa a ampliar o conceito de cidadania exigindo uma nova forma de compreender a História. É um caminho que a história percorre com novos e desafiadores paradigmas.

Nem a noção de cidadania política é a mesma do século XIX, nem as categorias disponíveis para a sua análise o são. Trata-se, agora, de uma cidadania ancorada na necessidade de ampliação de vozes, de sujeitos e movimentos sociais, e, por isso, já não é mais possível defender que a realização da aula de história esteja calcada apenas no desenvolvimento do Estado Nacional e da produção de uma identidade nacional uma a partir dele. (SILVA, 2017, p. 120)

O reconhecimento do valor e da existência de diferentes identidades exige do professor de história a capacidade de construir conhecimento a partir da realidade vivenciada por seus alunos.

Especialmente ao admitirem uma concepção ampliada de cidadania, não mais pautada exclusivamente no cidadão relacionado ao Estado e ao mundo da política institucional, mas na análise desse sujeito que, por meio de lutas políticas, disputa cotidianamente a cidadania. (SILVA, 2017, p. 121)

A partir dessa perspectiva, utilizar-se de personagens que permitam formas de identificação com a comunidade local no ensino de história confere maior legitimidade ao processo de construção do conhecimento. Propor a criação de pontes entre o passado e o presente, a partir das possibilidades de representação de um personagem histórico identificado como possível herói, pode colaborar na construção de sua própria identidade.

A Europa do século XIX será o principal palco de referência para a volta do culto aos heróis. A ideia de um poder absoluto financiador da unidade formadora de um país dará lugar ao conceito de nação. Nessa nova perspectiva abre-se espaço para o reconhecimento daqueles que de alguma forma colaboraram para a construção da identidade da nação. Em relação ao Brasil, o século XIX será o período do surgimento de um Panteão em que figuras nacionais e estrangeiras foram homenageadas. A responsabilidade na escolha desses personagens ficou a cargo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

No Brasil, a tarefa de recensear e homenagear os grandes mortos cabe principalmente aos membros das instituições culturais e artísticas do Império. Encarregado de auxiliar o governo imperial na definição de um projeto nacional, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro recebe também a missão de selecionar no passado as figuras dignas de serem lembradas (ENDERS, 2014, p. 41).

O processo de heroificação, segundo Enders (2014), não foi iniciado por historiadores. Essa função caberia aos biógrafos. Os historiadores da época preocupavam-se em registrar a história dos povos e seus progressos. A necessidade de criar uma identidade nacional em que todos pudessem se identificar como brasileiros unidos por um monarca e cuja nação havia sido construída a partir dos sacrifícios e lutas de alguns nobres brasileiros ou estrangeiros abasileirados¹⁹ foi determinante para que os historiadores tivessem um olhar sobre as biografias e a construção de heróis. Mas as disputas de memórias não se limitam ao campo da nacionalidade, as questões relacionadas ao sexo, a cor e a classe social estarão presentes, fazendo com que a escolha desses heróis esteja além de seus atos, ela será determinada por acirradas lutas políticas.

Para pensarmos na luta de memórias em relação à figura de João Cândido e a construção de sua imagem como um herói nacional, imagem reconhecida por diversos grupos, como os que lutam por igualdade racial, de esquerda e por parcela dos praças da Marinha, mas que ainda não é aceita por representantes das estruturas de poder no país e

¹⁹ Fato ocorrido durante praticamente todo o período colonial. No texto, a autora comenta a pesquisa determinada pelo IHGB que tinha como objetivo provar que o padre Antonio Vieira era nascido no Brasil e não em Portugal. Diante da confirmação de seu nascimento em Portugal, a resposta é a seguinte: “Resta só que, satisfeito o Brasil com a subida honra, ninguém lhe contesta, de haver criado em seu seio esse homem notável, e servido de amplíssimo teatro de suas heroicas virtudes”. ENDERS, Armelle. “O Plutarco brasileiro”. A produção dos vultos nacionais no Segundo Reinado. *Revista estudos históricos*, n. 25, p. 44, 2000.

até mesmo por parte do oficialato da Marinha, é necessário olharmos a construção dos heróis na nossa história.

2.1 História e constituição de heróis: processos de heroificação

A formação da sociedade brasileira, composta por indígenas, europeus e africanos que aqui estavam e chegaram por motivos diversos, tornou-se um desafio aos grupos no poder em relação a construção de uma identidade nacional. O caminho escolhido foi a criação de um mito de origem que serviria como referencial para a construção de nossa identidade nacional. Nessa perspectiva, o discurso escolhido era o da união desses povos por meio da miscigenação ocorrida de forma pacífica e ordeira. Criava-se, dessa forma, uma padronização que determinava os valores e a forma como a sociedade se organizou e deveria permanecer organizada, ou seja, seu *status quo*. Diante desse quadro, era necessário combater qualquer possibilidade de mudança dessa visão construída.

A formação de uma identidade nacional perpassa pela necessidade do reconhecimento de símbolos e heróis. Personagens vistos como heróis servem para legitimar as ações desenvolvidas, devendo para isso estarem de acordo com o discurso de unidade que se construiu. Dessa forma, os heróis escolhidos foram aqueles que não questionavam as estruturas de poder. Na verdade, eles lutam pela manutenção das mesmas e de seus interesses.

Narrativas presentes na história nacional referem-se, em grande medida, a personagens denominados “grandes heróis”, e movimentos que fizeram a história do país. Geralmente esses personagens são caracterizados como dotados de autonomia, capacidade de ação e vinculados a movimentos considerados fundamentais no cenário nacional. Entretanto, a história oficial desqualifica e recalca várias ações sociais e personagens associados a contestação do status quo. Podemos exemplificar com a escravidão, geralmente estudada em pesquisas que analisam as ações do governo na tentativa de desbaratar os quilombos ou mesmo em análises sobre o movimento abolicionista, excluindo as rebeliões negras. Nessa perspectiva a maioria das interpretações efetuadas sobre as figuras dos líderes ou dos heróis, em nosso país, interpreta Zumbi dos Palmares, líder quilombola, como transgressor e alucinado. (SOUZA, 2004, p. 6)

Os personagens que de alguma forma não se enquadrarem nas características dadas por eles como heróis vão enfrentar dificuldades para o seu reconhecimento.

A análise da construção de heróis nacionais como Duque de Caxias, Osório Duque-Estrada e Tiradentes em comparação com Frei Caneca e João Cândido, realizada no capítulo 1, indica quais características são necessárias para o reconhecimento desses heróis, mas também apresenta, principalmente, quais características não são aceitas para esse reconhecimento. Pegar em armas contra o governo ou tentar mudar as estruturas de poder com o objetivo de alterar o *status quo* da sociedade são ações que levam a reprovação. O que legitima esse ponto de vista é o mito da cordialidade, que enxerga os brasileiros como um povo pacífico avesso a conflitos. Nossa mistura, que ao invés de nos distanciar nos aproximou, é vista como o principal fator na construção de nossa identidade comum de brasileiros constituídos a partir da superação de nossas diferenças, diferenças essas superadas por um bem maior: a Nação brasileira.

Apesar da construção do mito da cordialidade e do reconhecimento de heróis que lutaram de forma correta o que vivenciamos no dia a dia está longe do que afirmam essas teorias. As grandes desigualdades sociais, o racismo, a discriminação e a exclusão social mostram a verdadeira face de nossa sociedade. Dessa forma, torna-se necessário a construção de uma identificação que venha de cima para baixo utilizando todos os recursos do Estado para tentar tornar real esse Brasil cordial. Percebe-se também, segundo Souza (2004), o desejo dos brasileiros de que realmente fôssemos assim.

O mito da cordialidade brasileira se associa a possível capacidade do brasileiro em suportar a diferença e driblar o preconceito. Por um lado, apesar do discurso sobre o brasileiro como homem cordial e da criação do mito das três raças que procura responder a nossa miscigenação constitutiva, a discriminação, seja ela étnica, social, ou econômica, floresce a olhos vistos em nosso país. Por outro lado, mesmo o discurso sobre o brasileiro como um homem cordial e avesso à discriminação, não encontrando correspondência na prática cotidiana da maioria das pessoas, ele permanece no imaginário coletivo e continua a servir de referência a representação identitária construída sobre os brasileiros e pelos brasileiros. (SOUZA, 2004, p. 8)

A proposta de uma história idealizada de cima para baixo tendo por base o mito da cordialidade e a inserção de todos em uma sociedade miscigenada, além de não encontrar legitimidade quando observamos o comportamento dos brasileiros e brasileiras, torna-se também um obstáculo para a construção da identidade local. Ao percebermos que nossos heróis estão distantes de nossa realidade é natural o não reconhecimento de nossa própria historicidade. É uma história da qual não fazemos parte. Somos meros

observadores que assistimos passivamente à construção da nação por aqueles que se apropriaram dessa função. Percebe-se, claramente, a qual grupo essa visão interessa.

Como vemos, a versão oficial da história nacional promove a aquiescência implícita a manutenção do mito. Ao oferecer um único vetor aos acontecimentos nacionais, confirma-se a estrutura mítica, reiterando-se a direção temporal que preside a estrutura. Dessa forma, por partir de uma única e específica leitura da história brasileira, conferindo-lhe o estatuto de origem, análises orientadas pelo mito fundante não revelam as especificidades das diferentes inserções socioeconômicas, produzidas com o fazer-se do país. (SOUZA, 2004, p. 11)

Ao analisarmos esse processo de construção da nação brasileira e seus mitos escolhidos não podemos deixar de considerar os movimentos de resistência que, muitas vezes, se desenvolvem a partir do desconforto causado pela ideia do mito da cordialidade e de nossa identidade comum a partir da miscigenação. Esses movimentos buscam dar visibilidade ao que deveria, segundo os grupos que lutam pela manutenção do *status quo*, ser mantido na escuridão. Esses movimentos encontram terreno fértil junto as camadas menos favorecidas, pois muitos se identificam com esses personagens criando uma identidade com os mesmos. Essa identidade construída de baixo para cima cria a possibilidade de nos sentirmos parte da história.

As atividades desenvolvidas junto ao corpo discente no campo de ensino da história nas mais diversas salas de aula precisam responder aos questionamentos sobre a importância e relevância desse conhecimento. Os profissionais da educação são constantemente questionados. Possíveis respostas poderiam ser encontradas ao desenvolvermos trabalhos utilizando como base personagens que possibilitem construções identitárias com os alunos. Pertencer a mesma classe social, fazer parte da mesma etnia, ter a mesma religião ou profissão e até mesmo morar na mesma localidade abrem a possibilidade de, a partir da construção de uma identidade comum, compreender a sociedade na qual está inserido e a si mesmo enquanto sujeito histórico. Não se pretende com isso criar heróis, pois esse não é o papel do historiador ou do professor de história, mas publicizar personagens cuja vida e obra são relevantes nos estudos e na compreensão das estruturas que formam a sociedade. Dessa forma, não se desconsidera a importância dos heróis na historiografia e na sociedade. O uso e a apropriação dos mesmos são realizados pelos mais diversos grupos ao longo da história.

Heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. Não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico. (CARVALHO, 1990, p. 55)

O papel político representado pelos heróis e a disputa de memórias em relação a eles demonstram a importância desses personagens. Um bom exemplo dessa disputa de memórias ocorreu em Sergipe. João Mulungu, o “Zumbi sergipano”, quilombola que conseguiu durante anos se esquivar das tentativas de captura e quando preso, em 1876, afirmou preferir a força do que voltar ao cativeiro, é objeto de disputas de memórias desde a década de 1970. Acompanhando o movimento que colocaria Zumbi dos Palmares no Panteão dos imortais do Brasil, José Severo dos Santos, mais conhecido pelo cognome D’Acelino, fundador e presidente da Casa de Cultura Afro-Sergipana, liderou o movimento que buscava resgatar João Mulungu do passado. Na visão de D’Acelino, era necessário que Sergipe tivesse seu próprio representante.

D’Acelino manifestou a importância do “reconhecimento urgente” de um “herói negro sergipano”. O nome de Mulungu deveria servir de “exemplo” a todos que propugnava pela construção de uma “sociedade igualitária e mais justa”, em especial a comunidade negra, que lutava ora pela resolução de seus problemas, ora pela afirmação de sua identidade. “A comunidade negra sergipana, enfatiza D’Acelino, “deve conhecer os seus heróis, para que através deste comportamento solidifique a sua identidade ancestral”. (DOMINGUES, 2016, p. 219)

O discurso em defesa do reconhecimento do herói João Mulungu publicado na forma de editorial no jornal Nagô, em 1986, além de uma série de ações que visavam dar maior visibilidade ao Zumbi sergipano permitiram que, em 1990, a Câmara Municipal de Laranjeiras o considera-se como primeiro herói negro a representar a luta contra o cativeiro no estado de Sergipe. Além disso, determinava que o dia 19 de janeiro, o mesmo de sua prisão, fosse considerado o Dia Municipal da Consciência Negra Laranjeirense. Dois anos depois, Aracaju, capital do estado, faz o mesmo reconhecimento que Laranjeiras. O investimento em João Mulungu como herói alcança o ápice, sempre apoiado nos esforços de D’Acelino, quando em 5 de outubro de 1999, a Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe sancionou o projeto de Lei n. 132, que estabelece 19 de

janeiro como o “Dia estadual de luta da consciência negra, em homenagem ao herói negro sergipano, João Mulungu”.

A luta de D’Acelino pelo reconhecimento de João Mulungu como herói obteve importantes vitórias no campo político. No campo acadêmico a luta tem sido acirrada. As disputas pela construção ou desconstrução do mito ainda estavam longe do fim. Para a historiadora Maria Leny Santos, professora da Universidade Federal de Sergipe e vinculada ao Núcleo de estudos Afro-Brasileiros da instituição, há um exagero em enxergar João Mulungu como herói. Em um artigo publicado em 1995, afirma que o mesmo recebeu o status de uma “super estrela”, visão exagerada que escondia interesses pessoais e políticos. Não deixando de reconhecer a importância histórica do personagem ela rechaça o protagonismo dado ao Herói sergipano

Este, de fato, foi uma das figuras mais populares entre os escravos, um dos personagens temido dos senhores proprietários rurais e um dos mais experientes desafiadores dos cercos policiais, mas daí, ... torna-lo único, sobretudo tributar-lhe o título de líder dos quilombolas e herói negro sergipano, é um procedimento no mínimo reducionista. (NELY, apud DOMINGUES, 1990, p. 226)

Na visão de Santos, os argumentos utilizados para justificar as qualidades de herói local de João Mulungu poderiam ser encontradas em outros quilombolas como Laureano, Frutuoso, Dionísio e Saturnino, que também fugiram do cativeiro e viveram em quilombos, mas que foram colocados em segundo plano. João Mulungu, segundo a autora, nada mais foi do que um “Fujão” como tantos outros escravizados da região.

No processo de desconstrução realizado por Santos é apresentado um outro personagem bem mais qualificado, segundo ela, para a função de herói sergipano. Francisco José Alves (1825-1896) editor de dois jornais, fundador da “mais importante entidade abolicionista de Sergipe” e “defensor incansável dos escravos” apresentava as qualidades e qualificações necessárias a um herói representante das lutas dos negros contra a escravidão. As críticas que desqualificavam João Mulungu eram inversamente proporcionais aos elogios a Francisco José Alves. Santos destaca que a luta contra a escravidão realizada por quilombolas como Laureano, Frutuoso, Dionísio, Saturnino e, principalmente, João Mulungu foram feitas sem organização e as consequências limitavam-se ao âmbito local. Já Francisco atuou no campo político podendo ser comparado a figuras como José do Patrocínio, André Rebouças e Joaquim Nabuco.

Segundo Santos, se não fosse por sua luta incansável Sergipe seria apenas um espectador dentro do processo abolicionista.

O herói altamente qualificado na perspectiva de Santos não foi visto da mesma forma pelos políticos, por boa parte da academia e, principalmente, pela comunidade local. Alguns fatores podem ter sido determinantes. Primeiro, o fato de Francisco José Alves ser um homem branco é visto por Domingues (1990) como um obstáculo para a identificação das comunidades negras. Outro fator relevante é que João Mulungu já teria caído no gosto popular independentemente da luta de memórias dentro da academia. Dessa forma, podemos concluir que o reconhecimento de heróis está para além da vontade de grupos ou da academia. Ocorre um processo de apropriação que nem sempre está atrelado ao que se pretende com a produção científica ou nas ações dos movimentos sociais. Pesquisas que apresentam personagens a partir da perspectiva de uma construção de identidade local, pessoal, religiosa ou de qualquer outra característica afim deve ter por objetivo tornar público temas que se mostram relevantes durante a pesquisa histórica. Podemos perceber que o processo de heroificação está além da vontade de grupos ou do próprio historiador. Quando verificamos processos de heroificação como o de Duque de Caxias, Tiradentes, Zumbi, entre tantos outros heróis de nosso Panteão, fica claro a necessidade do reconhecimento popular, que não está sob o controle daqueles que apresentam tais personagens.

O domínio do mito é o imaginário que se manifesta na tradição escrita e oral, na produção artística, nos rituais. A formação do mito pode dar-se contra a evidência documental; o imaginário pode interpretar evidências segundo mecanismos simbólicos que lhe são próprios e que não se enquadram necessariamente na retórica da narrativa histórica. (CARVALHO, 1990, p. 58)

Entre os anos de 1995 e 2007 ocorre uma batalha pelo reconhecimento, ou não, de João Mulungu como herói sergipano. D' Avelino, diante das acusações da professora Nely Santos, solicita junto ao Conselho Estadual de Cultura de Sergipe um parecer sobre o tema. Após mais de 10 anos de batalha, o Conselho, não deixando de reconhecer a importância do personagem, decide não cancelar Mulungu como herói. Segundo Domingues (1990, p. 237) pouca coisa mudou depois desse parecer. João Mulungu já havia caído no gosto popular e no imaginário de boa parcela da população. Como ocorre com os heróis na ficção, os esforços para destruí-lo acabaram tornando-o ainda mais forte. Tiradentes, no passado, e Zumbi, na atualidade, passaram por situações semelhantes. Concordamos com Carvalho (1990, p. 73) quanto ao segredo da vitalidade dos heróis. “O segredo da vitalidade do herói talvez esteja, afinal, nessa ambiguidade, em sua resistência aos continuados esforços de esgarçamento de sua memória.” (CARVALHO, 1990, p. 73)

2.2 Memória e identidade: João Cândido e o Almirante Negro

Na elaboração dos livros didáticos para o 9º ano o conteúdo previsto para a primeira etapa do ano letivo é a Proclamação da República no Brasil. Seguindo essas orientações a discussão se inicia com as possíveis causas para o golpe militar de 15 de novembro de 1889. São três os principais fatores apresentados: a chamada questão econômica, em que se afirma que os grandes latifundiários do café retiraram seu apoio à monarquia devido a abolição sem indenização. O segundo fator estava relacionado a questão religiosa. As constantes intervenções do Imperador nos assuntos da Igreja Católica levaram a um afastamento da mesma. O terceiro é a chamada questão militar. Após a vitória na Guerra do Paraguai (1864-1870) os militares desejavam maior participação nas decisões do governo. Esses três fatores deixam a impressão de que a população em geral passou ao largo quanto a luta por um Brasil republicano.

Na análise da não participação popular no golpe é comum usarmos a frase de Aristides Lobo: “O povo assistiu bestializado a Proclamação da República”. Os alunos refletem sobre como a formação de nossa República foi responsável pelas características gerais da nossa sociedade. Ao mesmo tempo, busca-se discutir as estratégias utilizadas pelo governo para tornar legítima, junto a população mais pobre, essa República oligárquica. Nesse momento destaca-se o papel dos heróis no processo de identificação social e política. Figuras como Caxias e Tiradentes estão sempre presentes. Em uma dessas aulas um aluno levanta a seguinte questão: “Como alguém que comandou o Brasil na guerra mais sangrenta de nossa história pode ser considerado um herói e ainda ser chamado de ‘O pacificador’?” Essa indagação demonstra a importância para o professor de história em compreender os processos de heroificação e os sentidos que possuem. Mitos são construções que buscam responder a alguma demanda social ou política, preenchem lacunas, aproximam e permitem identificações que criam condições de legitimidade.

Em relação ao herói da Revolta da Chibata é possível perceber que essa construção criou dois personagens que ocupam lugares distintos. A distinção é perceptível quando observamos o que se quer lembrar e o que se deseja esquecer. Dessa forma, analisar o papel dos personagens João Cândido e do Almirante Negro torna-se significativo quando buscamos compreender as diversas apropriações realizadas por vários grupos em diferentes tempos históricos após a Revolta dos Marinheiros de 1910.

Ao longo desse trabalho acompanhamos alguns processos de construção e desconstrução de mitos, alguns mais e outros menos reconhecidos, mas todos servem para atender aos interesses de grupos específicos. Em relação ao herói da Revolta da Chibata é possível pensarmos que o mito se diferenciou do homem. João Cândido e o Almirante Negro são personagens distintos que se distanciaram ao longo do processo de construção da figura do herói. A Revolta da Chibata foi um movimento em que praças, em sua grande maioria negros e mestiços, dominaram a Marinha brasileira e deixaram o governo, comandado por um militar, sem condições de responder à ameaça. Além disso, o que se pode constatar é que não houve falhas na execução dos planos, insubordinações ou traições. De acordo com os jornais da época, o único erro gravíssimo foi o tiro de advertência ter atingido uma casa matando duas crianças. O plano foi executado com eficiência e nada mais restou ao governo a não ser aceitar as principais exigências.

João Cândido, inicialmente apenas mais um integrante do grupo que planejou o movimento, rapidamente torna-se seu principal líder. Apesar da carta com as exigências dos marinheiros não ter sido escrita por Cândido, o comando dos navios ter sido compartilhado e as negociações terem a relevante participação do deputado José Carlos de Carvalho é a ele que a imprensa dá o título de Almirante Negro. O que vemos a partir desse momento são dois personagens que por caminhos diferentes podem ser heroificados.

No comando do Minas Gerais, João Cândido demonstrou extrema competência. Mandou fechar o alojamento dos oficiais, jogar ao mar toda a bebida alcoólica que estivesse no navio. Controlou o ímpeto dos marinheiros mais exaltados que desejavam vingança pelas humilhações sofridas. Como registrado no processo, os militares que tombaram foram aqueles que entraram em combate contra os rebelados. Executou manobras arriscadas com maestria, demonstrando a capacidade de combate dos marinheiros sem a necessidade de novos disparos. Quando a Revolta terminou passou o comando dos navios seguindo todas as normas e os mesmos estavam em perfeitas condições.

A possibilidade de revanchismo por parte dos oficiais e do governo foi rechaçada por João Cândido. Confiava, de forma quase inocente, que o governo iria cumprir o acordo de anistia. Ainda acreditava na força das leis e na palavra dos homens. Dessa forma, recusou os conselhos para se afastar do Rio de Janeiro ou sair do país. Quando uma nova revolta se iniciou em dezembro daquele ano, João Cândido manteve sua palavra não aceitando participar. Ao contrário, ao ver os oficiais do Minas Gerais fugindo em

debandada assumiu o comando do navio levando-o para fora da baía de Guanabara evitando possíveis ataques ao navio que tão caro custou a nação.

Novamente, João Cândido entrega o Minas Gerais em perfeitas condições quando a revolta termina. Entretanto, ao desembarcar, além dos repórteres que o aguardavam como da primeira vez, a polícia estava presente para prendê-lo. De nada adiantou a mensagem encaminhada durante a tentativa dos fuzileiros de tomar a Ilha das Cobras ao presidente da República, na qual afirmava estar alinhado aos interesses do governo.



João Cândido é escoltado até a Ilha das Cobras para ser preso. Foto do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Na prisão, João Cândido vive um dos piores momentos de sua vida. Em uma cela insalubre vê dezesseis dos dezoito presos morrerem asfixiado. Sobrevive, mas por apresentar sinais de loucura passa dois meses internado em um manicômio. Após receber alta retorna para a prisão onde fica por mais dois anos.

O líder da revolta foi absolvido de todas às acusações, mas como seu tempo na Marinha havia acabado, foi exonerado. A partir desse momento a vida de João Cândido pode ser comparada com a de milhares de outros brasileiros negros, pobres e sem instrução. Mas a ele devemos acrescentar as perseguições sofridas ao longo de toda a sua vida após ter recebido o título de Almirante Negro.

As perseguições sofridas pelo Almirante Negro tinham como principais argumentos o assassinato dos oficiais durante a Revolta, a tentativa de conseguirem seus objetivos por meio da força e não de forma pacífica e, principalmente, as tentativas de

comparar João Cândido marinheiro pobre, negro e sem instrução com heróis consagrados da Marinha de Guerra. O imortal Afrânio Peixoto, ao tomar posse de sua cadeira na Academia Brasileira de Letras, colocou o nome João Cândido nos ouvidos, e talvez nos corações, de boa parte da intelectualidade brasileira ao citá-lo.

Talvez João Cândido não saiba que muita gente em grande toilette, casacas, fardões, smokings lhe ouviu o nome por três vezes, sábado último, na Academia. Nem talvez lhe interesse saber. É um homem que cumpriu sua missão. E pode tranquilo descarregar seu peixe O nome do Almirante Negro finalmente estava registrado nos anais dos discursos da Academia Brasileira de Letras, e aquela luxuosa plateia ouviu que o imortal Afrânio Peixoto reconhecia a injustiça praticada por oficiais da Marinha de Guerra para com o velho marinheiro, que descarregava peixes e caranguejos na Praça XV. (NASCIMENTO, no prelo)

A resposta da Marinha não tardou a acontecer, demonstrando a importância da figura de João Cândido, que é retratado nas próprias palavras elogiosas como um personagem do passado, alguém cuja missão havia sido cumprida e poderia cuidar em paz de seus outros afazeres. Os elogios parecem determinar a necessidade de se manter acessa a luz alerta mesmo depois de tantos anos de perseguições e humilhações.

Alencastro Graça ainda publicaria mais um extenso artigo em resposta a Magalhães Jr, batendo na mesma tecla: defesa da Marinha, e proibição de João Cândido ser elevado a herói nacional. Ele se posicionava como um gladiador que, com seu escudo, defenderia a honra e a glória da Marinha de qualquer ameaça. Também desembainharia sua espada contra qualquer pessoa que pusesse um “Zé da Ilha”, tomado pelos “vícios da pederastia e alcoolismo” no lugar dos almirantes Tamandaré e Barroso. (NASCIMENTO, no prelo)

É possível perceber que a desconstrução realizada por Alencastro Graça, oficial da ativa no período da Revolta da Chibata, refere-se ao personagem Almirante Negro. Sua principal crítica consiste em colocá-lo no mesmo patamar dos Almirantes Tamandaré e Barroso. Ou seja, é no Panteão dos heróis de alta patente que a disputada de memórias é travada.

Os ataques da Marinha e da imprensa governista havia ocorrido ainda no calor dos acontecimentos. Até mesmo entre os que declararam apoiar o movimento e enaltecer o

comando de João Cândido podemos ver a disputa de memórias em relação ao personagem.

Quando ancoraram os navios, repórteres e fotógrafos invadiram os navios e passaram a entrevistar personagens e a registrar em fotografias aquele momento. A revista satírica *A Careta* aproveitou aquelas imagens para “divertir” seus leitores. Numa das suas capas, estava a charge de João Cândido vestido de almirante, tendo acima o título “A disciplina do futuro”. Possivelmente os responsáveis pela capa procuraram alfinetar àqueles entusiastas de João Cândido, que elogiaram o líder dos amotinados pela sobriedade na condução do movimento que reuniu centenas de marinheiros. Estas qualidades levaram os jornais *Correio da Manhã* e *Diário de Notícias* a intitulá-lo “almirante” João Cândido. (NASCIMENTO, no prelo)

É importante ressaltar que o chargista da revista *Careta*, ao utilizar a imagem do Almirante para alfinetar o governo, não escondeu sua visão preconceituosa. João Cândido é apresentado na farda de um oficial, mas sua imagem é carregada de traços simiescos. Ao seu lado, marinheiros brancos desenhados com traços humanos reforçam a imagem preconceituosa que se quis retratar. Desde os primeiros momentos, a transformação de João Cândido no Almirante Negro é objeto de disputas em um contínuo processo de valorização e desvalorização.



Charge publicada na revista *Careta* em 10 de dezembro de 1910. Título: A disciplina do futuro

Na apropriação da imagem do Almirante Negro entre os militares destaca-se sua capacidade de liderança, seu espírito abnegado na luta por direitos. Ou seja, é um exemplo de liderança a ser seguida. Tentativas de revoltas ou manifestações realizadas por militares, como a da Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil (AMFNB) que, na década de 1960, buscava melhores condições de trabalho e soldos ou a chamada pela imprensa de Sublevação dos Sargentos de 1915, sempre destacavam essa característica de liderança.

A força deste legado pode ser observada ainda em 1915. Menos de três anos após ser absolvido do processo que respondeu na Marinha de Guerra, já estava ele sendo ligado a um movimento no Exército, mesmo sem ter participado dele. “*A Sublevação dos Sargentos*”, como ficou conhecida à época, ganhou os jornais em 1915, e João Cândido foi citado como inspiração. O movimento teve elementos semelhantes aos dos marinheiros. (NASCIMENTO, no prelo)

A imagem apropriada, construída e reconstruída pelos grupos militares destaca o militar marinho João Cândido e sua capacidade de comando provada ao longo dos 4 dias que comandou o Minas Gerais e os dois mil marinheiros rebelados.

A luta pelo reconhecimento do Almirante Negro como um herói digno de estar no Panteão parece estar longe do seu fim. No dia 4 de setembro de 2020 obteve mais uma vitória. O decreto municipal nº 6406, em seu artigo 1º decreta: “Colocar a figura de João Cândido Felisberto, conhecido como Marinheiro João Cândido como Herói Municipal de São João de Meriti, em virtude das tradições e manifestações culturais da memória e crença de seus heróis municipais”.

Diversos movimentos de publicização da imagem do Almirante Negro têm sido realizados. Teses, livros, artigos, peças de teatro são alguns exemplos. Na sua maioria destacam a vitória dos marinheiros liderados por ele em 1910, a traição e as perseguições sofridas. Todos ajudam a compor o caldo necessário para a construção do mito/herói. Entretanto, pouco se fala do cidadão João Cândido, aquele que carregou o fardo de ser o Almirante Negro. Sua vida repleta de tragédias, como os dias no qual ficou preso entre companheiros mortos durante o Natal do ano da revolta, o suicídio de sua esposa e filha, as grandes dificuldades financeiras, as decepções políticas daqueles que buscavam fazer uso do seu nome com os mais diferentes interesses, como o que ocorreu com o movimento integralista da década de 1930, não parecem ter despertado em João Cândido

ódio ou revolta. Ao contrário, suas reações foram sempre serenas. Não encontramos nas suas palavras revanchismo ou vingança. O reconhecimento da importância do cumprimento das leis, a defesa do Estado e de seus representantes eram suas bandeiras. Em uma de suas últimas entrevistas, dada ao Museu da Imagem e do Som em março de 1968, surpreendeu os entrevistadores quando defendeu o golpe militar de 1964. Segundo Nascimento (no prelo), é possível compreendermos essa posição a partir da perspectiva de um homem que construiu sua personalidade na vida militar desde os 14 anos de idade. Ou seja, a posição do ex-marinheiro surpreende àqueles que melhor conhecem o Almirante Negro ao invés de João Cândido.

Nas ações que buscam colaborar no processo de construção e reconhecimento do herói marinha poderíamos considerar a possibilidade de dar maior visibilidade ao cidadão João Cândido, um herói próximo. Um homem humilde, com pouca instrução, negro que, como tantos outros, teve pouquíssimas possibilidades de ascensão social em um país repleto de desigualdades históricas. Mesmo assim, viveu da forma mais íntegra que pode. Aquele que comandou os navios mais poderosos da frota naval brasileira, o “Almirante Negro”, ao passar o comando do navio Minas Gerais em perfeitas condições de combate ao capitão de mar e guerra João Pereira Leite retirou as divisas de Almirante que o reconhecimento de sua capacidade de liderança lhe dera para voltar a ser o marinha João Cândido.

Se como afirma Carvalho (1991) e Domingues (2015) os processos de heroificação para o seu reconhecimento precisam ser apropriados, enxergamos João Cândido como um herói para além do Almirante Negro, pelo fato de permitir novas possibilidades de construção de identidades entre aqueles que enfrentam no dia-a-dia desafios semelhantes e que podem se inspirar em seus exemplos.

Em uma entrevista dada em sua casa no bairro de Vila Rosali em São João de Meriti ao jornal *Mundo Ilustrado*, João Cândido, aos 76 anos, foi questionado em relação a algum tipo de arrependimento por ter tomado parte da Revolta dos Marinheiros sendo um de seus principais líderes e por isso ter sido perseguido por toda a vida, tendo como resultado mais aparente a pobreza na qual vivia. O herói do município de São João de Meriti responde da seguinte forma:

Sou um homem sem instrução, mas que lê. Nos jornais só se fala em liberdade, humanidade e outras coisas nobres. Por que lutei? Não foi justamente para isso? Não me arrependo, e tenho o meu ato como a coisa mais decente que já fiz na vida. Lutei contra os maus tratos dado aos marinheiros, e fiz sem ódios pois nunca fui punido.

III

O processo de ensino e aprendizagem a partir de experiências educativas

Há 15 anos a sala de aula têm sido o espaço no qual desenvolvo, com os alunos, experimentações que buscam encontrar possíveis respostas a questões como: para que serve a História? Por que não posso mais simplesmente decorar fatos e datas? Por que precisamos estudar algo que já aconteceu e faz parte do passado? E a que considero mais desafiadora: como isso pode me ajudar ou mudar alguma coisa na minha vida?

Essas são algumas questões formuladas por meus alunos, espalhados em diversas salas de aula do município de São João de Meriti, região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, que enfrentam problemas sociais dos mais graves e diversos. Na sala de aula, busco demonstrar a relevância dos fatos acontecidos no passado e como eles influenciam o presente.

Assim, percebendo a necessidade de responder a essas demandas nos encontramos diante dos seguintes desafios: de que forma é possível dar sentido as respostas que formulamos aos nossos alunos? Qual caminho seguir para que as aulas colaborem para que eles repensem suas identidades dentro do local onde vivem? Que demandas sociais representadas pelas indagações de nossos alunos poderão ser respondidas a partir da pesquisa histórica? Temas relacionados a questões raciais, ocupação e apropriação do espaço geográfico, tão presente no vocabulário de nossos alunos, poderiam ser respondidos a partir de que reflexão histórica?

Comparativamente aos colegas de trabalho com idade próxima à minha (nasci em dezembro de 1971), considero pouca a minha experiência no magistério. Antes da educação tive duas experiências profissionais: fui sargento de infantaria do Exército brasileiro e pequeno empresário da área de serviços. Cito as antigas profissões porque elas foram, e são, determinantes no desenvolvimento das minhas práticas no processo de aprendizagem. No magistério desde 2002, passei a maior parte desses anos trabalhando em escolas da rede pública estadual e particular do município de São João de Meriti. Lecionando para alunos de 10 a 50 anos ou mais, percebi que nesse município a baixa autoestima é uma característica comum a uma boa parcela deles e que trabalhar essas questões no ambiente escolar era algo que deveria ser desenvolvido.

Na Educação de Jovens e Adultos (EJA), por exemplo, indagamos nossos alunos nos primeiros dias de aula para que reflitam sobre quais são seus objetivos desde o

momento em que decidem dedicar dois anos estudando de 2^a a 6^a feira, de 18:20hs às 22hs²⁰ e as respostas indicam alguns caminhos. Uma grande parcela afirma necessitar de um diploma para conseguir uma promoção ou cargo de chefia. Outros acreditam que é o caminho para entrar no mercado de trabalho formal já que a informalidade é o caminho comum trilhado pela maioria deles. Respostas como compreender melhor a sociedade da qual fazem parte, melhorar sua comunicação, conseguir compreender um pouco melhor essa enxurrada de informações transmitidas pelas redes sociais, muitas delas logo depois dadas como falsas (as popularmente conhecidas com fake news), raramente aparecem, principalmente entre os alunos mais jovens.²¹ Essas expectativas reduzem a importância do papel da aquisição de conhecimento dentro do processo de ensino e aprendizagem levando esses estudantes a buscar apenas a diplomação, muitas vezes, sem compreender os conteúdos básicos previstos no currículo mínimo. Esse quadro possui um resultado preocupante. O Brasil é o único país onde os índices de escolaridade aumentou ao longo das últimas décadas, mas os salários não acompanharam essa mudança.²²

Não são poucos os desafios enfrentados por esses estudantes da educação de jovens e adultos ao longo desses dois anos. É comum o atraso para aqueles que estão empregados, pois, enfrentam longas distâncias entre suas residências e o local onde trabalham. A maternidade ainda na adolescência ou no início da juventude, períodos considerados de formação escolar, levam essas mães a sacrificar seus filhos e familiares para poder frequentar os bancos escolares. Entretanto, nem sempre é possível ter com quem deixar os filhos levando a um elevado número de faltas. Os desempregados, apesar do aparente tempo disponível, também enfrentam dificuldades. Como manter a concentração diante de uma realidade tão preocupante como a falta de condição de sustentar a si e a família? Ainda não podemos deixar de destacar a violência que, se já é grande no estado do Rio, torna-se ainda maior na Baixada Fluminense, área historicamente abandonada pelo poder público.

²⁰(CF. Art. 205). Retomado pelo Art. 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB-9.394/96, este princípio abriga o conjunto das pessoas e dos educandos como um universo de referência sem limitações. Assim, a Educação de Jovens e Adultos, modalidade estratégica do esforço da Nação em prol de uma igualdade de acesso à educação como bem social, participa deste princípio e sob esta luz deve ser considerada.

²¹ A E.J.A. tem como objetivo atender as pessoas que por algum motivo não tiveram condições de concluir sua formação no tempo previsto para a mesma. O que vemos atualmente é um número cada vez maior de jovens da faixa etária de 18 anos em detrimento de pessoas acima dos 30 anos público alvo do projeto NOVA E.J.A.

²² Essa questão está relacionada a falta de qualificação da mão-de-obra que busca apenas a diplomação. O tema será desenvolvido ao longo do capítulo.

Sobre o ensino médio regular (também chamado de diurno) enfrentamos o elevado número de faltas e a evasão escolar. Muitos desses alunos precisam adquirir alguma fonte de renda para ajudar nas despesas familiares, tornando o estudo algo secundário, e para muitos, sem valor. Como dito, a informalidade é o caminho mais comum. Trabalhos manuais com pouco uso de tecnologia e as vendas, em geral, são as principais atividades desenvolvidas por eles. O que presenciamos, ao longo dos últimos anos, é a permanência desses estudantes em atividades mal remuneradas e desgastantes. A consequência é o abandono dos bancos escolares. Alguns voltam anos depois e matriculam-se na educação de jovens e adultos. Infelizmente, o déficit de aprendizado cobra um alto preço a esses estudantes.

Quando refletimos essas questões sobre o ensino fundamental II, os obstáculos não são menores. Apesar de a obrigatoriedade da formação básica ser de responsabilidade do município²³, em São João de Meriti ainda é necessário a participação da rede estadual. Sendo assim, é comum escolas da rede estadual oferecerem, além do ensino médio, o ensino fundamental. Mas essa participação do poder público estadual não consegue atender a necessidade de todo o município. O resultado são escolas com salas de aulas superlotadas. Essa superlotação tem como consequência direta a indisciplina, a dificuldade para que os docentes possam transmitir os conteúdos previstos e realizar as verificações - e as possíveis correções de caminho - do aprendizado.

Na rede particular, em que encontramos melhores condições de ensino, é possível perceber entre os alunos uma baixa autoestima. Algumas escolas tradicionais da região ou filiais de redes escolares que atuam em todo o estado do Rio de Janeiro, apresentam bons índices de aprovação no ENEM em universidades importantes e muito concorridas. São alunos que só saem do município para os bancos de universidades como a UNIRIO, a UFRJ e a UERJ. O alto índice de aprovação é um dos indicadores que servem de prova da qualidade de ensino oferecida a esses alunos. Entretanto, quando são indagados em relação aos seus projetos para o futuro percebemos a ausência de uma identidade com o local. O que a maioria deseja é abandonar a região assim que for possível. Quando buscamos refletir sobre a possibilidade de que alguns dos principais problemas enfrentados no município possam estar relacionados a questão da gestão e que a má gestão

²³ LEI Nº 9.394 DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. TÍTULO IV; Art. 11: Os Municípios incumbir-se-ão de: V - oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental.

é responsabilidade de pessoas mal qualificadas ou mal-intencionadas e que esses estudantes estão sendo capacitados para tornarem-se gestores muito mais competentes, a reação, em geral, é a repulsa por qualquer participação em uma cidadania mais ativa.

A partir dessas reflexões percebemos a necessidade de desenvolvermos práticas pedagógicas que pudessem ir além do que está previsto no currículo mínimo²⁴. Desenvolver aulas onde fosse possível apresentar novas possibilidades de entendimento da realidade dos alunos, tendo em vista a possibilidade de mudança em relação à visão que têm de si e do município onde vivem. Na busca por uma educação mais inclusiva e relevante para nossos alunos, desenvolvemos uma série de atividades tanto na rede pública quanto na rede particular.

3.1 A educação como instrumento de transformação social: experiências docentes no município de São João de Meriti

A partir da ideia de possibilitar formas de aprendizado mais significativas, percebemos a necessidade de ampliar o espaço das práticas de ensino e aprendizagem para além dos muros da escola. Amparados no projeto desenvolvido a partir de 2013 pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, em parceria com a Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro – CONSÓRCIO CEDERJ, conhecido como Nova EJA, iniciamos uma série de visitas a pontos históricos da cidade do Rio de Janeiro e região metropolitana. Em dias previamente agendados e nos mesmos horários das aulas, professores e alunos eram convidados a participar de uma visita guiada. Os roteiros escolhidos buscavam acompanhar os conteúdos ministrados nas salas de aula.

²⁴ O objetivo básico do Currículo Mínimo é dar ao conjunto das escolas da rede estadual uma base comum curricular a partir da qual conhecimento e cidadania são construídos, no processo de ensino-aprendizagem, como agentes de inclusão e promoção social.



Visita a estátua de Tiradentes em frente à Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro no centro da cidade.

A visitação inicia no centro da cidade. Visitamos três estátuas próximas ao terminal de barcas da Praça XV de Novembro. Os alunos são convidados a conhecer as estátuas de Osório Duque Estrada, D. João VI e João Cândido (essas duas últimas bem próximas) e responder quem são os personagens vistos como heróis nacionais? Qual a importância deles para a sociedade e para cada um dos alunos em especial? Osório é o menos conhecido, seguido de João Cândido. Após as devidas apresentações é recorrente a valorização da importância do papel do Almirante Negro para os estudantes presentes. O que a maioria desconhece é que João Cândido foi morador da mesma região. Outro ponto importante da visitação é a estátua de Tiradentes, localizada em frente à Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Os estudantes são levados a refletir sobre as diferenças em relação aos aspectos físicos da estátua e as características que possuía quando de seu enforcamento segundo a historiografia atual.²⁵ A proposta é abriremos espaço para pensarmos que a história é um processo de construção com objetivos específicos e um lugar de disputa entre grupos. É interessante notar a perplexidade de alguns alunos ao visualizarem, na prática, esse processo de disputa de memórias.

²⁵ Na imagem Tiradentes aparece semelhante a imagem de Cristo. Ver: CARVALHO, José Murilo de, 1939- A formação das almas: o imaginário da República no Brasil – São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 75.

Caminhamos pela Rua Primeiro de Março até a Candelária. Voltamos pela Avenida Rio Branco, encerrando a aula passeio na Lapa. Nesse momento nos reunimos para compartilhar as impressões sobre a atividade e o que mais percebemos é que esses alunos-trabalhadores, apesar de passarem diariamente pelo centro da cidade do Rio de Janeiro, conhecem muito pouco a importância histórica daquele local.

No início de 2014, passei a atuar como professor colaborador no Laboratório Estado, Sociedade, Tecnologia e Espaço do programa Observatório da Educação da CAPES/UFRJ, vinculado ao Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional. Minha principal função era auxiliar para que os trabalhos desenvolvidos no laboratório pudessem ser utilizados na escola como projetos extraclasse. A proposta era, a partir de atividades práticas desenvolvidas dentro do laboratório formado por profissionais de diversas áreas - como educação e arquitetura, aproximar a pesquisa da prática escolar. Ao longo de dois anos participei diretamente de dois projetos: “Cibermusealizando: trabalhando a ditadura civil-militar brasileira por meio do Museu da Pessoa” e “#idasevindas: entre a casa e a escola”. Essas duas experiências colaboraram para a minha percepção da necessidade de se pensar a identidade e a história local dos alunos.

Realizada em maio de 2014, no âmbito do projeto Política, Tecnologia e Interação Social na Educação, desenvolvido na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e financiado pelo Programa Observatório da Educação (OBEDUC/CAPES), a oficina pedagógica “Cibermusealizando: trabalhando a ditadura civil-militar brasileira por meio do Museu da Pessoa” inseriu-se no contexto dos 50 anos do Golpe Militar no Brasil. A proposta era fazer uso das diversas manifestações culturais que rediscutiam o golpe civil-militar de março de 1964, levando esse importante debate para as salas de aula.²⁶

Entendemos, conforme colocado por Maria Paula Araujo (2013), que “abordar esse ‘tema sensível’ é importante não apenas para professores e alunos de todos os segmentos de formação escolar, mas para toda sociedade brasileira” e partimos da compreensão de que “apenas conhecendo, discutindo, analisando, revelando os fatos e as experiências ligados à ditadura militar, podemos efetivamente tornar esse momento da nossa história em tempo passado.” (ALBAINE; RANGEL, 2014, p.1)

²⁶ O projeto foi realizado por todo o corpo discente e docente do CIEP 175 José Lins do Rego. Os professores de outras disciplinas participaram de palestras com a equipe de História envolvida no projeto. Foi extremamente gratificante poder compartilhar com colegas de outras áreas questões historiográficas sobre o golpe civil-militar de 1964. O objetivo era atualizar a equipe em relação aos debates sobre o tema no qual eles, provavelmente, seriam questionados pelos alunos ao longo do projeto.

Após alguns encontros no laboratório para definirmos as etapas do projeto, foi realizada uma reunião com a direção e o corpo docente do CIEP 175 José Lins do Rego para apresentar a proposta. O interesse pelo tema foi geral, o que facilitou sobremaneira o desenvolvimento do projeto. Foram realizados alguns encontros com os professores para que pudessem se apropriar do tema.

Em março de 2014 levamos nossos alunos para visitar a exposição “Resistir é preciso”, no Centro Cultural Banco do Brasil, localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro. O objetivo era demonstrar a importância do tema e a amplitude que alcançava. Para muitos, foi a primeira oportunidade de conhecer uma exposição. Em seguida, sem deixar de apresentar os conteúdos previstos no currículo mínimo, foram ministradas aulas, na forma de palestras, sobre os fatos históricos que antecederam o golpe, a tomada do poder, suas consequências e o processo de redemocratização. Ao longo desse processo os alunos tiveram contato com uma série de relatos de pessoas “comuns” - como operários, artistas, militares, professores, estudantes, mães e pais de família, religiosos e fazendeiros - que transmitiam das mais diversas formas suas visões sobre o período por eles estudado.

Após esse período de apropriação do tema por parte dos alunos, foi dado acesso à plataforma do Museu da Pessoa²⁷ e as atividades passaram a ser desenvolvidas a partir dela. Apresentamos alguns personagens fictícios, mas historicamente alinhados com as características dos grupos sociais presentes no período anterior ao golpe e aqueles que vivenciaram os chamados Anos de Chumbo. Os alunos, organizados em grupos, iriam receber dois personagens da seguinte forma: o primeiro poderia ser qualquer um que o grupo desejasse e o segundo seria indicado pela equipe. O objetivo era, além de permitir o contato com personagens que tivessem algum tipo de identificação, abrir a possibilidade de tomar contato com personagens que possuíam valores diferentes ou até mesmo contrários aos seus.

Escolhido os personagens, os alunos começaram a criar ou buscar na internet textos, imagens, vídeos e áudios para compor a história, contando com a orientação da equipe e do professor da turma em todas as etapas. A proposta era fazer com que a partir das ações dos personagens, seus valores, conflitos e lutas pudessemos criar alguma forma de identificação entre eles e os estudantes. Demonstrar como os fatos históricos atingem a todos em escala maior ou menor. Perceber que não existe uma única visão de certo ou

²⁷Plataforma que permite aos participantes contarem a sua própria história, de personagens ou familiares e amigos. Ver: <http://www.museudapessoa.net/pt/home>

errado, ou um único ponto de vista em relação àquele momento histórico, ou a qualquer outro²⁸. Por fim, destacar a importância histórica de todos os seres humanos, independentemente de suas origens, cor ou classes sociais.

Analisando os resultados do projeto, por meio de espaços de debate criados com essa finalidade, ficou clara a mudança de perspectiva dos alunos em relação a atuação deles como agentes da história. Construir histórias (baseadas em outras histórias reais) de pessoas comuns que foram impactadas pelos anos da ditadura de forma negativa ou positiva possibilitou a percepção do conceito de sujeito da história, fundamental na construção da identidade e que pode, segundo acreditamos, proporcionar o pleno exercício da cidadania.

A partir do 2º semestre de 2014, desenvolvemos o projeto “#idasevindas: entre a casa e a escola”, que tinha como objetivo perceber como nossos alunos da educação de jovens e adultos enxergavam o local onde vivem. Quais relações construíram com o local? Quais as possibilidades de uma identidade local eram possíveis perceber a partir da elaboração dos mapas colaborativos? O resultado do trabalho foi apresentado em uma Conferência realizada em Cuba em 2015²⁹. A introdução do artigo produto da Conferência faz a seguinte colocação:

Este texto apresenta uma reflexão sobre uma atividade pedagógica que foi iniciada no segundo semestre de 2014, no CIEP 175 em São João de Meriti, Rio de Janeiro - Brasil. Cujas propostas eram trabalhar com tecnologia integrada à educação, no sentido de ampliar a percepção dos alunos sobre o local onde vivem. Fazer uma aproximação entre o lugar e o ambiente em que o indivíduo atua, uma leitura do espaço pessoal, dos processos visuais, da memória, afeto, identidade. A construção da imagem e da memória [...], buscando uma identidade que conecta o indivíduo ao lugar, numa relação de reciprocidade. (AZEVEDO DE OLIVEIRA, 2015, p.1)

Utilizando uma plataforma disponível no Google Maps que permite a elaboração dos mais diferentes mapas, orientamos nossos alunos para que destacassem pontos positivos e negativos no caminho entre as suas residências e a escola, possibilitando assim o surgimento de pontos em comum. Além disso, propomos uma reflexão sobre o olhar sobre o local que, muitas vezes, passam despercebidos pelos discentes. A proposta era

²⁸ Ver: Usos & abusos da história oral/ Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

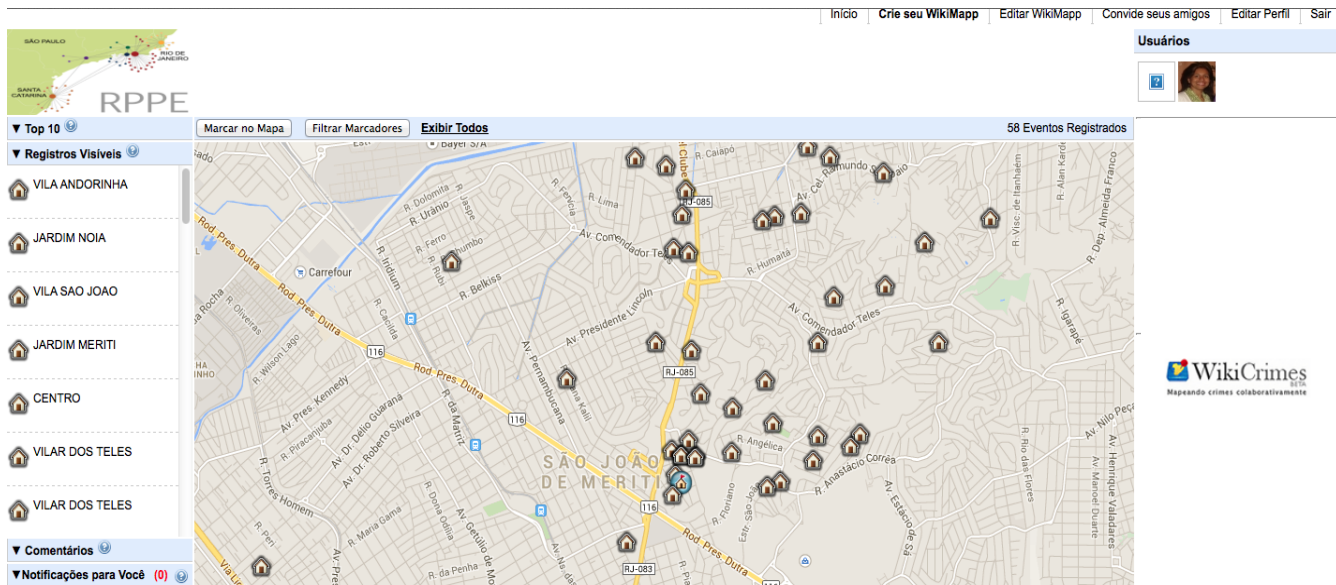
²⁹ “VII Conferência Científica Internacional de la Universidad de Holguín”, Holguin, Cuba, 2015.

dar visibilidade aos lugares que muitas vezes se tornam invisíveis aos olhos de quem vive uma rotina estressante e cansativa nos centros urbanos das grandes cidades e região metropolitana.

No caso da atividade desenvolvida o objetivo foi explorar os diversos olhares possíveis sobre as regiões entre a casa e a escola (CIEP 175 José Lins do Rego) dos alunos de São João de Meriti, possibilitando a construção de mapas colaborativos e o despertar de novas formas de percepção do espaço neste ato de “ir e vir”. Abriu-se então, um caminho instigante para se compreender as novas formas de subjetivação e urbanidade na cidade destes sujeitos classificados como discentes. (AZEVEDO DE OLIVEIRA, 2015, p. 3)

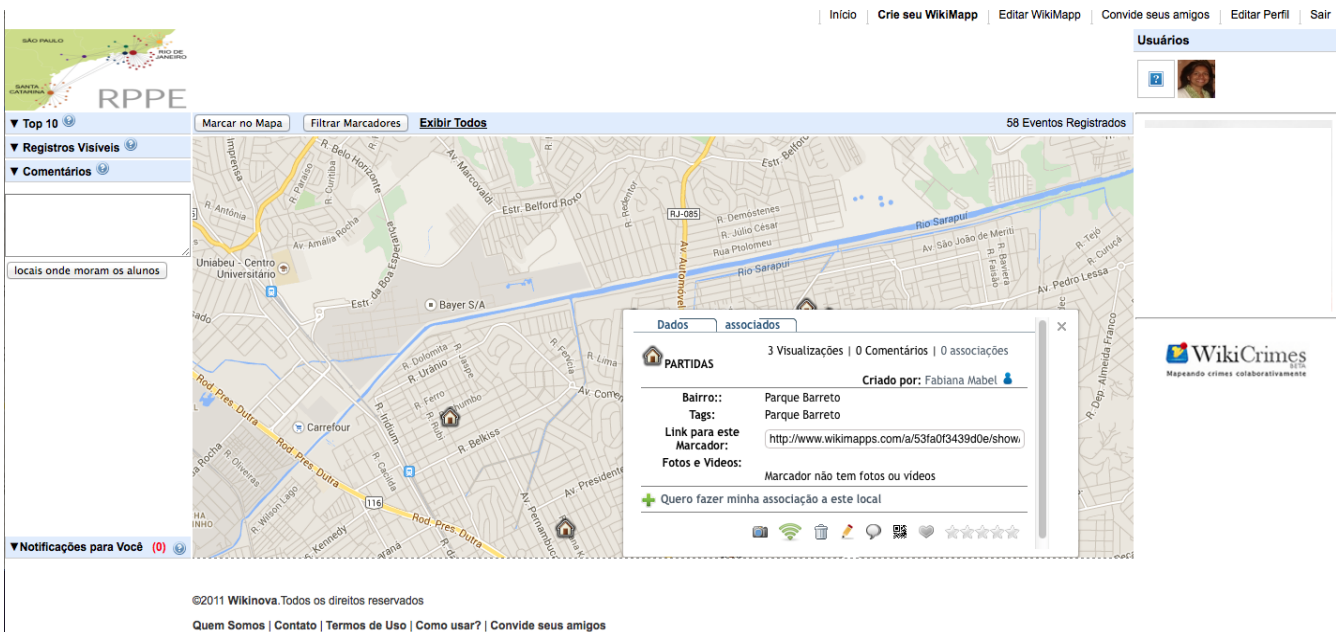
Um dos aspectos que mais chamou a atenção durante a elaboração do trabalho foi a dificuldade para os alunos encontrarem aspectos positivos entre a casa e a escola. Ficou clara a baixa autoestima desses alunos e a necessidade de discutir mais profundamente as questões relacionadas à memória e identidade locais. Os educadores que participaram do projeto também receberam contribuições e ensinamentos. Alguns alunos moradores de regiões que possuem altos índices de criminalidade e convivem com a ausência da atuação do Estado costumam atravessar, segundo foi possível perceber nos mapas, o cemitério local para chegar nas aulas no horário. Escolhem esse caminho, segundo eles, porque falta transporte público e dar a volta aumentaria muito a distância a ser percorrida a pé. Esse fato serve como uma demonstração do esforço que esses alunos fazem em busca de uma educação que permita mudar a realidade social em que vivem e da importância do papel desses educadores nesse processo.

A construção de um mapa colaborativo permitiu o despertar de novas formas de percepção do espaço, neste ato de “ir e vir”. Possibilitou novas formas de ensino e aprendizagem, para além da escola, trouxe um diálogo mais amplo do espaço, incluindo a percepção do lugar como um importante campo de troca. (AZEVEDO DE OLIVEIRA, 2015, p. 5)



©2011 Wikinova. Todos os direitos reservados
 Quem Somos | Contato | Termos de Uso | Como usar? | Convide seus amigos

Figura 1. Mapa Colaborativo com marcação de pontos –casa e escola –
Fonte: própria



©2011 Wikinova. Todos os direitos reservados
 Quem Somos | Contato | Termos de Uso | Como usar? | Convide seus amigos

Figura 2. Mapa Colaborativo com ficha dos pontos cadastrados. –
Fonte: própria

A atividade foi de grande valia para os discentes e docentes. Por meio dela foi possível conhecer melhor a realidade social de nossos alunos, discutirmos questões que interferem diretamente no dia-a-dia, mas que estão fora dos muros da escola, como os problemas relacionados ao transporte público e a violência. Ao mesmo tempo, foi possível repensarmos nossas práticas pedagógicas percebendo as importantes colaborações que o uso da tecnologia nos proporciona. No final, deixou como ensinamento a necessidade de pensar o local como um espaço que precisa ser conhecido para que possa ser apropriado, permitindo uma identidade com o local fundamental para a construção da cidadania.

É preciso pensar no direito à cidade, de quem, para quem e como e propor a reconstituição de uma unidade espaço atemporal, que permita a reunião, o encontro, à preposição. Estabelecer uma relação entre o espaço mental e o espaço social, consciente de seu poder, que é político e sofre influência do contexto em que está inserido. (AZEVEDO DE OLIVEIRA, 2015, p. 5)

A formação da educação de Jovens e Adultos é desenvolvida ao longo de quatro períodos durante dois anos. Cada período tem a duração de seis meses. No primeiro e terceiro períodos a ênfase é dada as matérias de humanas: história, geografia, sociologia e filosofia, além de português e matemática. No segundo e quarto períodos a ênfase é para as ciências exatas: física, química e biologia, além de português e matemática. Com o objetivo de estimular o trabalho coletivo do corpo docente e a participação mais ativa dos discentes, desenvolvemos a cada semestre uma mostra cultural. O tema é escolhido de forma coletiva e realizado por todas as matérias, adaptando-o de acordo com suas especificidades. Dessa forma, realizamos vários projetos desde 2012 buscando uma educação mais interativa e útil para os nossos alunos.

Dentre os vários assuntos abordados ao longo desses anos destacaremos os seguintes temas: 1. A consciência negra e a identidade meritiense; 2. O funk: mais que uma música, uma forma de conscientização. As atividades têm como objetivo cumprir as determinações da Lei nº 10.639/03, alterada pela Lei nº 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio.

O primeiro tema iniciou com uma série de palestras com pesquisadores da história do município e sobre a questão do negro no Brasil. Além disso, aulas sobre o processo escravista no país e a história do município foram ministradas. Em seguida, os alunos,

organizados em grupos, montaram exposições cujos materiais e a forma de elaboração foram escolhidos por eles. Dessa forma, surgiram temas relacionados as suas próprias demandas, como a questão da ausência do poder público para as camadas mais necessitadas, o preconceito e violência sofrida pelos negros e pardos moradores dos bairros pobres do município, que correspondem a maioria dos nossos alunos.

O segundo, uma reflexão a partir de uma expressão cultural valorizada por uma parte dos alunos, mas que sofre preconceito principalmente de grupos ligados as religiões protestantes, foi o pano de fundo para um amplo debate sobre identidade e preconceito. Usando o estilo musical conhecido como funk, buscava compreender as diversas questões de ordem social presentes nas suas letras. Em parceria com os professores de português que ministraram aulas sobre poesia, verso e prosa e com a equipe de história, sociologia e filosofia que apresentaram o contexto histórico e social no qual nasceu e se desenvolveu esse estilo musical, os alunos puderam montar uma apresentação que, inicialmente, reproduzia um baile funk frequentado por boa parte deles. Depois de alguns instantes, o baile muda. Os alunos passam a questionar uma série de atitudes tomadas pelos jovens nos bailes, como a banalização do sexo, o uso de bebidas e drogas. No final da apresentação é realizado um debate aberto com a plateia sobre o tema apresentado. O debate, recheado de testemunhos e de identificação de suas próprias realidades, permite-nos concluir que os objetivos propostos foram alcançados.

3.2 O não conhecer a si mesmo: uma discussão sobre a carência de estudos sobre a história local

O município de São João de Meriti faz parte da região metropolitana do Rio de Janeiro e está tão integrado que é chamado de “município dormitório”, tendo em vista a maior parcela da população que vive na localidade trabalhar em outros municípios como Rio de Janeiro, Duque de Caxias e Nova Iguaçu. O início da ocupação da região, como de toda a Baixada Fluminense pelos portugueses, ocorre no século XVI. Com a expulsão dos franceses do Rio de Janeiro surgem, ao longo da Baía de Guanabara, uma série de engenhos de açúcar.

O açúcar, principal produto exportador da região, permitirá o início da ocupação. Com a decadência da produção de açúcar na região, surgem novas formas de desenvolvimento econômico. A navegação pelos rios facilitava o escoamento de produtos como milho, mandioca, feijão e açúcar. O rio Iguaçu será o principal eixo de ocupação de toda a Baixada Fluminense

O marco inicial da colonização no Vale do Rio Iguaçu foi a fazenda São Bento. Esta fazenda teve sua origem nas terras doadas pela Marquesa Ferreira ao mosteiro de São Bento em 1596, era viúva de Cristóvão Monteiro, primeiro proprietário das sesmarias ofertadas por Estácio de Sá no ano de 1565 em terras hoje pertencentes atualmente à cidade de Duque de Caxias. (TORRES, 2020, p. 1)

A descoberta de ouro na região das minas gerais e o consequente aumento do comércio interno tornaram a região um importante interposto para as mercadorias que vinham da Europa para o interior e do ouro que era levado até o Rio de Janeiro.

A região em que hoje encontramos o município de São João de Meriti e o bairro da Pavuna era formada por mangues que dificultavam o transporte terrestre. Dessa forma, até metade do século XIX, o principal meio de transporte da região eram os rios. A chegada da ferrovia vai mudar essa realidade. Em toda a Baixada Fluminense surgiu uma série de vilas que se transformaram em cidades nos locais em que havia uma estação de trem. Essas vilas foram ocupadas por pessoas em busca de terrenos baratos. Nesse mesmo período ocorre um loteamento da região com a venda de lotes comprados por imigrantes nordestinos que migravam para o Sudeste em busca de melhores condições de vida.

Aos poucos São João de Meriti, assim como toda a Baixada Fluminense, passa a ser incorporado ao que hoje denominamos região metropolitana. O Rio de Janeiro deixava de ser em 1960 a capital federal e, em 1975, surgia uma nova divisão administrativa: o estado do Rio de Janeiro que teria como capital a cidade do Rio de Janeiro. Nesse contexto a baixada passa a ser vista como uma região extremamente violenta, imagem largamente difundida pela imprensa da época.

Baixada Fluminense seria então um território específico dentro da Região Metropolitana, cuja característica seria aquela do domínio do senso comum: sem estrutura urbana, ausência da atuação do Estado e violenta, ou seja, um não-lugar. Essa imagem se estabelecerá no imaginário popular, alimentada pelas manchetes dos jornais. (TORRES, 2020, p. 1)

A nova divisão administrativa criada após a transferência da capital federal para Brasília tem importantes consequências políticas para a região. O Rio de Janeiro, frequentemente visto como uma cidade de oposição aos governos federais, em especial aos governos militares da época, vai buscar manter sua influência política afastando-se das cidades consideradas menos importantes do estado, que faziam parte da região metropolitana. Nesse contexto, o termo Baixada Fluminense passa a ter uma nova significação. A Guanabara, termo usado para definir toda a região metropolitana, passará a fazer referência apenas a cidade do Rio de Janeiro. Os municípios entre a cidade e a serra serão denominados como Baixada Fluminense. Apesar da clara indicação geográfica, o termo será utilizado de forma pejorativa. A separação, por parte da imprensa, da cidade do Rio de Janeiro da Baixada Fluminense será difundida destacando-se a segunda a partir, principalmente, de sua violência.

No levantamento preliminar, para dar um exemplo do argumento explorado, durante o ano de 1974, portanto antes da fusão, o jornal O Globo informava os vários crimes nos diversos municípios do Grande Rio. As notícias eram veiculadas da seguinte forma: “o novo assalto em Caxias (O Globo 1/2/1974), “5 assaltam 3 ônibus e táxi na mesma rua em Nova Iguaçu” (1/1) ou “5 mortos na caçada em Belford Roxo” (1/6); sem indicar que esses municípios faziam parte da Baixada Fluminense.

De 1975 em diante o jornal passaria a organizar as informações através do conjunto dos municípios, mas ressaltando a região. A ideia de Grande Rio como região metropolitana é reforçada na existência de uma nova seção do periódico, mas também em notícias como “violência e perigo no Grande Rio: 14 assassinatos, 13 mortos em acidente de trânsito” (O Globo, 2/1/75), ao mesmo tempo em que anunciava “INPS: CRS 250 milhões para atender a Baixada” (1/4/75) ou a Baixada Assistida (O Globo 1/5/75). (SILVA, 2019, p. 12)

Os municípios dormitórios como Mesquita e São João de Meriti - além dos problemas relacionados com a ocupação desordenada como a falta de transporte público, saneamento básico, atendimento médico, acesso à educação e lazer - também terão de enfrentar o preconceito criado a partir das reportagens que buscavam sempre mostrar a região a partir de sua face violenta. Esse olhar irá refletir na construção da identidade local dos moradores de São João de Meriti. O projeto “#idasevindas: entre a casa e a escola”, desenvolvido por pesquisadores do Laboratório Estado, sociedade, tecnologia e

Espaço do programa Observatório da Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro em parceria com a escola estadual CIEP 175 José Lins do Rego é um bom exemplo da visão dos alunos residentes em relação ao município. Os alunos entrevistados apresentavam grandes dificuldades em citar aspectos positivos no caminho entre as suas residências e a escola onde estudavam. Na visão dos participantes o termo Baixada Fluminense estava diretamente relacionado à violência local. É possível pensarmos que essa visão foi construída e possui desdobramentos importantes em relação à identidade local dos alunos.

A desvalorização em relação ao território terá como consequência a construção de uma visão negativa sobre a população local, visão essa compartilhada não somente pelos próprios meritienses, mas por moradores de outras regiões do estado.

O desenvolvimento de pesquisas voltadas para os municípios da Baixada Fluminense, como a que estamos desenvolvendo sobre São João de Meriti, torna-se extremamente relevante quando observamos os trabalhos desenvolvidos sobre a região. Na busca de uma identidade local, é necessário um olhar que enxergue além das demandas locais. Não deixando de reconhecer a importância do debate dessas questões, precisamos desenvolver discussões que permitam aos moradores de São João de Meriti e, especificamente, aos estudantes da região acesso a uma história que permita o resgate de uma identidade local que supere um discurso negativista e preconceituoso.

3.3 Ações positivas: João Cândido e os alunos da Baixada Fluminense: a possibilidade de ressignificar a identidade com o local a partir da História de seu ilustre morador

A educação está prevista na Constituição Federal de 1988. Segundo o artigo 205 é um direito de todos e dever do Estado e da família devendo ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade com o objetivo de permitir o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Nos últimos anos à educação formal tem alcançado um número cada vez maior de pessoas, mas ainda carece de atividades e projetos que reconheçam as especificidades relacionadas ao local. O olhar econômico que prevalece na elaboração das políticas públicas de educação leva a criação de materiais que buscam atender as mais diversas realidades, reduzindo os custos na produção. Dessa forma, aspectos que tratam de questões específicas a determinados locais e que permitem uma melhor construção de uma

identidade local acabam não sendo contemplados no currículo previsto pela educação formal. A partir da percepção de que as atividades previstas no currículo mínimo não são capazes de atender a essas demandas citadas anteriormente, desenvolvemos projetos anuais na rede pública e particular de ensino do município de São João de Meriti.

Iniciativas como a semana da Consciência Negra, na rede pública, e o Projeto África, na rede particular, são bons exemplos de projetos que são desenvolvidos a partir da realidade social e histórica vivida por nossos alunos. Os dois projetos são elaborados pelo corpo pedagógico e docente da área de humanas com a colaboração e participação dos educadores da área de exatas. O tema é escolhido a partir da realidade social vivenciada por toda a comunidade escolar, como questões relacionadas à violência, à corrupção, à infraestrutura urbana e às diversas formas de racismo e preconceito. Além disso, abre-se também a possibilidade de tratarmos de temas relacionados à cultura negra no Brasil, cumprindo o que prevê a Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio. Dessa forma, abriu-se um espaço profícuo para trabalharmos com as questões relacionadas à identidade e à história local, João Cândido e o município de São João de Meriti, temas centrais dessa dissertação.

Entre abril e junho de 2019, elaboramos os projetos que foram desenvolvidos no segundo semestre nas escolas pública e particular. A ideia de trabalharmos as questões relacionadas à história local, com ênfase na visão negativa da comunidade escolar sobre si, utilizando a trajetória de João Cândido dentro e fora do município foi amplamente apoiada. O projeto tinha como objetivo aprofundar os estudos sobre a Revolta da Chibata de 1910, apresentar seu principal líder, João Cândido e sua importância para o município, tendo em vista ter sido morador de São João de Meriti durante 35 anos e ainda possuir familiares que ocupam a mesma residência. Buscamos também dar maior visibilidade aos projetos que tratam do reconhecimento do Almirante Negro como um herói nacional, com direito a participação no Panteão dos grandes heróis brasileiros.

3.3.1 Ações positivas: descobrindo e redescobrimo João Cândido no projeto desenvolvido em uma escola pública da rede estadual de ensino em São João de Meriti

Na escola pública da rede estadual de ensino localizada em São João de Meriti, o projeto foi desenvolvido com os alunos do ensino médio noturno da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A formação dos alunos ocorre ao longo de 2 anos, divididos em 4 módulos. Nos módulos 1 e 3 o currículo valoriza as ciências humanas, além de matemática e português. Cada módulo têm a duração prevista de 6 meses, com aulas de 2^a a 6^a feira, de 18:40 às 22:20. O horário previsto encontra alguns obstáculos para ser cumprido durante o semestre letivo. Os atrasos são comuns, devido as dificuldades impostas pelo transporte público e os horários de liberação dos alunos de seus locais de trabalho. São João de Meriti é uma cidade dormitório e possui atualmente, a segunda maior concentração populacional da América Latina.³⁰ A consequência é que a maior parte de nossos alunos trabalham longe de suas residências e da escola. Na saída, é necessário levar em consideração a questão da violência. Muitos de nossos alunos vivem em comunidades dominadas por criminosos, sendo comum liberar mais cedo. Dessa forma, o tempo real para apresentação dos conteúdos e avaliações de aprendizagem é reduzido e, muitas vezes, insuficiente.

O quadro apresentado, juntamente com a redução da carga horária já prevista no currículo da EJA, obrigam os professores, no planejamento de suas aulas, realizar recortes nos conteúdos, buscando, com a redução da quantidade, manter a qualidade no processo de ensino e aprendizagem.

Em 2019, o conteúdo para o 3º módulo de História foi organizado a partir do tema da Proclamação da República no Brasil, seus antecedentes, fatos e consequências, além dos movimentos de resistência à República oligárquica. A partir desse tema gerador, foram organizadas as atividades que culminaram com a apresentação da turma na semana da Consciência Negra, ocorrida entre 18 e 29 de novembro.

A turma 302 ficou sob a responsabilidade dos professores Souza de Matemática e Rangel de História e o tema do projeto foi: “João Cândido: herói negro nacional e ilustre morador de São João de Meriti”. O trabalho interdisciplinar entre matérias de conteúdos

³⁰ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/sao-joao-de-meriti>

aparentemente tão distintos mostrou-se altamente produtivo ao longo da realização do projeto.

A professora de matemática organizou os alunos em grupos responsáveis por elaborar e analisar os dados coletados nas entrevistas realizadas entre os alunos da escola e seus familiares. A entrevista tinha como objetivo perceber, no ambiente vivenciado pelos alunos, o quanto se sabia ou não sobre a história de João Cândido em comparação com outros personagens históricos vistos como heróis e se os mesmos tinham conhecimento de que o Almirante Negro foi morador do município. Os entrevistados responderam um questionário que, inicialmente, identificava o local de moradia, a idade e a formação. Logo após, respondiam perguntas sobre os personagens e os eventos históricos.

FICHA DE ENTREVISTA

Nome do Entrevistado:	Data da Entrevista:
Entrevistador:	Turma:
FORMAÇÃO E DADOS GERAIS	
<ul style="list-style-type: none"> • Moradia: <input type="checkbox"/> SÃO JOÃO DE MERITI <input type="checkbox"/> BELFOROXO <input type="checkbox"/> RIO DE JANEIRO <input type="checkbox"/> OUTROS MUNICIPIOS DA REGIÃO METROPOLITANA • Formação: <input type="checkbox"/> ENSINO FUNDAMENTAL <input type="checkbox"/> ENSINO MÉDIO <input type="checkbox"/> ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO <input type="checkbox"/> ENSINO SUPERIOR COMPLETO • Idade: <input type="checkbox"/> DE 12 A 18 ANOS <input type="checkbox"/> DE 19 A 30 ANOS <input type="checkbox"/> DE 31 A 50 ANOS <input type="checkbox"/> 51 ANOS OU MAIS. 	
QUESTÕES DA AVALIAÇÃO	

- Você acredita que algumas pessoas podem ser consideradas heróis?
() SIM () NÃO
- Você acredita que possam existir heróis que fizeram parte da nossa História?
() SIM () NÃO
- Qual ou quais dos personagens abaixo você poderia considerar um herói?
() Pedro Álvares Cabral – descobriu o Brasil
() Pelé – considerado o rei do futebol
() Tiradentes – participou da Inconfidência Mineira.
() João Cândido – líder da Revolta da Chibata.
() Nenhuma das opções anteriores.

- Qual ou quais dos eventos históricos abaixo ocorridos no Brasil você conhece?
() Revolta dos Malês
() Guerra dos Emboabas
() A Inconfidência Mineira
() A Revolta da Chibata
() Nenhuma das opções anteriores.
- Qual ou quais dos eventos históricos abaixo ocorreu no Rio de Janeiro?
() Revolta dos Malês
() Guerra dos Emboabas
() A Inconfidência Mineira
() A Revolta da Chibata
() Nenhuma das opções anteriores.
- Você sabia que um dos heróis nacionais citados anteriormente foi morador do Município de São João de Meriti?
() Não. Nunca havia ouvido falar.
() Talvez, mas não sabia que era um herói histórico.
() Sim. Alguém havia me falado.
() Sim. Aqui no município temos vários heróis citados nos livros.
() Prefiro não responder.
- Se você respondeu **SIM** na opção anterior, por favor diga o nome do herói histórico que você conhece.

MUITO OBRIGADO POR SUA COLABORAÇÃO.

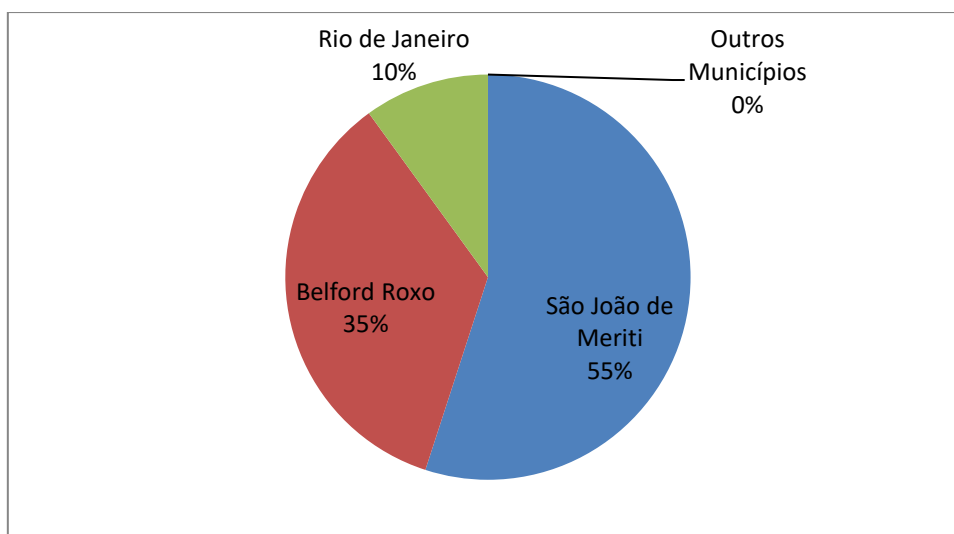
Os dados coletados nas entrevistas, orientados pela professora de matemática, foram organizados pelos alunos e transformados em dados percentuais e gráficos estatísticos. Os resultados permiti-nos afirmar que boa parte dos entrevistados desconheciam a Revolta da Chibata e João Cândido.

Organização das Fichas das Entrevistas de João Cândido

Escola Pública

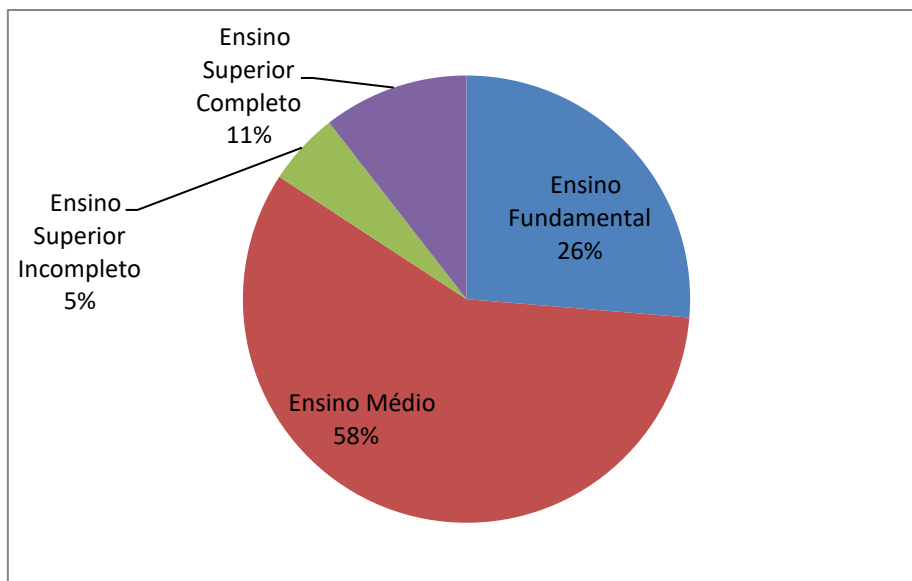
Município de Moradia

São João de Meriti	11
Belford Roxo	7
Rio de Janeiro	2
Outros Municípios	-
Total	20



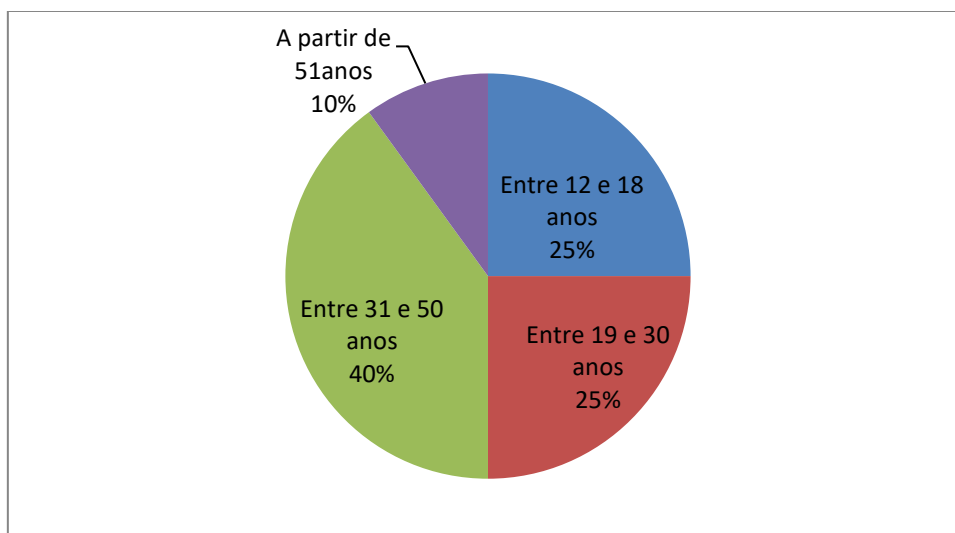
Formação Escolar

Ensino Fundamental	5
Ensino Médio	11
Ensino Superior Incompleto	1
Ensino Superior Completo	2
Não respondeu	1
Total	20



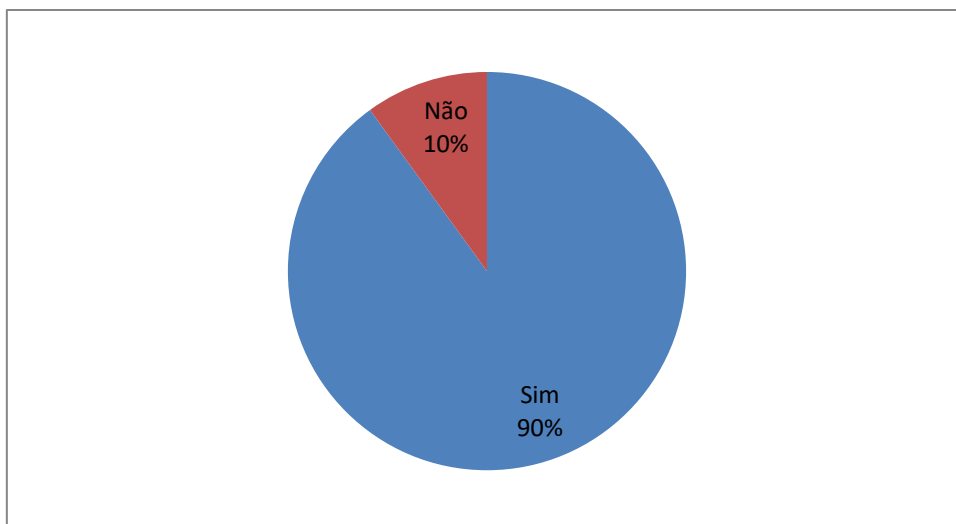
Idade dos entrevistados

Entre 12 e 18 anos	5
Entre 19 e 30 anos	5
Entre 31 e 50 anos	8
A partir de 51 anos	2
Total	20



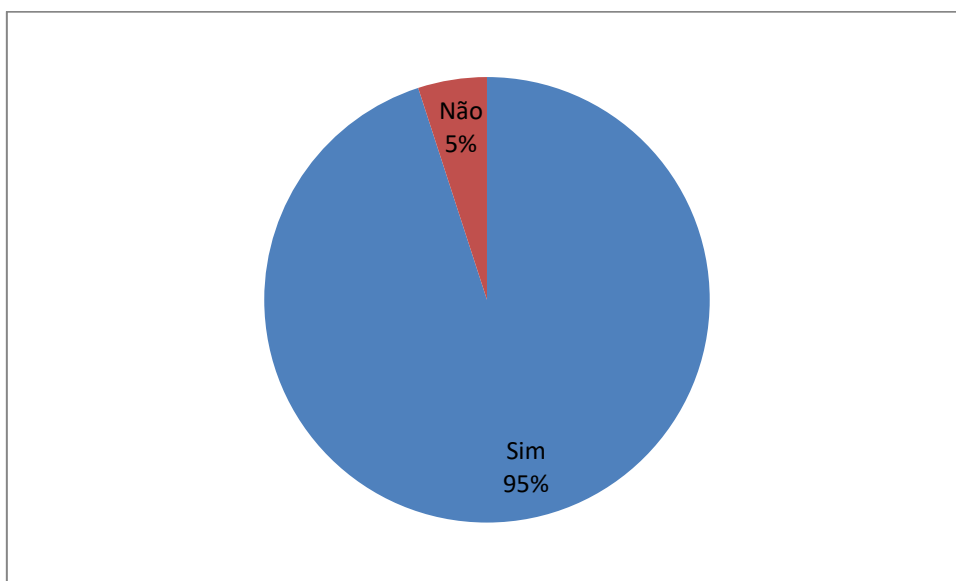
Você acredita que algumas pessoas podem ser consideradas heróis?

Sim	18
Não	2
Total	20



Você acredita que possam existir heróis que fizeram parte da nossa História?

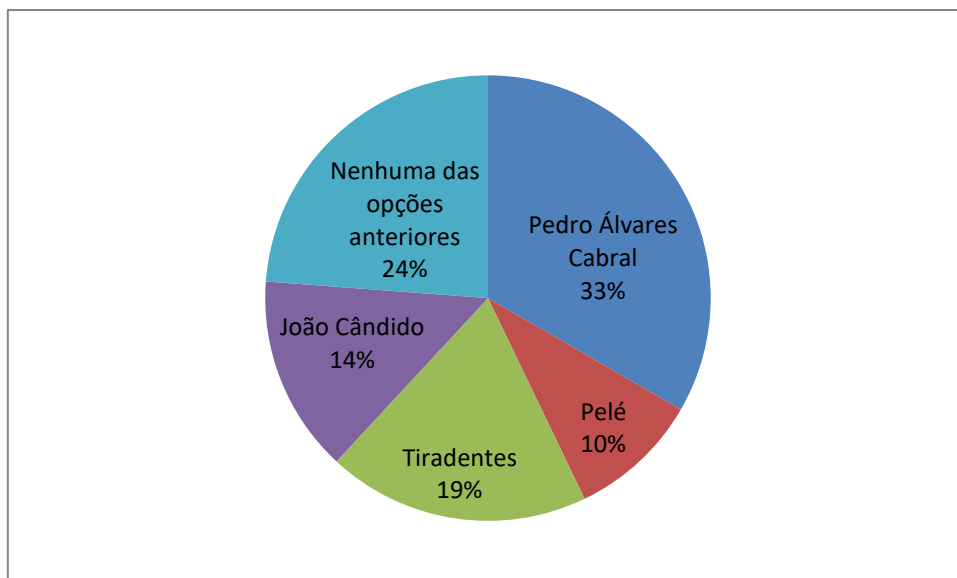
Sim	19
Não	1
Total	20



Qual ou quais dos personagens abaixo você poderia considerar um Herói?

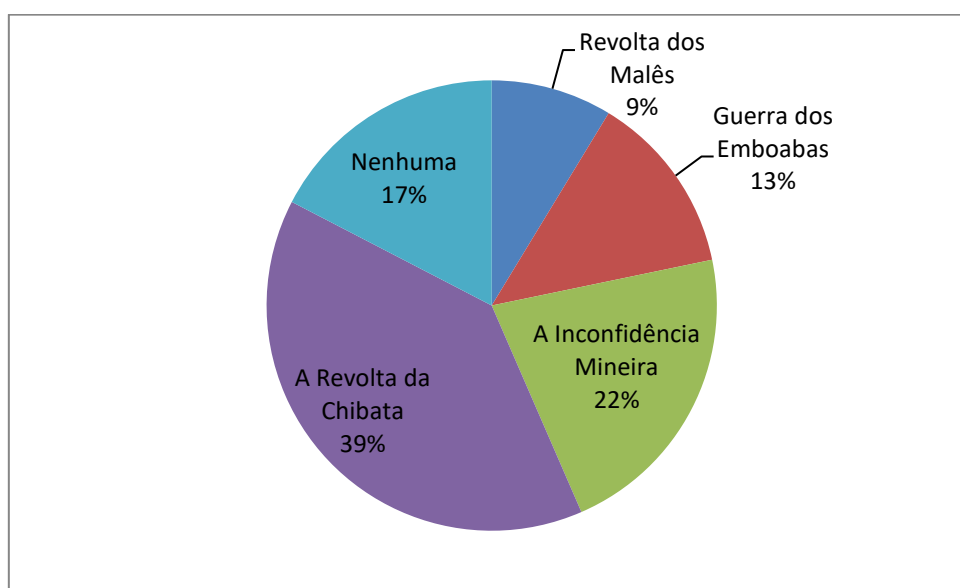
Pedro Álvares Cabral	7
Pelé	2
Tiradentes	4
João Cândido	3
Nenhuma das opções anteriores	5

Obs.: uma das fichas apresentou mais de uma opção.



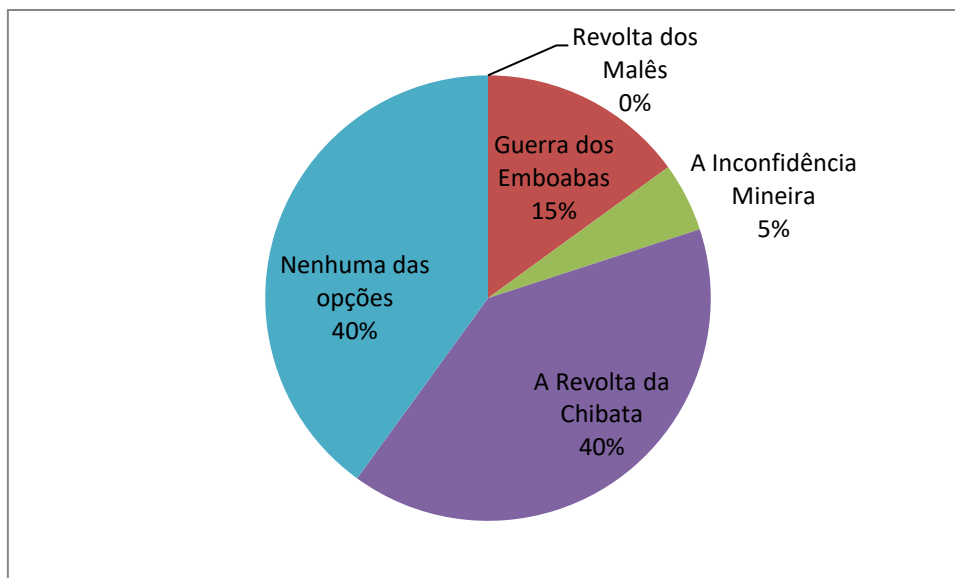
Qual ou quais dos eventos históricos abaixo ocorridos no Brasil você conhece?

Revolta dos Malês	2
Guerra dos Emboabas	3
A Inconfidência Mineira	5
A Revolta da Chibata	9
Nenhum	4



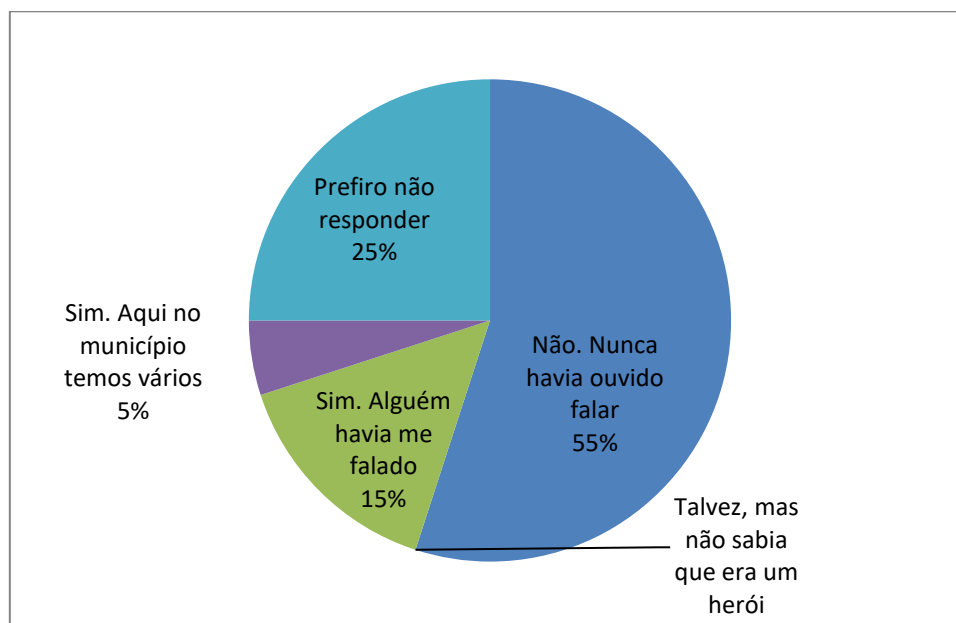
Qual ou quais dos eventos históricos abaixo ocorreu no Rio de Janeiro?

Revolta dos Malês	0
Guerra dos Emboabas	3
A Inconfidência Mineira	1
A Revolta da Chibata	8
Nenhuma das opções	8



Você sabia que um dos heróis nacionais citados anteriormente foi morador do Município de São João de Meriti?

Não. Nunca havia ouvido falar	11
Talvez, mas não sabia que era um herói	0
Sim. Alguém havia me falado	3
Sim. Aqui no município temos vários	1
Prefiro não responder	5



Se você respondeu **SIM** na opção anterior, por favor diga o nome do herói histórico que você conhece.

João Cândido	4
Pedro Álvares Cabral	1
Pelé	1

Tiradentes	1
------------	---

Obs.: três entrevistados colocaram não nas opções anteriores, mas responderam a última pergunta.

Os resultados apresentados demonstram como o processo de publicização, seja na disciplina escolar história ou fora dela, possui condições de criar referências históricas no senso comum. Em sua maioria os entrevistados tinham mais conhecimento da Inconfidência Mineira e de Tiradentes do que da Revolta da Chibata e de João Cândido. Esse ponto torna-se ainda mais relevante quando lembramos que o segundo ocorreu no Rio de Janeiro, teve a liderança de um homem pertencente as camadas menos favorecidas da sociedade, negro e morador da região onde a pesquisa foi realizada.

O que se conclui da análise dos dados é que mesmo os aspectos que poderiam criar algum tipo de identificação não foram suficientes para construir formas de identidade pela comunidade local. Faltam ações que permitiriam dar notoriedade ao movimento dos marinheiros de 1910 e a participação do Almirante Negro. A professora de matemática, responsável pela elaboração e análise das tabelas e dos gráficos referentes aos resultados das entrevistas deu a seguinte opinião:

Na aplicação dos questionários percebi que muitos alunos não conheciam João Cândido. Mesmo sendo moradores de São João de Meriti, alguns nunca ouviram sobre o Almirante antes. No decorrer do projeto até o dia da culminância, os estudantes que participaram da encenação se apropriaram bastante da leitura, um grupo fez alguns questionamentos. Acredito que a abordagem cênica auxiliou para que eles compreendessem a importância histórica do Almirante. (PROFESSORA, 2019)

A participação da professora de matemática foi de fundamental importância, o que demonstra a viabilidade na realização de projetos com eixo fundamentado no campo da história com as mais diversas áreas do conhecimento, tanto das ciências humanas quanto das exatas.

Em uma segunda etapa do projeto foram ministradas aulas a partir de um recorte temporal que inicia pelos desdobramentos da Proclamação da República até a Revolta da Chibata. Foram ministradas 12 aulas de 3 tempos cada ao longo dos meses de agosto a outubro, em que utilizamos exposição didática e material audiovisual: o documentário

sobre João Cândido realizado pelo Museu da Imagem e do Som³¹ e a exibição do filme Encouraçado Potequim.³² Também foram realizados debates em que os alunos discutiram os conteúdos e as possíveis relações com seus cotidianos.

Entre as aulas 1 e 3 os alunos aprenderam sobre o conceito de República, na visão contemporânea do termo, suas principais características e importância social. Em seguida, vimos os principais fatos históricos que culminaram com o golpe de 15 de novembro de 1889, destacando a estreita relação entre a Abolição da escravatura (1888) e o apoio da elite agrária produtora de café a Proclamação da República. O objetivo era destacar que a abolição não foi um ato unilateral de um governo monárquico. A atuação dos escravizados, realizando as mais diferentes formas de resistência ao trabalho forçado, foi fundamental para que o Parlamento aprovasse a Lei que acabava com uma prática já abandonada por todos os países do mundo. A questão da resistência negra à escravidão e sua participação ativa no processo abolicionista colabora para compreendermos o simbolismo que as chibatadas tinham para os marinheiros ao longo das décadas de 1890 até 1910.

Nas aulas 4 e 5 foram elaborados quadros comparativos em relação ao processo eleitoral organizado durante a primeira fase republicana de governo e o período atual. O grande número de pessoas excluídas do direito ao voto, como militares de baixa patente, mulheres e principalmente analfabetos, chamou a atenção dos alunos. Ao mesmo tempo, percebeu-se a revalorização do direito ao voto dos discentes da Educação de Jovens e Adultos.

Nas aulas 6 e 7 estudamos os movimentos de resistência a nova República, como a Revolta de Canudos (1896) e a Revolta da Vacina (1904). Dessa forma, foi possível cumprir as determinações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do currículo mínimo elaborado para a EJA pela Secretária Estadual de Educação. As aulas subsequentes deram ênfase a Revolta da Chibata, a participação de João Cândido no movimento, sua vida após a revolta e suas possíveis relações com o município de São João de Meriti. Além disso, realizamos uma pesquisa historiográfica sobre a vida do

³¹ Nação | TVE – Entrevista João Cândido – Conteúdo Extra de Revolta da Chibata 14/10/15

³² Encouraçado Potemkin / Battleship Potemkin (1925) - Filme Completo Legendado Pt-Br

Almirante Negro e das lutas de grupos organizados de São João de Meriti que buscam o reconhecimento da importância histórica para o município desse personagem.

Nas aulas 8 e 9, cujo tema foi a Revolta dos Marinheiros, também conhecida como Revolta da Chibata, além dos fatos históricos cronologicamente ocorridos, destacamos o caráter popular do movimento. Apesar de ter sido realizada por uma categoria específica, praças da Marinha de Guerra, ela refletiu as insatisfações de diversos grupos sociais, como negros, mestiços, analfabetos e os mais pobres de maneira geral.

As frequentes chibatadas e palmatórias aplicadas nos marinheiros era o ápice de uma relação social construída a partir de privilégios e exclusões. Mais que um castigo físico, as chibatadas refletiam o caráter racista que ainda existia na Marinha brasileira e na própria sociedade, mesmo passados mais de 20 anos do fim da escravidão.

O movimento iniciado em 22 de novembro de 1910 e encerrado pelos revoltosos em 26 de novembro do mesmo ano está diretamente relacionado a história de seu principal líder: João Cândido Felisberto. Dessa forma, as aulas 10 e 11 destacaram a vida do Almirante Negro. Filho de ex-escravos, nascido no período escravista, encontra na Marinha a única oportunidade de ascensão social. Atualmente, encontramos na EJA diversos jovens que, em pleno século XXI, têm a mesma percepção. A reconhecida excelência do comando de João Cândido das tropas e na condução dos navios são destacados ao longo dessas aulas, o que permite aos discentes relacionarem as questões raciais e sociais como fatores limitantes para ascensão das camadas sociais menos favorecidas. As perseguições sofridas pelo Almirante Negro ao longo de sua vida após a Revolta dos marinheiros, começando com a traumática experiência da prisão até a impossibilidade de voltar a trabalhar com o que mais amava (a vida no mar), colaboram para a compreensão da importância de valorizarmos personagens que estão próximos da realidade de nossos alunos.

Na última aula prevista desenvolvemos a discussão sobre a apropriação da figura de João Cândido pelos mais diversos movimentos sociais, como os grupos de esquerda e os movimentos negros ao longo do século XX, e a luta, no município de São João de Meriti, para o reconhecimento e valorização da importância de sua trajetória para a comunidade local. Analisamos o processo de heroificação de personagens como Tiradentes e Caxias em comparação com João Cândido, suas especificidades e as resistências em relação ao Almirante Negro.

É importante destacar a percepção por parte dos alunos de que o processo histórico que reconhece como herói determinado personagem consiste em uma construção que está

diretamente relacionada a interesses de ordem política e na luta de grupos sociais por esse reconhecimento.

As dificuldades geradas pelo elevado número de faltas e o reduzido tempo real para ministrarmos as aulas, o que tornou o tempo para a elaboração e organização da apresentação na semana da consciência negra muito reduzido, foi solucionado utilizando-se a mesma proposta de atividade realizada na escola da rede particular na culminância do projeto: a encenação de uma peça contando a história da Revolta da Chibata, a prisão de João Cândido e sua vida no cais do porto a partir do olhar de seu neto morador do município e estudante de uma escola pública local. Evidentemente, foram necessárias adaptações que não impediram que o trabalho fosse apresentado com muita qualidade pelos alunos.³³



Apresentação da turma 302 da encenação sobre João Cândido na semana da Consciência Negra.

Ao término de cada apresentação dos alunos da turma 302 era realizada uma roda de conversa com alunos de outras turmas e com os professores do colégio. Nesse momento, destacava-se a importância de apoiarmos iniciativas que buscam dar maior visibilidade ao Almirante Negro e a luta de diversos grupos organizados no município empenhados nessa tarefa. Os discentes da turma 302, agradecidos pela oportunidade, destacaram o fato de que é preciso valorizar projetos que possam apresentar novas possibilidades de enxergar suas realidades. Podemos concluir afirmando que esse deveria ser o principal papel da educação escolar.

³³ A encenação apresentada pelos alunos da EJA foi adaptada da elaborada pelos alunos do 8º ano da rede particular. A encenação será detalhada quando tratarmos do projeto na escola particular.

3.3.2 Ações positivas: descobrindo e redescobrimo João Cândido no projeto desenvolvido em uma escola particular de ensino em São João de Meriti

Em uma escola particular de São João de Meriti o projeto foi desenvolvido com alunos do 8º ano do ensino fundamental. A escola oferece boas condições de trabalho: salas com multimídia e internet, auditório possuindo todo o equipamento necessário para a apresentação de vídeos e peças de teatro. Além disso, não enfrentamos grandes problemas em relação a violência e, oficialmente, nenhum aluno mora distante da escola ou trabalha. Dessa forma, as condições para a elaboração do projeto foram as mais favoráveis, demonstrando que o processo de ensino e aprendizagem depende de uma série de fatores além da relação professor-aluno.

Anualmente, em cumprimento da Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, desenvolvemos o projeto África com todas as turmas do ensino fundamental. A proposta de trabalharmos com João Cândido no 8º ano também foi amplamente apoiada. O Projeto África 2019 é uma atividade extracurricular cujo principal objetivo é trabalharmos a autonomia de nossos alunos na organização e elaboração dos projetos. Nas palavras de Paulo Freire é o “aprender a aprender” possibilitando o desenvolvimento de uma série de competências necessárias para a sua formação.

Os objetivos propostos com a atividade foram os mesmos da escola pública: possibilitar a ressignificação da identidade com o local a partir da história de João Cândido. Para isso, iniciamos verificando o quanto os alunos e seus familiares conheciam sobre a Revolta da Chibata e João Cândido, comparando com outros fatos e personagens históricos. Da mesma forma, o projeto foi desenvolvido com a colaboração da professora de matemática. A professora Josiane foi responsável pelo recebimento e análise dos dados. Os resultados foram semelhantes aos da escola pública:

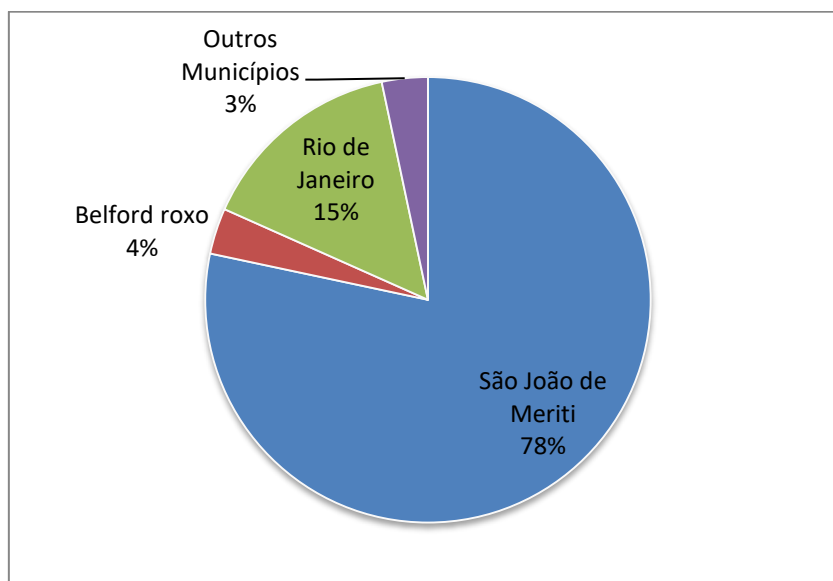
Organização das Fichas das Entrevistas

Escola Particular

Município de Moradia

São João de Meriti	47
Belford Roxo	2
Rio de Janeiro	9
Outros Municípios	2
Total	60

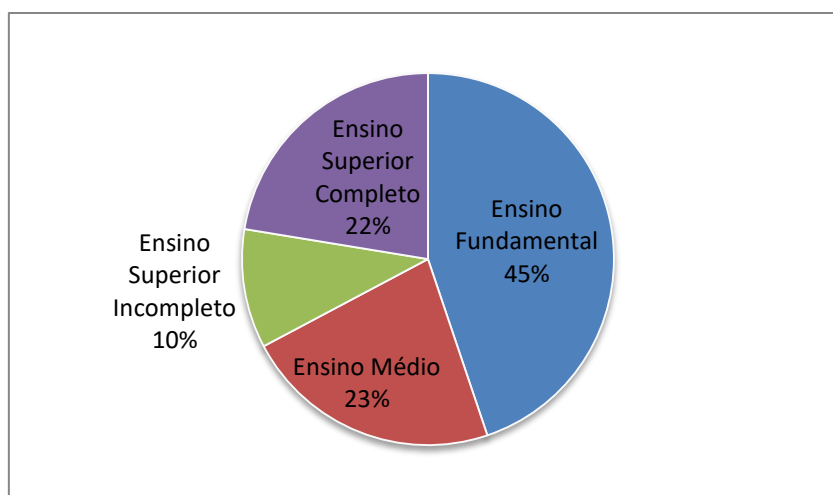
Obs.: em uma ficha aparecem dois lugares diferentes.



Formação Escolar

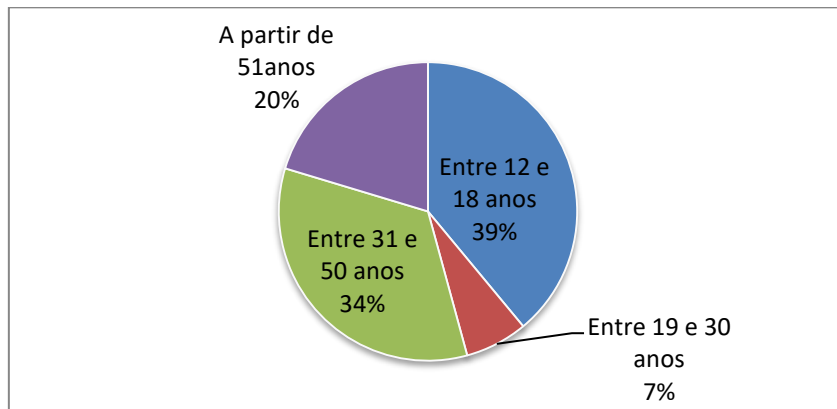
Ensino Fundamental	26
Ensino Médio	13
Ensino Superior Incompleto	6
Ensino Superior Completo	13
Total	58

Obs.: um dos entrevistados não informou sua formação.



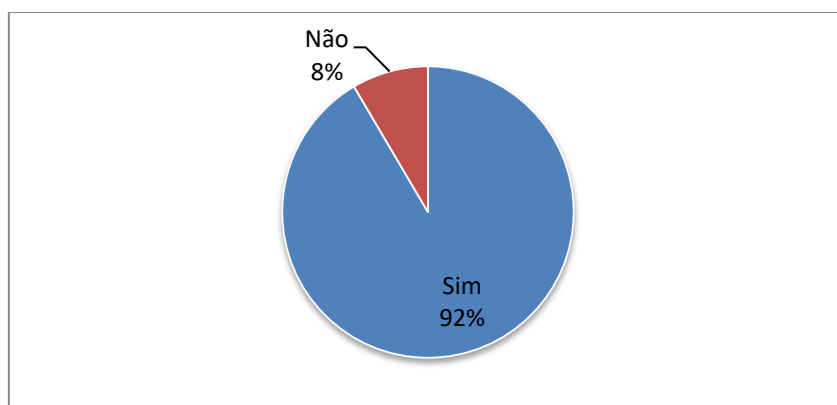
Idade

Entre 12 e 18 anos	23
Entre 19 e 30 anos	4
Entre 31 e 50 anos	20
A partir de 51 anos	12



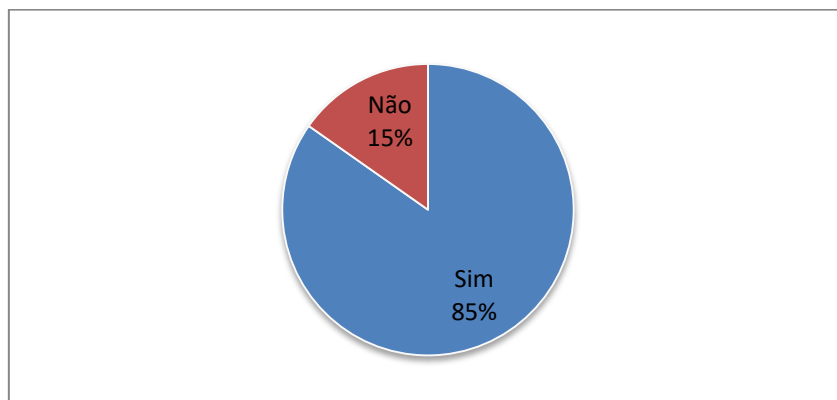
Você acredita que algumas pessoas podem ser consideradas heróis?

Sim	54
Não	5
Total	59



Você acredita que possam existir heróis que fizeram parte da nossa História?

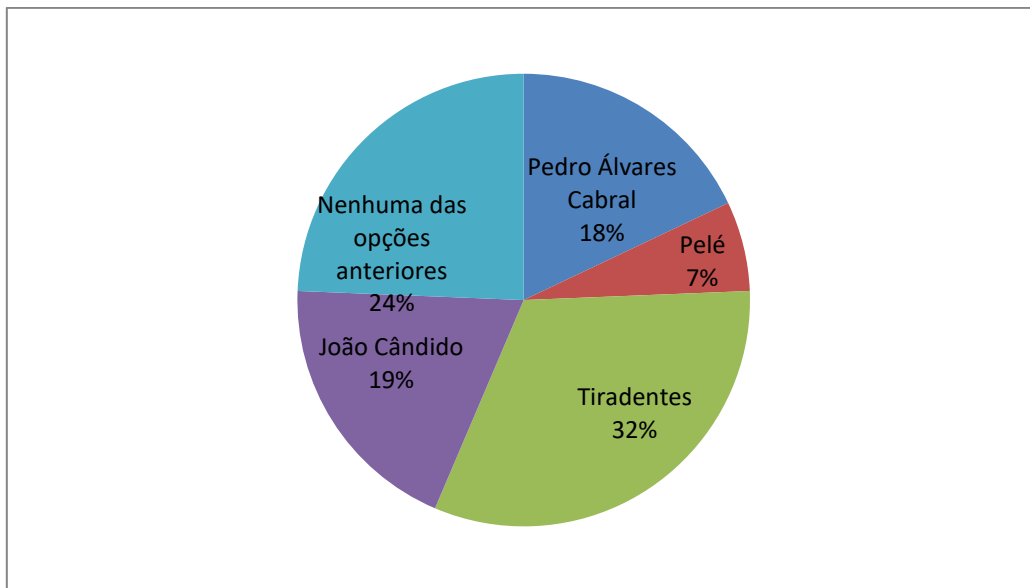
Sim	50
Não	09
Total	59



Qual ou quais dos personagens abaixo você poderia considerar um herói?

Pedro Álvares Cabral	14
Pelé	5
Tiradentes	25
João Cândido	15
Nenhuma das opções anteriores	19
Total	78

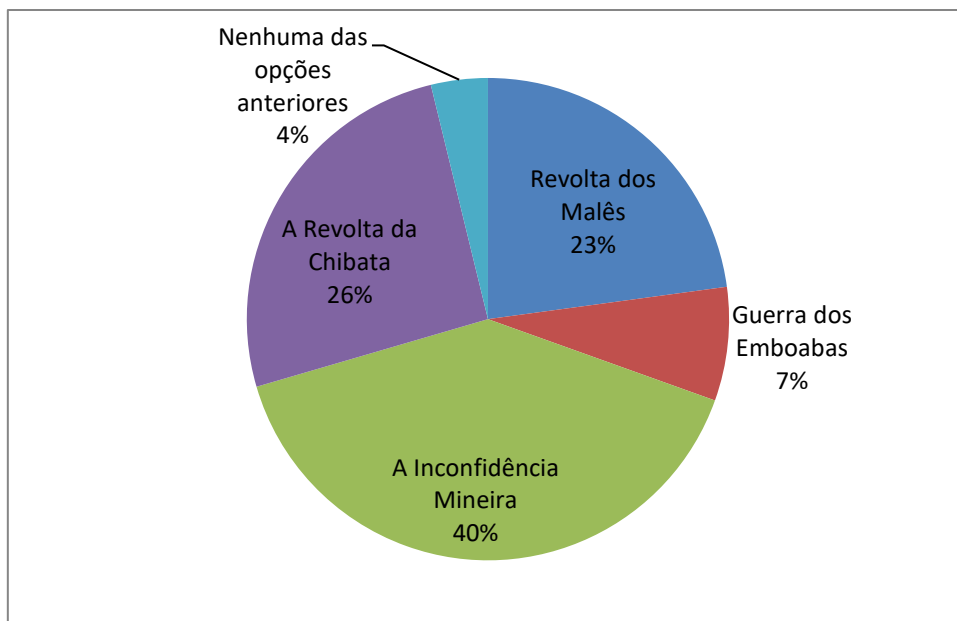
Obs.: 19 entrevistados escolheram mais de uma opção.



Qual ou quais dos eventos históricos abaixo ocorridos no Brasil você conhece?

Revolta dos Malês	24
Guerra dos Emboabas	8
A Inconfidência Mineira	42
A Revolta da Chibata	27
Nenhuma das opções anteriores	4

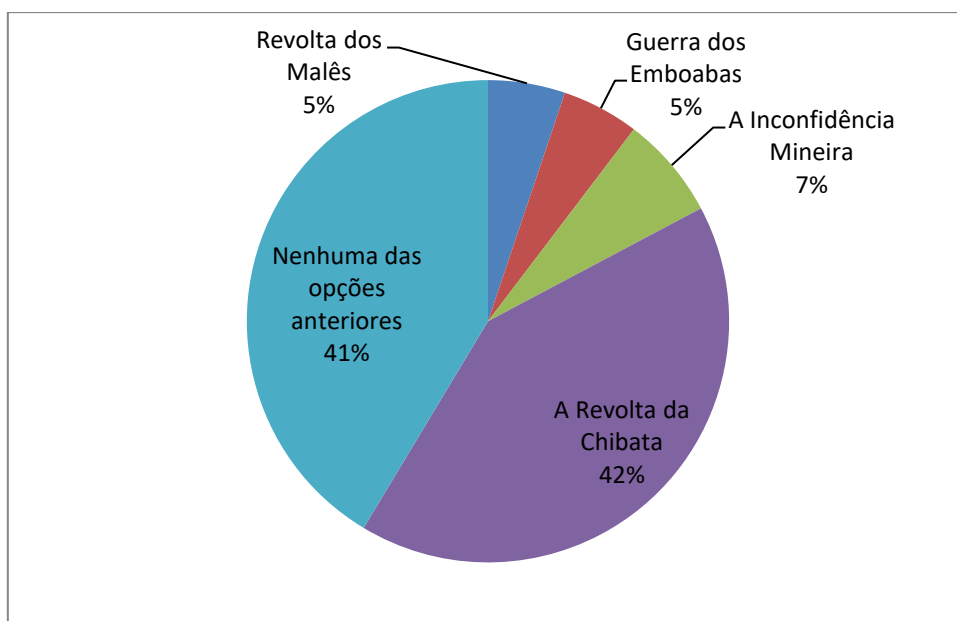
Obs.: 25 fichas apresentaram mais de uma opção.



Qual ou quais dos eventos históricos abaixo ocorreu no Rio de Janeiro?

Revolta dos Malês	3
Guerra dos Emboabas	3
A Inconfidência Mineira	4
A Revolta da Chibata	24
Nenhuma das opções anteriores	24

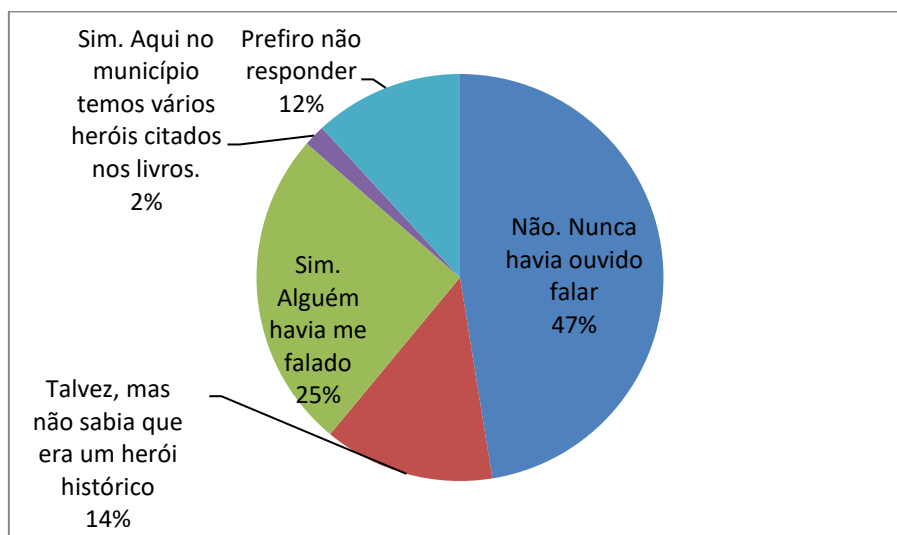
Obs.: um entrevistado não respondeu.



Você sabia que um dos heróis nacionais citados anteriormente foi morador do Município de São João de Meriti?

Não. Nunca havia ouvido falar	28
-------------------------------	----

Talvez, mas não sabia que era um herói histórico	8
Sim. Alguém havia me falado	15
Sim. Aqui no município temos vários heróis citados nos livros.	1
Prefiro não responder	7



- Se você respondeu **SIM** na opção anterior, por favor diga o nome do herói histórico que você conhece.
 João Cândido: **13**
 Não responderam: **3**

Na sala de aula, os alunos foram orientados sobre os principais eventos relacionados a vida de João Cândido. A partir da utilização de vídeos e palestras foi apresentada a Revolta da Chibata e seus principais acontecimentos. Vimos a importante participação de João Cândido no movimento, sua prisão e posterior desligamento da Marinha de Guerra. Analisamos os principais desafios enfrentados pelo Almirante Negro ao longo de sua vida no período em que foi morador de São João de Meriti.

Paralelamente as entrevistas, foram realizadas reuniões em que os alunos discutiram sobre como deveria ser a culminância do projeto. Um fato ocorrido com o neto de João Cândido chamou a atenção de todos: na sala de aula de História de uma escola pública do município de São João de Meriti, cujo tema era a Revolta da Chibata, a professora citou o nome de João Cândido relatando a importância do comando dele junto aos marinheiros. Um dos alunos levanta o braço e diz, com orgulho, ser neto do Almirante Negro. A professora o repreende afirmando que nunca havia ouvido falar que João Cândido tivesse vivido no município. Segundo os alunos, esse seria o canal para a

montagem da peça. Esse relato deixava claro para eles a necessidade de projetos que divulgassem a história desse personagem que em sua casa no bairro de Vila Rosali e depois em Coelho da Rocha recebeu autoridades e jornalistas de várias partes do mundo.



Reunião de planejamento dos alunos

Após as reuniões e levantamentos de dados iniciais o projeto foi organizado da seguinte forma:

1. Os alunos participaram de uma aula de 3 tempos na qual foi apresentada a Revolta da Chibata. Na aula, destacou-se a participação de João Cândido e os desdobramentos do movimento em relação ao Brasil, a Marinha e a vida de João Cândido.
2. Assistimos a um vídeo contando a História da Revolta da Chibata com entrevistas e depoimentos de historiadores, familiares e do próprio João Cândido. Depois, abrimos uma roda de conversas na qual os alunos puderam falar sobre suas impressões e da importância de projetos como o que estão envolvidos.
3. Após a apresentação da proposta de uma encenação sobre a vida de João Cândido, os alunos foram divididos em grupos. Cada aluno pôde decidir como iria participar do projeto. No final a turma ficou dividida da seguinte forma:

Direção e roteiro: 4 alunos;

Elenco: 11 alunos;

Cenário e figurino: 9 alunos;

Pesquisa: 5 alunos.

TOTAL: 29 alunos

4. A encenação, elaborada pelos próprios alunos, foi dividida em 7 partes:

CENA 1: Na sala de aula de uma escola pública no município de São João de Meriti a professora fala sobre a Revolta da Chibata e do herói João Cândido.

CENA 2: Um dos alunos levanta o braço e afirma ser neto de João Cândido. A professora o repreende afirmando que nunca havia ouvido falar que João Cândido tinha parentes em São João de Meriti.

CENA 3: O neto se levanta e pede autorização para contar a História de seu avô. A professora autoriza e ele começa narrando os momentos que antecederam a revolta, destacando as chibatadas recebidas por Marcelino e a liderança de João Cândido.

CENA 4: Os marinheiros tomam os navios e conseguem que o governo aceite suas exigências.

CENA 5: Os marinheiros são traídos pelo governo e presos. João Cândido vive um dos piores momentos de sua vida vendo seus companheiros morrerem asfixiados pelo pó de cal lançado na cela pelos guardas.

CENA 6: João Cândido, já desligado da Marinha, se despede do encouraçado Minas Gerais navio que comandou durante a revolta.

CENA 7: De volta a sala de aula, a professora e o neto de João Cândido celebram a vida desse morador ilustre de São João de Meriti.

A peça contou, além do cenário e do figurino, com a trilha sonora composta pela música de João Bosco e Aldir Blanc, a canção do Cisne Negro e do samba enredo de 2017 da escola de samba Camisa Verde de São Paulo.

A culminância do projeto ocorreu no dia 26 de setembro de 2019. A encenação foi apresentada para todas as turmas do Ensino Fundamental 1 e para os alunos do 5º ano do Fundamental 2.



Crachá elaborado pelos alunos para os integrantes da peça

Após a apresentação da peça foi realizada na sala de aula uma reunião com os participantes para averiguar suas impressões em relação ao projeto. Um aluno do 8º ano fez a seguinte afirmação:

Antes de realizarmos o trabalho eu não o conhecia (João Cândido) e nem sabia de sua história, porém, o trabalho que realizamos me fez perceber o quão importante ele foi para a Revolta da Chibata e para a História do Brasil. (ESTUDANTE 8, 2020)

Um dos alunos comenta a importância desses projetos e alegria de poder participar do mesmo e concluiu:

Tive o prazer de participar do mesmo por dois anos seguidos. No último tive o privilégio de participar como narrador em uma peça teatral, onde o trabalho da turma foi mostrar a história do marinheiro João Cândido, um verdadeiro herói brasileiro. Peças teatrais com o tema sobre João Cândido e a Revolta da Chibata deveriam ser feitas com mais frequência para que as pessoas passem a saber que no Brasil há muitos outros heróis que a história não conta e que por pouco que eles tenham feito, isso poderia ter mudado a História do Brasil (ESTUDANTE 7, 2020)



Apresentação da peça no palco pelos alunos

A possibilidade dada aos alunos de organizar e decidir a forma como o projeto seria apresentado responde ao que Paulo Freire defende como uma educação inclusiva e participativa (FREIRE, 1967, p. 33). O aprender a aprender tem por base colocar nossos alunos em evidência dentro do processo de aprendizagem. A narrativa de uma das alunas que mais atuou na elaboração e realização do projeto compartilha dessa visão.

No projeto África fizemos um teatro sobre João Cândido no qual eu participei fazendo parte do figurino e cenário. Pra mim foi incrível e muito importante para a nossa turma, e na minha opinião outras pessoas deveriam começar a fazer projetos como esse pois quando o nosso professor Rangel veio nos falar que no teatro iríamos falar sobre o Almirante Negro João Cândido todos da turma ficaram um pouco confusos pois ninguém sabia quem era João Cândido, todos nós e outros moradores do município de São João de Meriti nunca tínhamos ouvido falar ou não sabíamos sua história. (ESTUDANTE 1, 2020)

A aluna destaca que a peça foi desenvolvida pelos alunos desde os personagens, falas, cenário e figurinos. Os professores buscaram estimular a criatividade e orientar nas dúvidas. Ela enxerga em João Cândido um herói que deveria ser mais conhecido por todos, em especial a comunidade local.

Fazer parte, construir e participar desse projeto foi maravilhoso, foi o primeiro contato que a nossa turma teve com o teatro, mas mesmo assim os professores confiaram na gente e nós entramos de cabeça. Alunos fizeram roteiros, atuaram, criaram figurinos, fizemos muitas pesquisas e ficamos bem interessados na sua história. O teatro nos fez absorver, entender e reconhecer o nosso herói da Baixada Fluminense. Nunca vou esquecer desses dias só tenho a agradecer. (ESTUDANTE 1, 2020)

Um dos alunos que participou da peça interpretando o neto de João Cândido comentou do orgulho que passou a ter em relação à região onde mora ao conhecer a história do Almirante Negro.

A peça sobre João Cândido foi um grande desafio, pelo fato de que eu não sabia sobre ele e sua história. Foi excelente saber que um herói como João Cândido viveu em nossa cidade, que é tão desvalorizada por nós mesmos que moramos aqui. Essa peça me inspirou a olhar de uma forma diferente a nossa cidade, com muito mais orgulho e mostrou que heróis podem vir de qualquer lugar. Essa peça foi muito importante culturalmente para mim e para nunca desistir dos meus direitos assim como João Cândido fez. (ESTUDANTE 3,2020)



Encenação da Peça do auditório da escola

A educação como instrumento de transformação precisa ter como um de seus objetivos colaborar para que os estudantes possam compreender a sociedade da qual fazem parte, perceberem-se como sujeitos da História e que suas ações ou não ações também fazem parte da História e interferem na mesma. Na ausência de um currículo que priorize a história local, projetos desenvolvidos por diversas escolas superam essa carência permitindo a criação de uma educação mais inclusiva e participativa. O depoimento de mais um estudante sobre o Projeto África que participou da encenação sobre João Cândido nos permite verificar a importância dessas atividades.

Particularmente, adorei participar desse projeto até porque não conhecia a história de João Cândido, nem da Revolta da Chibata, a qual ele foi o líder. Nós relacionamos a palavra “herói” aos personagens de filmes como Homem Aranha e outros, porém esquecemos de valorizar os heróis da vida real como João Cândido, que foi um cidadão como qualquer outro e viveu em meu município assim como eu, minha família e amigos. Depois de estudar sobre o assunto e participar da peça, vi o quanto importante são projetos como este, pois assim como eu, muitos alunos e as pessoas que assistiram a nossa peça não conheciam este herói e muito menos a importância que ele teve na sociedade e na história do Brasil. Sendo assim, o projeto nos fez abranger mais conhecimentos e aprendermos a conviver em equipe. (ESTUDANTE2, 2020)

CONCLUSÃO

O trabalho docente realizado nas salas de aula dos mais de cinco mil municípios do país possui uma série de especificidades que devem ser levadas em consideração na elaboração dos planos de aulas e nas atividades cotidianas. Entretanto, a partir dos resultados apresentados na dissertação podemos perceber como projetos de ensino-aprendizagem cuja base se encontra na busca de conteúdos que podem ser apropriados pelos alunos tornam as aulas mais significativas. Do mesmo modo, foi possível afirmar a importância de desenvolvermos atividades que permitam ressignificações em relação a identidade dos discentes com o local e como, a partir de determinados personagens, podemos criar possibilidades de novas formas de identificação.

As discussões sobre os processos de heroificação, fundamentais a partir da perspectiva de utilizarmos o personagem João Cândido como uma possibilidade de construção de uma identidade com os alunos do município de São João de Meriti, demonstraram as possibilidades e limites desse recurso para construir identidades nacionais e/ou locais. Diretamente relacionado ao processo de heroificação, realizamos uma revisão historiográfica sobre a Revolta da Chibata de 1910, a relevância do comando de João Cândido no movimento e os desafios que enfrentou ao longo de sua vida. Acreditamos ter oferecido material que poderá ser utilizado pelos professores na elaboração de projetos de ensino-aprendizagem em cumprimento da Lei n. 10.639/03, alterada pela Lei n. 11.645/08, que busque discutir as questões raciais no Brasil.

Os depoimentos dos alunos sobre as impressões em relação a participação dos mesmos na elaboração e execução do projeto sobre João Cândido e sua relação com o município provam como é possível desenvolvermos processos de ressignificações que, além de possibilitar novos olhares sobre a história, permitem um novo olhar sobre si mesmos. Ou seja, o trabalho apresenta a possibilidade de ações de sensibilização para o local e como proposta final permite a construção de um novo olhar sobre o meio e sobre si enquanto sujeitos históricos.

O mestrado profissional realizado a partir de março de 2018 só foi possível devido ao auxílio da bolsa de estudos oferecida pela CAPES. Dessa forma, reduzimos a carga horária de trabalho na sala de aula para dedicarmos as aulas e pesquisas fundamentais para que o trabalho proposto pudesse ser concluído. Mesmo assim, é preciso reconhecer que a pesquisa merecia alguns pontos de aprofundamento que não puderam ser realizados

por questões de tempo e financeiras. O estudo do processo de heroificação pelo qual passa o Almirante Negro nos encaminha para uma discussão sobre o mesmo processo em relação a Zumbi dos Palmares. Conversei com pessoas do movimento negro de São João de Meriti que propunham substituir Zumbi por João Cândido. O simples comentário abriu uma série de novas possibilidades de pesquisa que não puderam ser atendidas nesse trabalho. Os resultados apresentados pelos projetos realizados juntos aos alunos da Educação de Jovens e Adultos, apesar de promissores, não foram capazes de superar as dificuldades enfrentadas pela comunidade escolar no tocante a questões relacionadas aos horários e participação dos alunos nas aulas. Propor possibilidades de se criar projetos de maior abrangência com esse público ou pensarmos em novas formas de organização para a educação do EJA também não foram vislumbradas na presente pesquisa.

Da mesma forma e por questões óbvias não foi possível, como fizemos com João Mulungu, analisarmos os resultados e os desdobramentos da luta pelos grupos envolvidos de São João de Meriti no processo de heroificação de João Cândido.

Apesar de seus limites e incompletudes, acreditamos que a dissertação ora concluída oferece novas possibilidades para trabalharmos conteúdos escolares de história. O desenvolvimento de projetos de forma multidisciplinar, que podem ser realizados por praticamente todas as disciplinas escolares, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio e, em especial, na educação de jovens e adultos, atingindo alunos das mais diversas faixas etárias e condições sociais, pode conseguir, com mais eficácia, a aprendizagem da História e de outras áreas de conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Silvia Capanema P. de. Do marinheiro João Cândido ao Almirante Negro: conflitos memoriais na construção do herói de uma revolta centenária, *Revista Brasileira de História*, v. 31, n. 61, p. 61-84, 2011.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- ARAÚJO, Maria Paula; SANTOS, Desirree dos Reis; SILVA, Izabel Pimentel da. *Didatura militar e democracia no Brasil: história, imagem e testemunho*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2013.
- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BORGES, Vera Lúcia. *A Batalha Eleitoral de 1910: imprensa e cultura política na Primeira República*. Rio de Janeiro: Apicuri/FAPERJ, 2011.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 1988.
- BRASIL. Lei 10.639/03, de 9 de janeiro de 2003, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio, e dá outras providências. Brasília, DF, 2008.
- CAPUTO, Stela Guedes. *Os meninos João Cândido*; ilustrações Vitor Leonardo. Rio de Janeiro: Omodé, 2017.
- CARDOSO, Oldimar. Para uma definição de didática da História, *Revista Brasileira de História*, v. 28, n. 55, p. 153-170, 2008.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e Bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CIVIATTA, Maria. *A formação integrada. A escola e o trabalho como lugares de memória e identidade*, *Trabalho Necessário*, v. 3, n. 3, 2005.
- DOMINGUES, Heloisa M. Bertol; Magali R. Sá; GLICK, Thomas (orgs.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

DOMINGUES, Petrônio. João Mulungu: a invenção de um herói afro-brasileiro, *História: Questões & Debates*, v. 63, n. 2, 2015.

EL FAR, Alessandra. A presença dos ausentes: a tarefa acadêmica de criar e perpetuar vultos literários, *Revista Estudos Históricos*, v. 14, n. 25, 2000.

ENDERS, Armelle. O Plutarco brasileiro. A produção dos vultos nacionais no Segundo Reinado, *Revista Estudos Históricos*, v. 14, n. 25, 2000.

ENDERS, Armelle. *Os vultos da nação*. Fábricas de heróis e formação dos brasileiros. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone. A imprensa e o contexto da Revolta da Chibata: história e historiografia, *Antíteses*, v. 3, 2010.

FONSECA, Thais Nívia de Lima. Os heróis nacionais para crianças: ensino de história e memória nacional. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (orgs.). *a escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (orgs.). *Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. 8ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GONÇALVES, João Felipe. Enterrando Rui Barbosa: um estudo de caso da construção fúnebre de heróis nacionais na Primeira República, *Estudos Históricos*, v. 14, n. 25, 2000.

GOODSON, Ivor. Tornando-se uma matéria acadêmica: padrões de explicação e evolução, *Teoria & Educação*, n. 2, 1990.

GRANATO, Fernando. *O Negro da Chibata: o marinheiro que colocou a República na mira dos canhões*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Depois de aprender com a história”, o que fazer com o passado agora? Conferência de abertura do III Seminário Nacional de História e Historiografia, 2009.

HOBBSAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*. Para uma semântica de los tiempos históricos. Barcelona, 1993

- LUCIANO, Willian Robson Soares. “*Acende a vela Iaiá, senta no toco Ioiô, seu negro velho, tenho histórias ‘prá’ “contar”*”: Uso de sambas-enredo como recurso de construção do conhecimento histórico escolar. In: XXVII Simpósio Nacional de História. Santa Catarina, 2015, p. 1-20.
- MAESTRI, Mário. A revolta da Chibata faz cem anos, *Antíteses*, v. 3, n. esp., 2010.
- MORAES, Paulo Ricardo de. *João Cândido*. Porto Alegre: RBS/Tchê, 1982.
- MOREL, Edmar. *A revolta da chibata*. 6ª ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2016.
- NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. *Cidadania, cor e disciplina na Revolta dos Marinheiros de 1910*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008.
- NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. A Revolta da Chibata e seu centenário, *Revista Perseu: história, memória e política*, n. 5, 2010.
- NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. *João Cândido, o mestre sala das mares*. Rio de Janeiro. 2020. No prelo.
- NASCIMENTO, Elisabete. *Diário de bordo do Almirante Negro*. Ilustrações de Robson Araujo. Rio de Janeiro: MR Bens, 2011.
- PANDOLFI, Dulce Chaves. *Camaradas e companheiros: memória e história do PCB*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará/Fundação Roberto Marinho, 1995.
- ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (orgs.). *a escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- RÜSEN, Jörn. *Teoria da História: uma teoria da história como ciência*. Curitiba: Editora UFPR, 2015.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Resende (orgs.). *Jörn Rüsen e o Ensino de História*. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.
- SILVA, Daniel Pinha. O lugar do tempo presente na aula de história: limites e possibilidades, *Tempo e Argumento*, v. 9, n. 20, 2017.
- SOUSA, Claudio Barbosa de. *Marinheiros em luta: a revolta da Chibata e suas representações*. Uberlândia, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, 2012.
- SOUZA, Adriana Barreto de. Um herói para a juventude: o Duque de Caxias nas biografias e livros didáticos In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (orgs.). *a escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

SOUZA, Mériti de. Mito fundador, narrativas e história oficial: representações identitárias na cultura brasileira. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Set. 2004.

TEMISTOCLES, Cezar. *Os vultos da Nação*. Fábricas de heróis e formação dos brasileiros. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2014.

ANEXOS

ANEXO 01: FICHA DE ENTREVISTAS

Nome do Entrevistado:	Data da Entrevista:
Entrevistador:	Turma:
FORMAÇÃO E DADOS GERAIS	
<ul style="list-style-type: none">• Moradia:<ul style="list-style-type: none">() SÃO JOÃO DE MERITI() BELFOROXO() RIO DE JANEIRO() OUTROS MUNICIPIOS DA REGIÃO METROPOLITANA• Formação:<ul style="list-style-type: none">() ENSINO FUNDAMENTAL() ENSINO MÉDIO() ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO() ENSINO SUPERIOR COMPLETO• Idade:<ul style="list-style-type: none">() DE 12 A 18 ANOS() DE 19 A 30 ANOS() DE 31 A 50 ANOS() 51 ANOS OU MAIS.	
QUESTÕES DA AVALIAÇÃO	
<ul style="list-style-type: none">• Você acredita que algumas pessoas podem ser consideradas heróis?<ul style="list-style-type: none">() SIM () NÃO• Você acredita que possam existir heróis que fizeram parte da nossa História?<ul style="list-style-type: none">() SIM () NÃO• Qual ou quais dos personagens abaixo você poderia considerar um herói?<ul style="list-style-type: none">() Pedro Álvares Cabral – descobriu o Brasil() Pelé – considerado o rei do futebol() Tiradentes – participou da Inconfidência Mineira.() João Cândido – líder da Revolta da Chibata.() Nenhuma das opções anteriores.	
<ul style="list-style-type: none">• Qual ou quais dos eventos históricos abaixo ocorridos no Brasil você conhece?<ul style="list-style-type: none">() Revolta dos Malês() Guerra dos Emboabas() A Inconfidência Mineira() A Revolta da Chibata() Nenhuma das opções anteriores.• Qual ou quais dos eventos históricos abaixo ocorreu no Rio de Janeiro?<ul style="list-style-type: none">() Revolta dos Malês	

- Guerra dos Emboabas
 - A Inconfidência Mineira
 - A Revolta da Chibata
 - Nenhuma das opções anteriores.
 - Você sabia que um dos heróis nacionais citados anteriormente foi morador do Município de São João de Meriti ?
 - Não. Nunca havia ouvido falar.
 - Talvez, mas não sabia que era um herói histórico.
 - Sim. Alguém havia me falado.
 - Sim. Aqui no município temos vários heróis citados nos livros.
 - Prefiro não responder.
 - Se você respondeu **SIM** na opção anterior, por favor diga o nome do herói histórico que você conhece.
-

MUITO OBRIGADO POR SUA COLABORAÇÃO.

ANEXO 02: RESULTADO DAS ENTREVISTAS

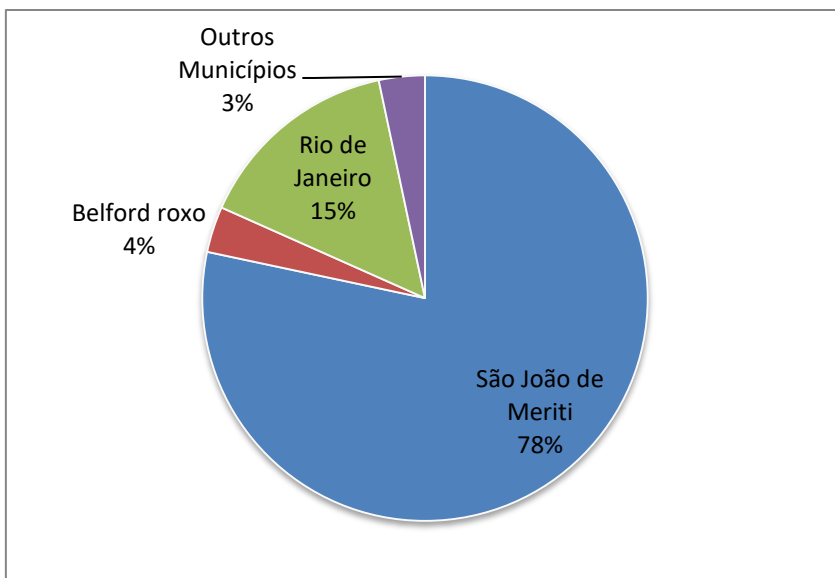
Organização das Fichas das Entrevistas

Escola Particular

Moradia – 59 entrevistados

São João de Meriti	47
Belford roxo	02
Rio de Janeiro	09
Outros Municípios	02

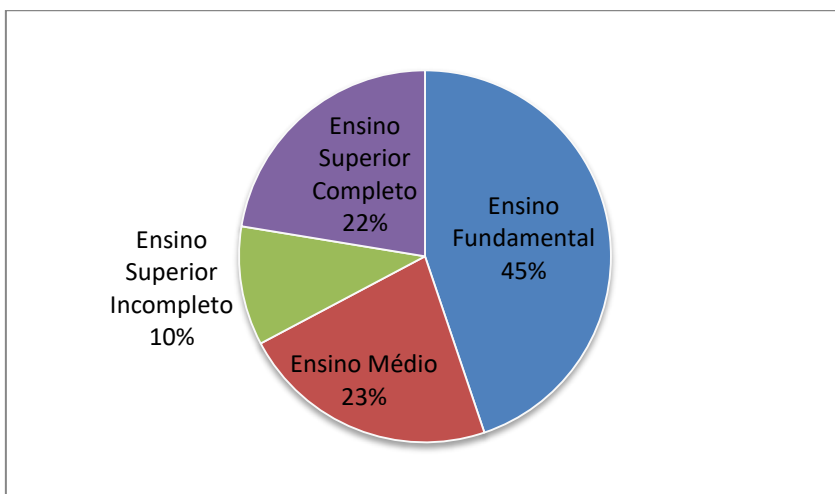
Observação: Em uma ficha aparecem dois lugares diferentes.



Formação – 58 entrevistados

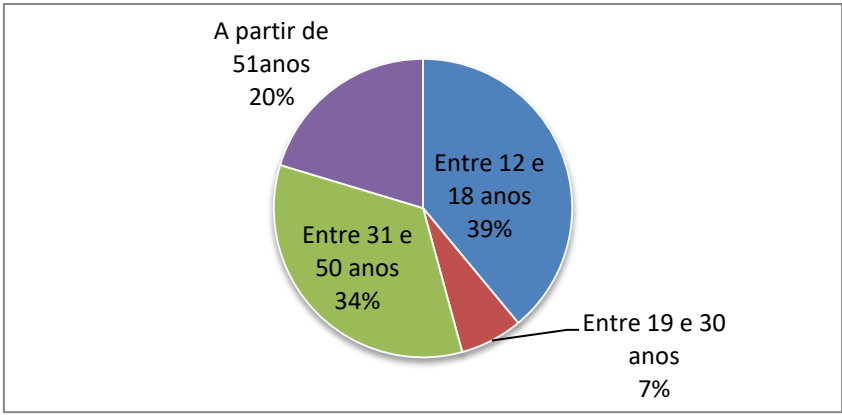
Ensino Fundamental	26
Ensino Médio	13
Ensino Superior Incompleto	06
Ensino Superior Completo	13

Observação: Um dos entrevistados não informou sua formação.



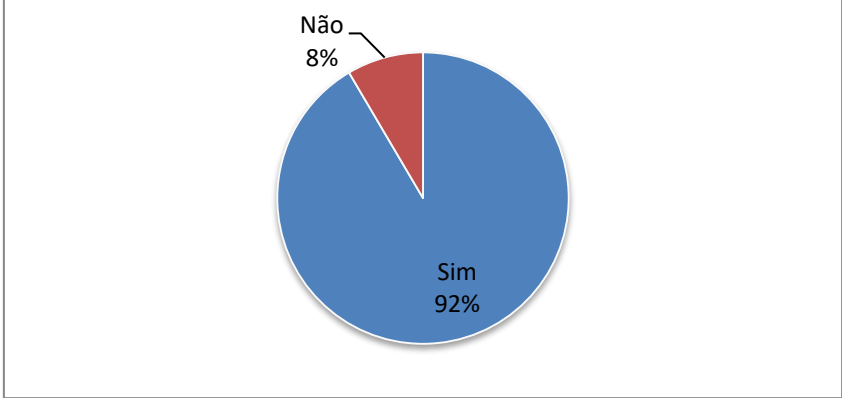
Idade – 59 entrevistados

Entre 12 e 18 anos	23
Entre 19 e 30 anos	04
Entre 31 e 50 anos	20
A partir de 51 anos	12



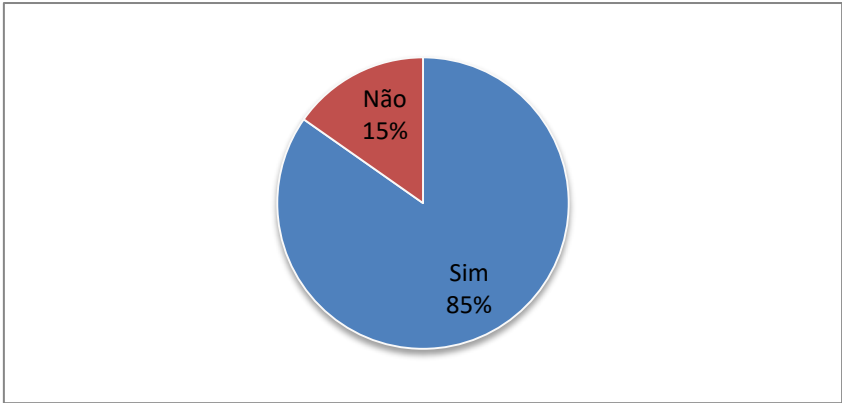
Você acredita que algumas pessoas podem ser consideradas Heróis?

Sim	54
Não	05
Total	59



Você acredita que possam existir heróis que fizeram parte da nossa História?

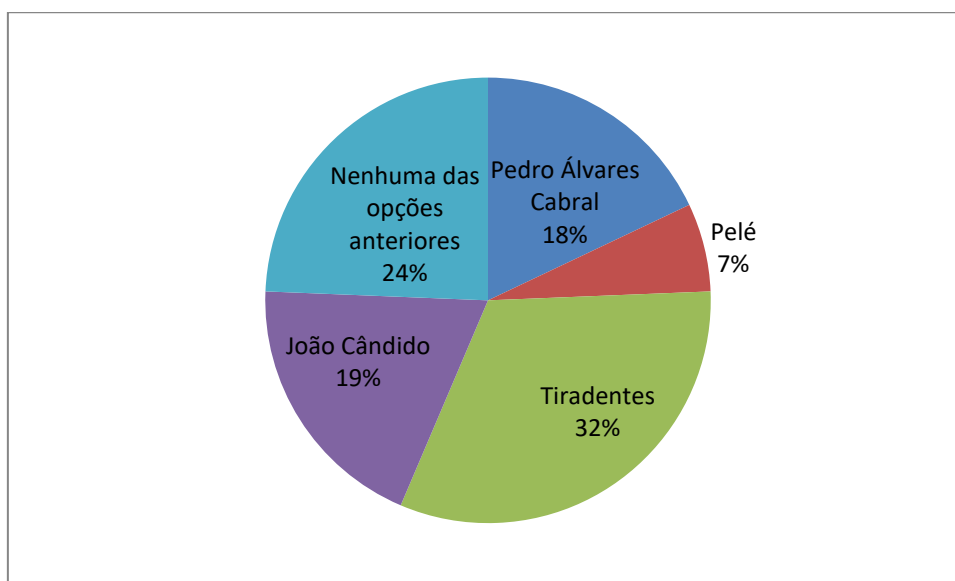
Sim	50
Não	09
Total	59



Qual ou quais dos personagens abaixo você poderia considerar um herói?

Pedro Álvares Cabral	14
Pelé	05
Tiradentes	25
João Cândido	15
Nenhuma das opções anteriores	19
Total	78

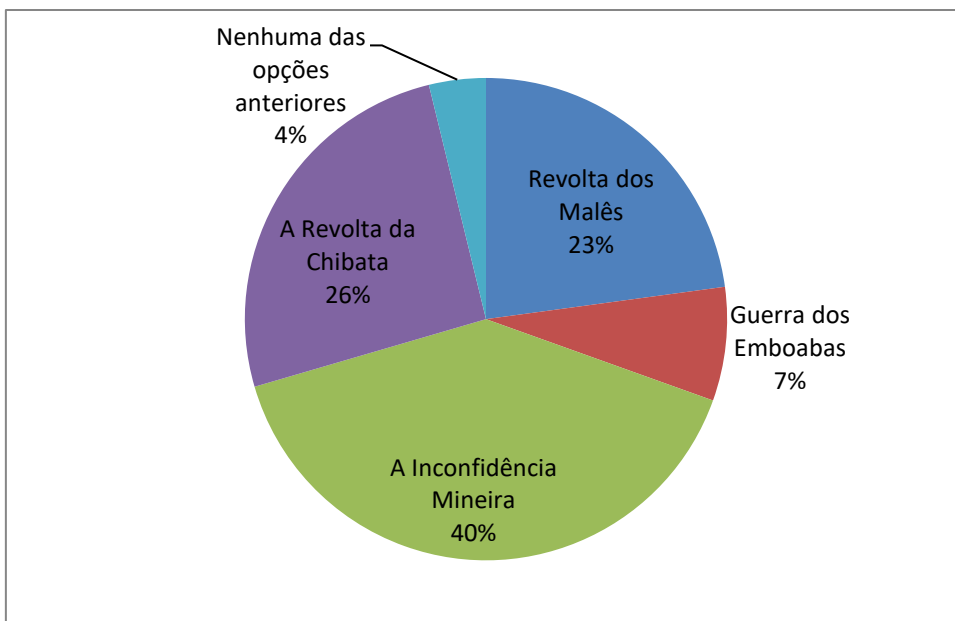
19 entrevistados escolheram mais de uma opção.



Qual ou quais dos eventos históricos abaixo ocorridos no Brasil você conhece?

Revolta dos Malês	24
Guerra dos Emboabas	08
A Inconfidência Mineira	42
A Revolta da Chibata	27
Nenhuma das opções anteriores	04

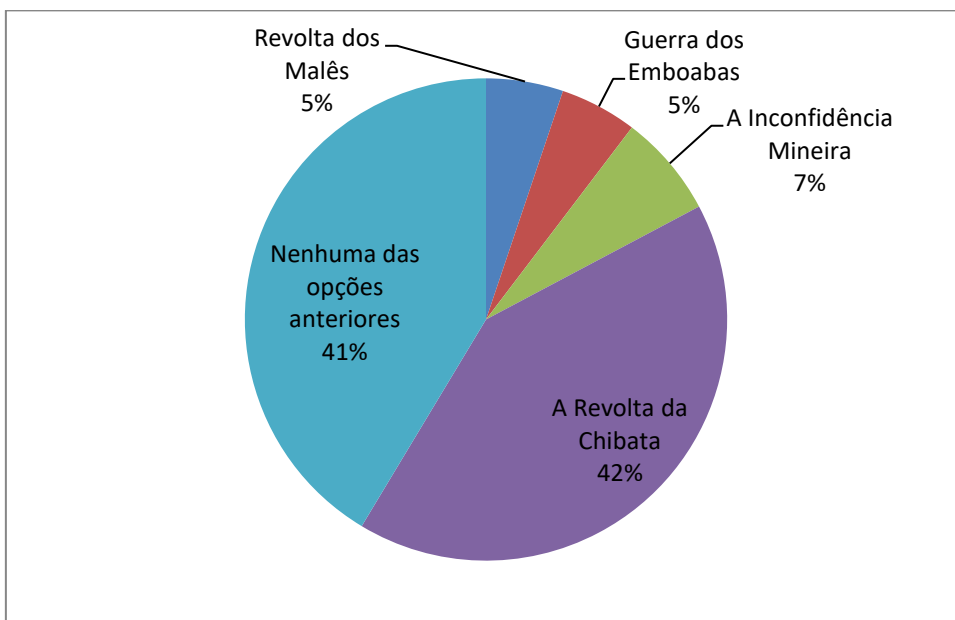
25 fichas apresentaram mais de uma opção.



Qual ou quais dos eventos históricos abaixo ocorreu no Rio de Janeiro?

Revolta dos Malês	03
Guerra dos Emboabas	03
A Inconfidência Mineira	04
A Revolta da Chibata	24
Nenhuma das opções anteriores	24

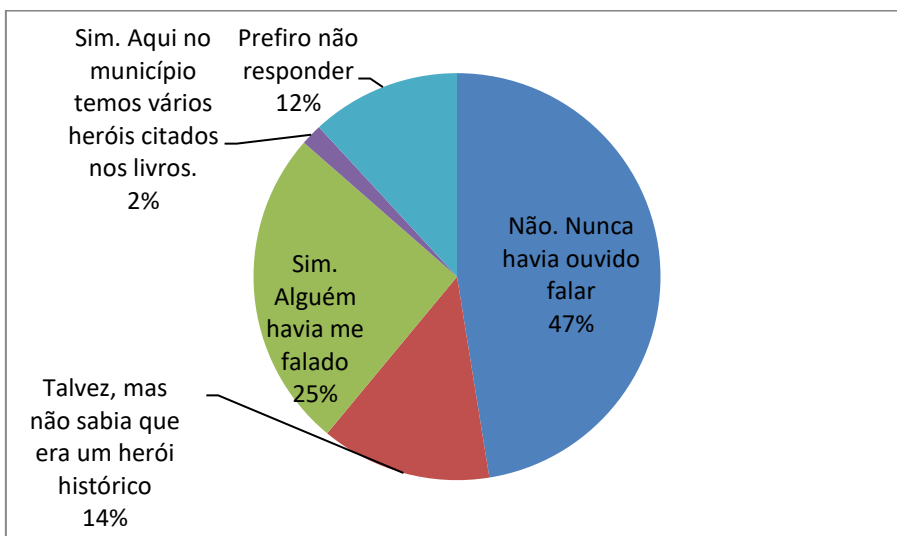
Um dos entrevistados não respondeu.



Você sabia que um dos heróis nacionais citados anteriormente foi morador do Município de São João de Meriti?

Não. Nunca havia ouvido falar	28
-------------------------------	----

Talvez, mas não sabia que era um herói histórico	08
Sim. Alguém havia me falado	15
Sim. Aqui no município temos vários heróis citados nos livros.	01
Prefiro não responder	07



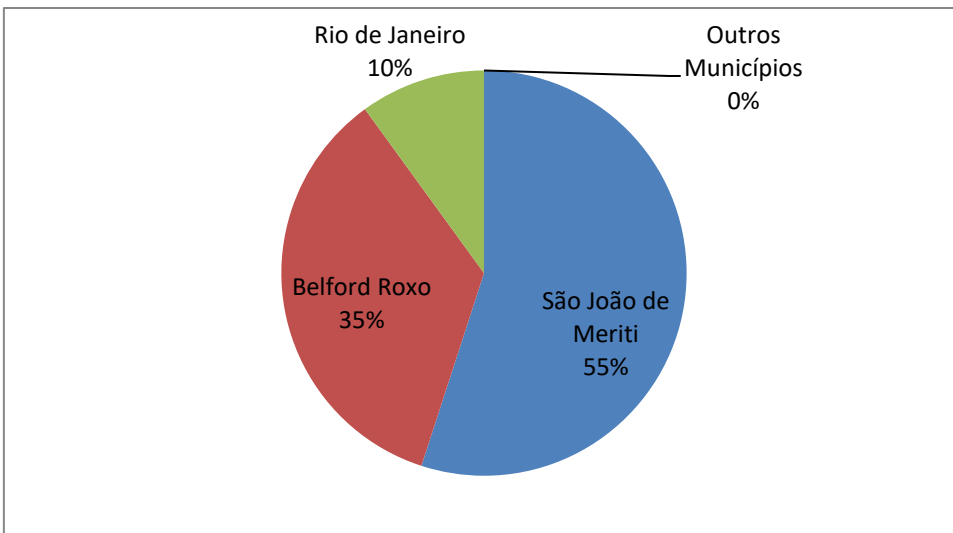
- Se você respondeu **SIM** na opção anterior, por favor diga o nome do herói histórico que você conhece.
 João Cândido: **13**
 Não responderam: **03**

Organização das Fichas das Entrevistas de João Cândido

Escola Pública

Moradia – 20 entrevistados

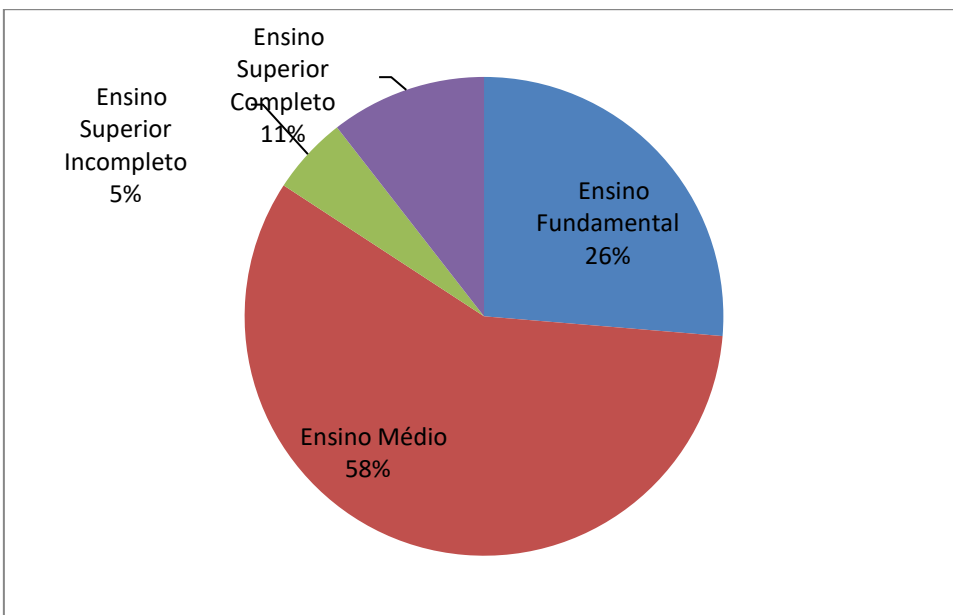
São João de Meriti	11
Belford Roxo	07
Rio de Janeiro	02
Outros Municípios	0



Formação – 20 entrevistados

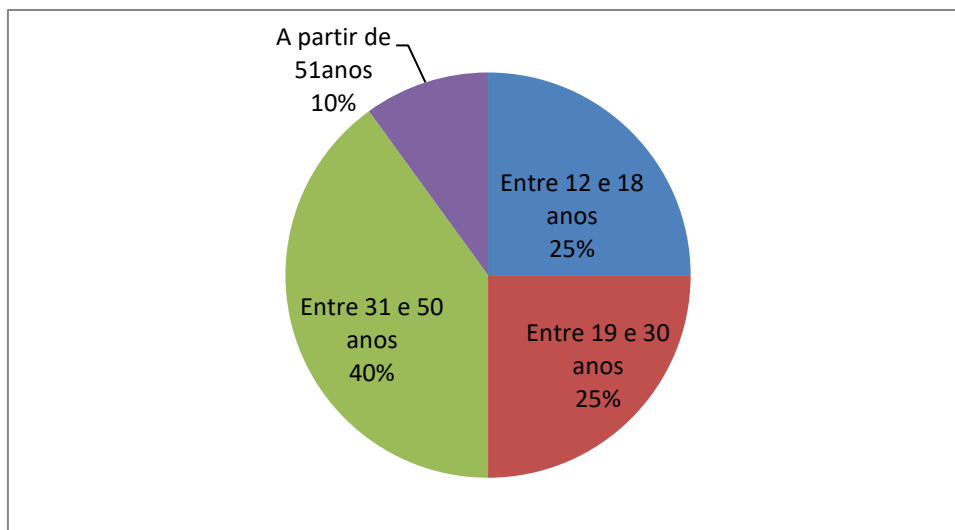
Ensino Fundamental	05
Ensino Médio	11
Ensino Superior Incompleto	01
Ensino Superior Completo	02

Um dos entrevistados não respondeu.



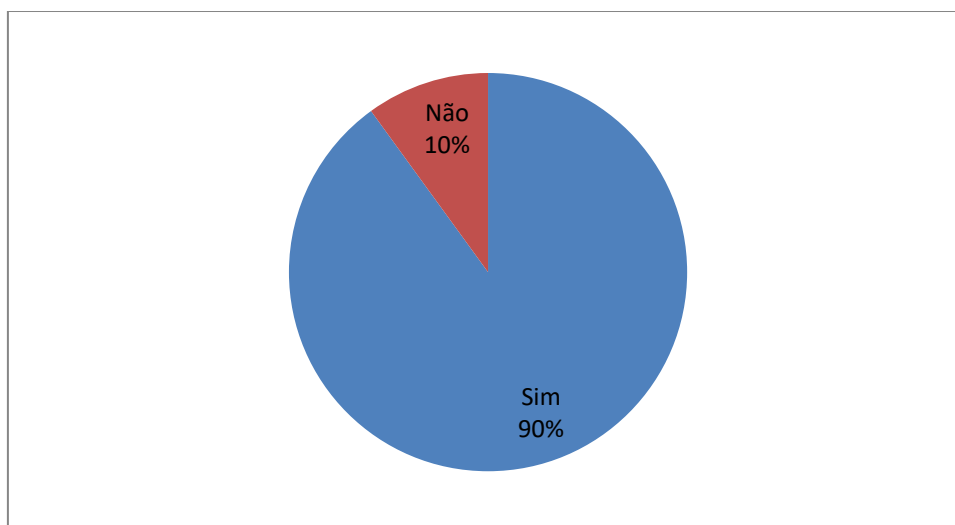
Idade – 20 entrevistados

Entre 12 e 18 anos	05
Entre 19 e 30 anos	05
Entre 31 e 50 anos	08
A partir de 51 anos	02



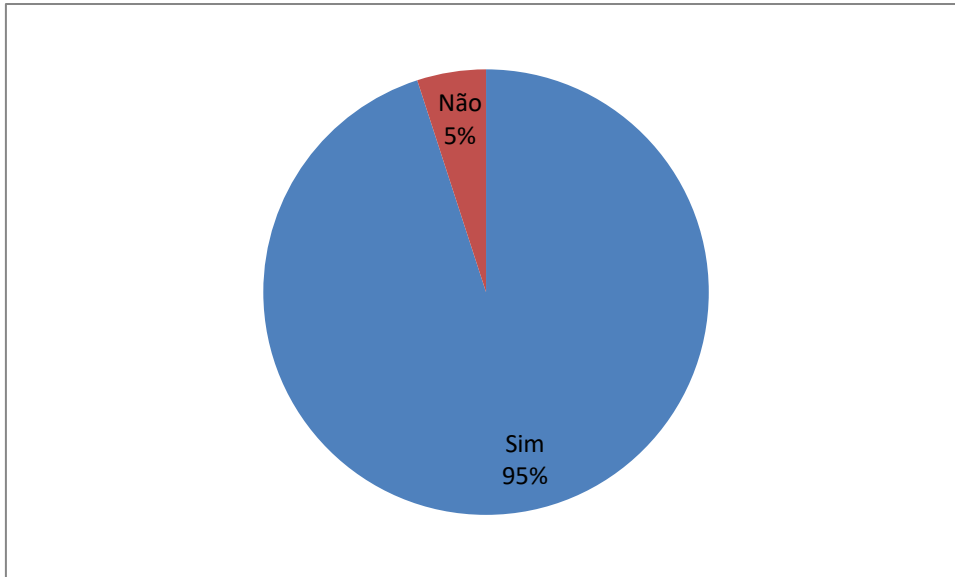
Você acredita que algumas pessoas podem ser consideradas Heróis?

Sim	18
Não	02
total	20



Você acredita que possam existir heróis que fizeram parte da nossa História?

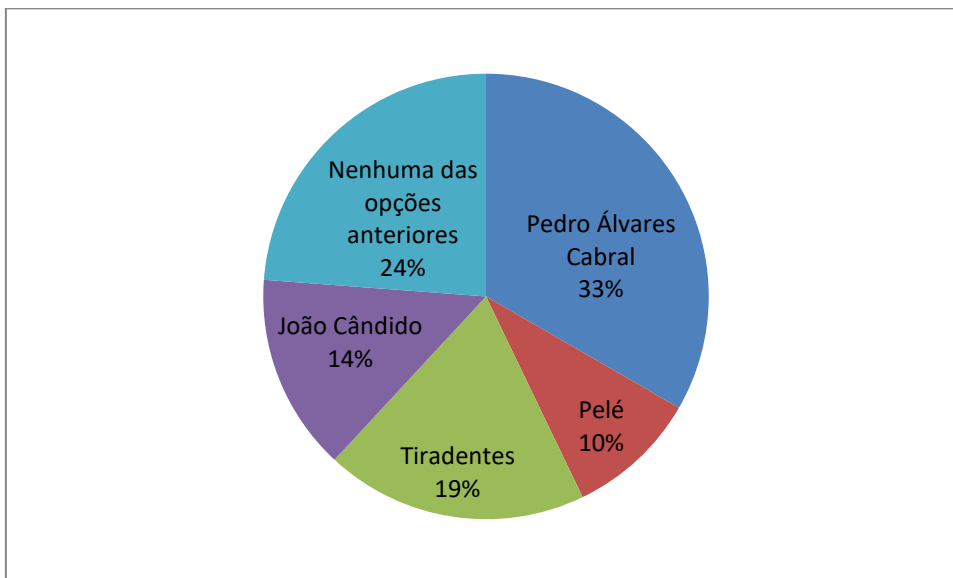
Sim	19
Não	01
total	20



Qual ou quais dos personagens abaixo você poderia considerar um Herói?

Pedro Álvares Cabral	07
Pelé	02
Tiradentes	04
João Cândido	03
Nenhuma das opções anteriores	05

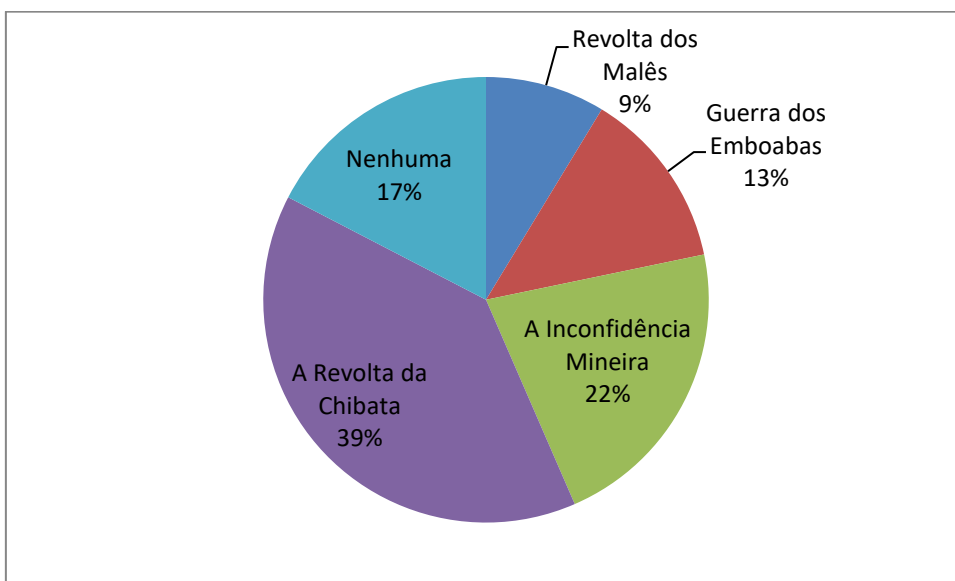
Uma das fichas apresentou mais de uma opção.



Qual ou quais dos eventos históricos abaixo ocorridos no Brasil você conhece?

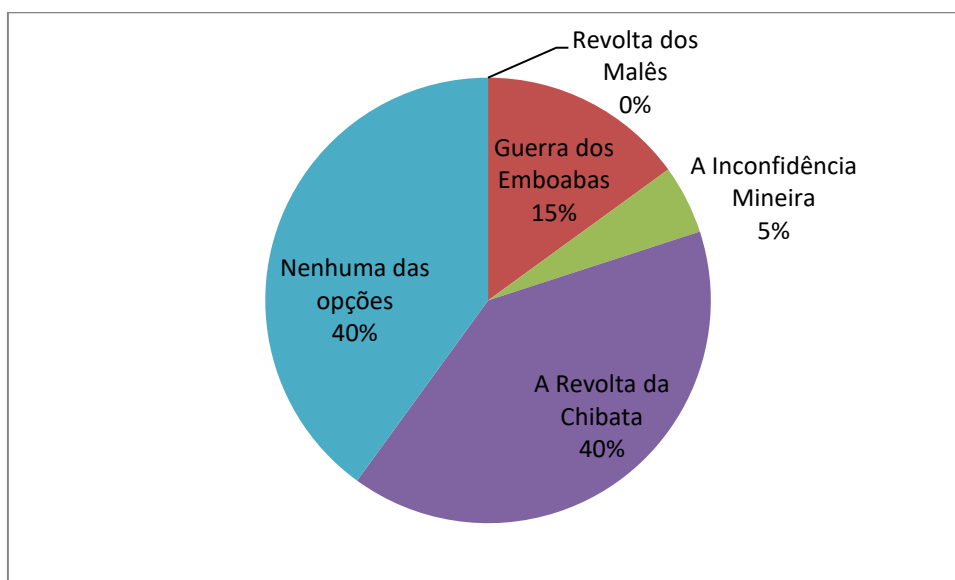
Revolta dos Malês	02
Guerra dos Emboabas	03
A Inconfidência Mineira	05

A Revolta da Chibata	09
Nenhuma	04



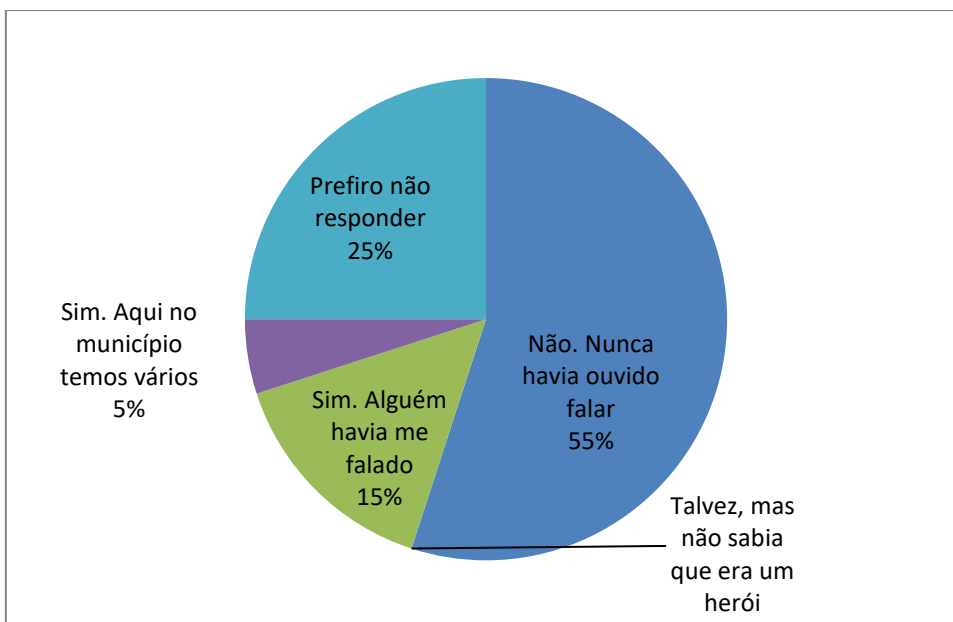
Qual ou quais dos eventos históricos abaixo ocorreu no Rio de Janeiro?

Revolta dos Malês	0
Guerra dos Emboabas	03
A Inconfidência Mineira	01
A Revolta da Chibata	08
Nenhuma das opções	08



Você sabia que um dos heróis nacionais citados anteriormente foi morador do Município de São João de Meriti?

Não. Nunca havia ouvido falar	11
Talvez, mas não sabia que era um herói	0
Sim. Alguém havia me falado	03
Sim. Aqui no município temos vários	01
Prefiro não responder	05

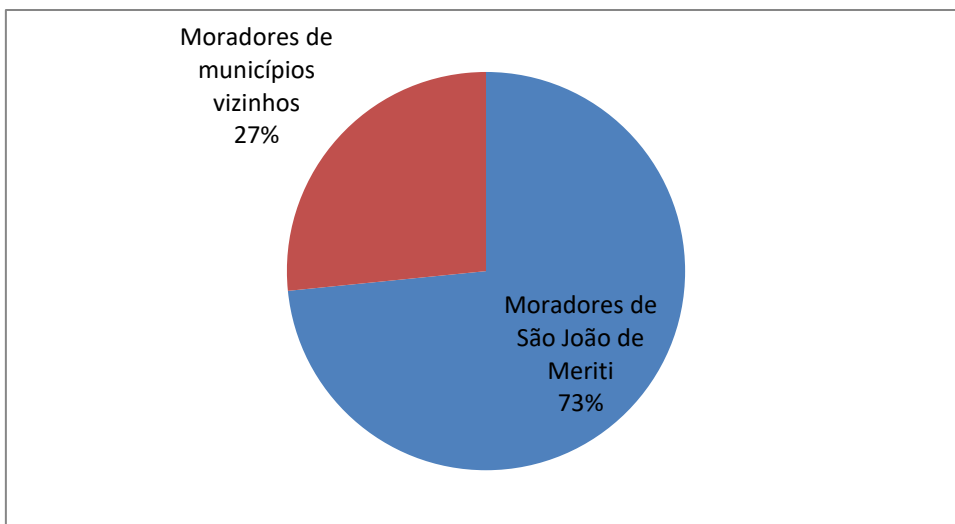


- Se você respondeu **SIM** na opção anterior, por favor diga o nome do herói histórico que você conhece.
 João Cândido: **04**
 Pedro Álvares Cabral: **01**
 Pelé: **01**
 Tiradentes: **01**

3 entrevistados colocaram não nas opções anteriores mas responderam a última pergunta.

RESULTADOS GERAIS

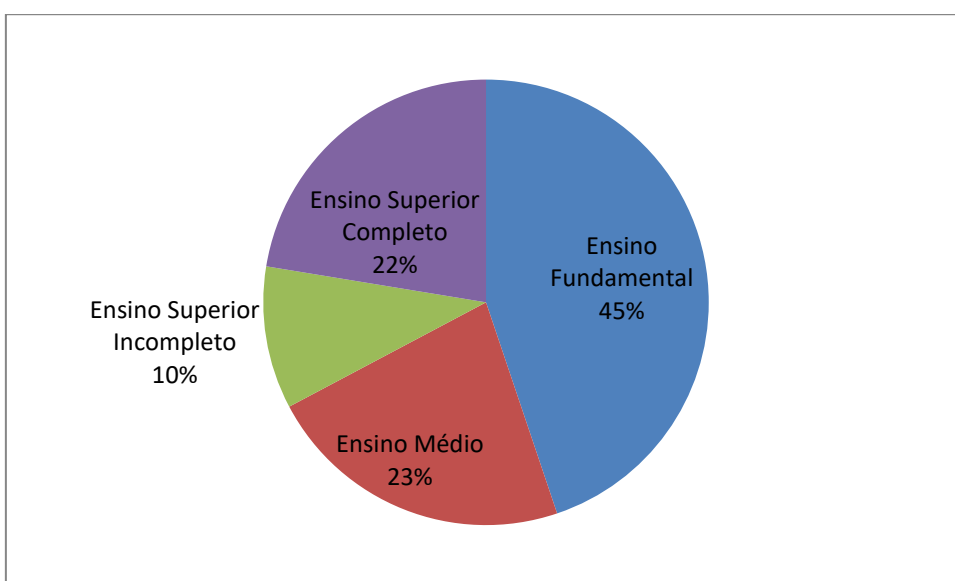
Total de entrevistados	79
Moradores de São João de Meriti	58
Moradores de municípios vizinhos	21



Formação: 58 entrevistados

Ensino Fundamental	26
Ensino Médio	13
Ensino Superior Incompleto	06
Ensino Superior Completo	13

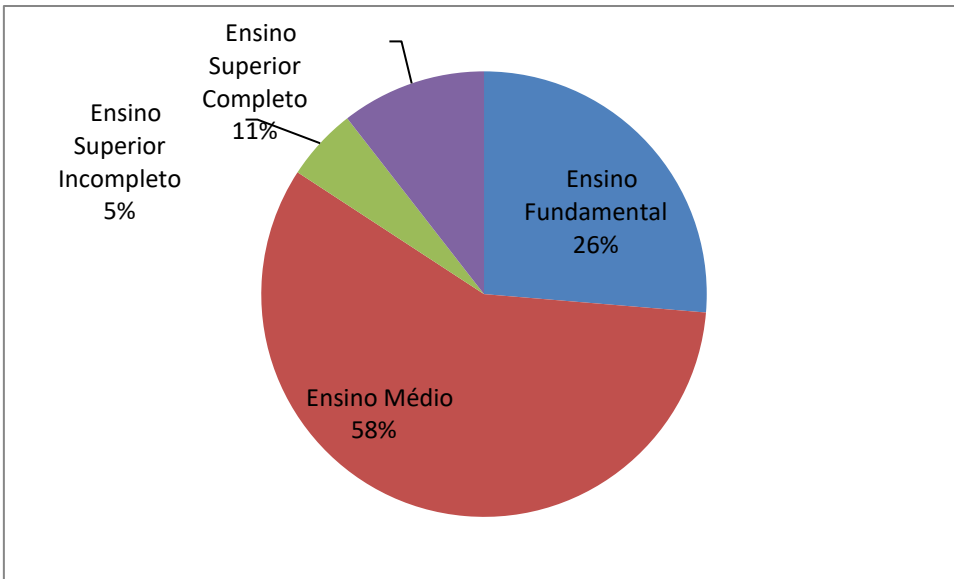
Uma ficha não foi preenchida.



Formação: 20 entrevistados

Ensino Fundamental	05
Ensino Médio	11
Ensino Superior Incompleto	01
Ensino Superior Completo	02

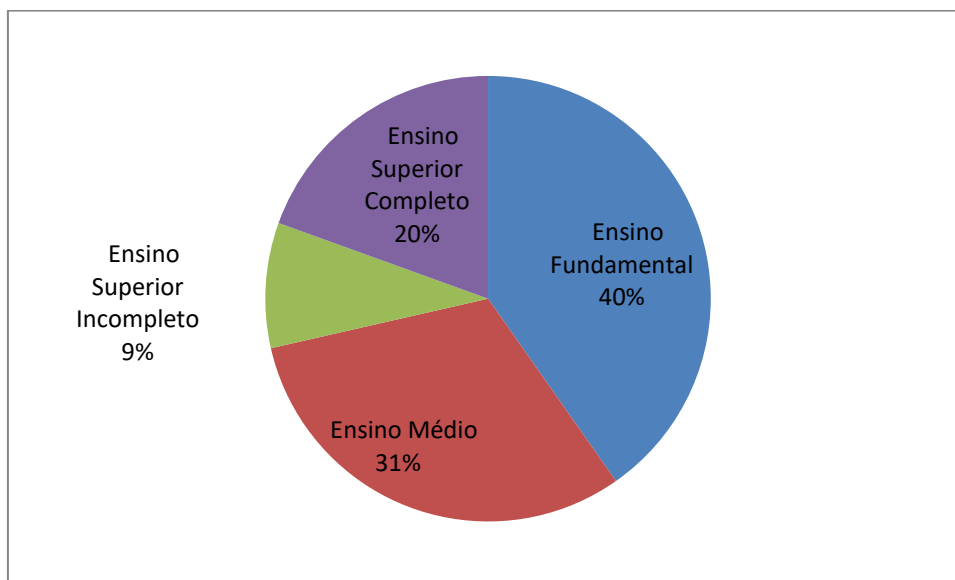
Uma ficha não foi preenchida.



Total

Ensino Fundamental	31
Ensino Médio	24
Ensino Superior Incompleto	07
Ensino Superior Completo	15

- 02 entrevistados não identificaram a formação.

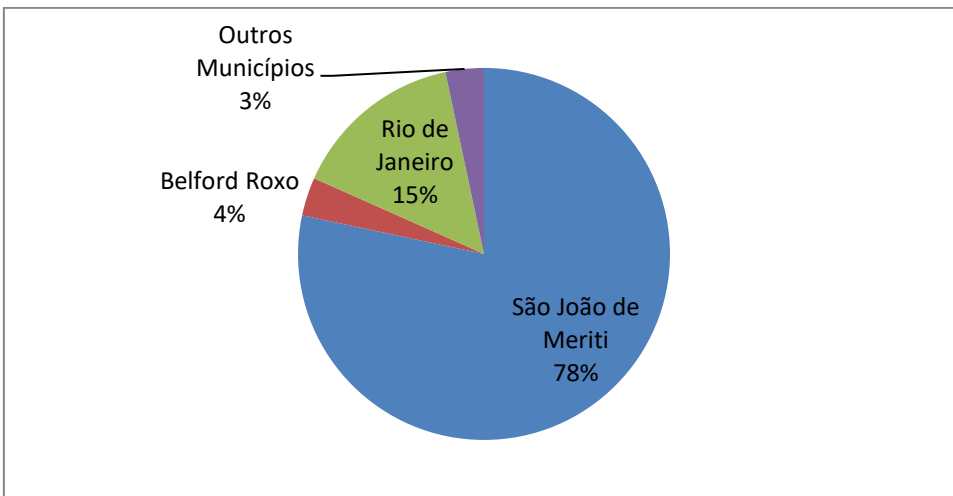


Moradia – 59 entrevistados

São João de Meriti	47
Belford Roxo	02
Rio de Janeiro	09

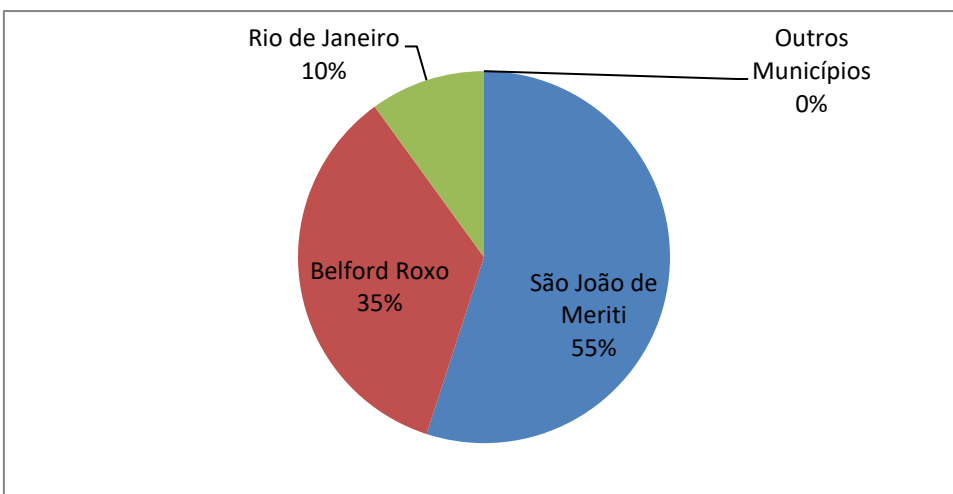
Outros Municípios	02
-------------------	----

- Uma das fichas aparece 02 lugares.



Moradia – 20 pessoas

São João de Meriti	11
Belford Roxo	07
Rio de Janeiro	02
Outros Municípios	0



ANEXO 03: Depoimentos dos participantes da encenação sobre a vida de João Cândido

Professora de matemática da rede estadual de ensino docente no município de São João do Meriti.

Encaminhado via WhatsApp em 28 de novembro de 2019.

Na aplicação dos questionários percebi que muitos alunos não conheciam João Cândido. Mesmo sendo moradores de São João de Meriti, alguns nunca ouviram sobre o Almirante antes. Notei o espanto de muitos deles sobre a vida do Almirante. Especialmente, por três fatos. Sobre o Almirante: negro, militar e morador da Baixada Fluminense.

No decorrer do projeto até o dia da culminância, os estudantes que participaram da encenação se apropriaram bastante da leitura. Um grupo fez alguns questionamentos. Acredito que a abordagem cênica auxiliou para que eles compreendessem a importância histórica do Almirante.

Estudante 1 do ensino fundamental II da rede particular de ensino no município de São João do Meriti.

Encaminhado via WhatsApp em 26 de maio de 2020.

No projeto África fizemos um teatro sobre João Cândido no qual eu participei fazendo parte do figurino e cenário. Pra mim foi incrível e muito importante para a nossa turma, e na minha opinião outras pessoas deveriam começar a fazer projetos como esse pois quando o nosso professor Rangel veio nos falar que no teatro iríamos falar sobre o Almirante Negro João Cândido todos da turma ficaram um pouco confusos pois ninguém sabia quem era João Cândido, todos nós e outros moradores do município de São João de Meriti nunca tínhamos ouvido falar ou não sabíamos sua história. Fazer parte, construir e participar desse projeto foi maravilhoso, foi o primeiro contato que a nossa turma teve com o teatro, mesmo assim os professores confiaram na gente e nós entramos de cabeça. Alunos fizeram roteiros, atuaram, criaram figurinos, fizemos muitas pesquisas e ficamos bem interessados na sua história. O teatro nos fez absorver, entender e reconhecer o nosso herói da baixada fluminense. Nunca vou esquecer desses dias. Só tenho a agradecer a todos os alunos, professores e principalmente ao Rangel.

Estudante 2 do ensino fundamental II da rede particular de ensino no município de São João do Meriti.

Encaminhado via WhatsApp em 28 de maio de 2020.

Particularmente, adorei participar desse projeto até porque não conhecia a história de João Cândido, nem da Revolta da Chibata, a qual ele foi o líder. Nós relacionamos a palavra “herói” aos personagens de filmes como Homem Aranha e outros, porém esquecemos de valorizar os heróis da vida real como João Cândido, que foi um cidadão como qualquer outro e viveu em meu município assim como eu, minha família e amigos. Depois de estudar sobre o assunto e participar da peça, vi o quão importante são projetos como este, pois assim como eu, muitos alunos e as pessoas que assistiram a nossa peça não conheciam este herói e muito menos a importância que ele teve na sociedade e na história do Brasil. Sendo assim, o projeto nos fez abranger mais conhecimentos e aprendermos a conviver em equipe, dou o meu agradecimento aos meus colegas de turma que fizeram com que a peça fosse excelente e ao meu querido professor Edilson Rangel que foi o principal responsável pela “mágica” acontecer.

Estudante 3 do ensino fundamental II da rede particular de ensino no município de São João do Meriti.

Encaminhado via WhatsApp em 28 de maio de 2020.

A peça sobre João Cândido foi um grande desafio, pelo fato de que eu não sabia sobre ele e sua história. Foi excelente saber que um herói como João Cândido viveu em nossa cidade, que é tão desvalorizada por nós mesmos que moramos aqui. Essa peça me inspirou a olhar de uma forma diferente a nossa cidade, com muito mais orgulho e mostrou que heróis podem vir de qualquer lugar. Essa peça foi muito importante culturalmente para mim e para nunca desistir dos meus direitos assim como João Cândido fez. Gostaria de agradecer a confiança que você depositou em mim.

.

.

Estudante 4 do ensino fundamental II da rede particular de ensino no município de São João do Meriti.

Encaminhado via WhatsApp em 26 de maio de 2020.

Antes da peça, eu não fazia ideia da grandeza e importância de João Cândido para a Marinha brasileira e para a nossa cidade. Durante e após a peça fui percebendo que nosso município não tem somente coisas ruins e arruinadas, mas também coisas e memórias boas e com a Revolta da Chibata João Cândido nos mostrou isso.

Estudante 5 do ensino fundamental II da rede particular de ensino no município de São João do Meriti.

Encaminhado via WhatsApp em 26 de maio de 2020.

Antes da peça eu não tinha escutado nada sobre João Cândido e sua história, talvez tenha visto alguma imagem ou pessoas falando seu nome, mas nada muito aprofundado. Porém, após nosso trabalho e uma pesquisa para o mesmo, descobri que vivia aqui na baixada fluminense, lugar onde reside nossa escola, e sua importância para o fim das chibatadas nos marinheiros, e mesmo assim não se fala muito dele, nem nas matérias de história nem pelos próprios moradores.

O ensinamento que essas peças nos trazem são novas histórias de pessoas que fizeram a diferença e não são reconhecidas como um símbolo nacional, como no caso do João Cândido, que fez a diferença e foi líder da Revolta da Chibata.

Estudante 6 do ensino fundamental II da rede particular de ensino no município de São João do Meriti.

Encaminhado via WhatsApp em 26 de maio de 2020.

Sinceramente falando, eu nunca tinha ouvido falar sobre João Cândido. Obviamente, durante a efetivação da peça, tivemos que aprender para poder saber sobre o que nós estávamos falando. Depois de saber toda a história que envolvia João Cândido eu pensei e continuo pensando que essa deveria ser uma pauta bem trabalhada em todas as escolas, mas em especial, as da baixada, porque o Almirante Negro foi e ainda é o herói da Baixada Fluminense. Temos que ter consciência que não existem somente heróis como o capitão América ou o Homem de Ferro, temos que saber que existiu um herói bem aqui pertinho da gente e sinto que reconhecer isso faz a sociedade da baixada sentir mais orgulho do lugar onde você estuda, trabalha, mora.

Estudante 7 do ensino fundamental II da rede particular de ensino no município de São João do Meriti.

Encaminhado via WhatsApp em 26 de maio de 2020.

Minha experiência com o projeto África 2019

A cada ano que se passa em minha concepção, o projeto África vem se tornando mais inovador. Tive o prazer de participar do mesmo por dois anos seguidos. No último tive o privilégio de participar como narrador em uma peça teatral, onde o trabalho da turma foi mostrar a história do marinheiro João Cândido, um verdadeiro herói brasileiro.

Nosso objetivo com essa apresentação foi mostrar que não importa onde nascemos, qual classe social pertencemos ou a cor temos, possuímos a mesma chance de nos tornarmos heróis mesmo não sendo conhecidos. João Cândido foi a prova viva que isso era possível, indo atrás de seus direitos, mesmo tendo como consequência ser expulso de sua paixão de ser marinheiro, ou até mesmo abrindo mão de sua vida para que isso fosse possível.

Apesar de não possuir o mesmo reconhecimento que Tiradentes ou Duque de Caxias, João Cândido foi sim um herói. Por esse motivo é de extrema importância projetos como o nosso, com o fim de divulgar seus feitos, seus trabalhos, não apenas dele mas como muitos outros heróis pouco conhecidos.

Estudante 8 do ensino fundamental II da rede particular de ensino no município de São João do Meriti.

Encaminhado via WhatsApp em 26 de maio de 2020.

Antes de realizarmos o trabalho eu não o conhecia e nem sabia de sua história, porém o trabalho que realizamos me fez perceber o quão importante ele foi para a Revolta da Chibata e para a História do Brasil. O que mais me deixa triste é saber que ele não é um símbolo nacional reconhecido pelas pessoas e também pela Marinha no qual João Cândido lutou a favor do fim das chibatadas como castigo para os marinheiros e aumento salariais, assim liderando a Revolta da Chibata. Peças teatrais em praças com o tema sobre João Cândido deveriam ser feitos com mais frequência para que as pessoas passem a saber que no Brasil há muitos outros heróis que a história não conta e que por pouco que eles tenham feito, isso poderia ter mudado a história do Brasil.